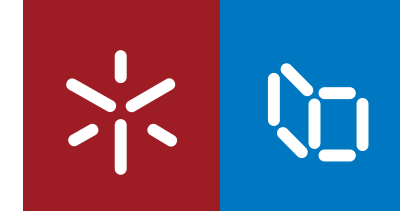




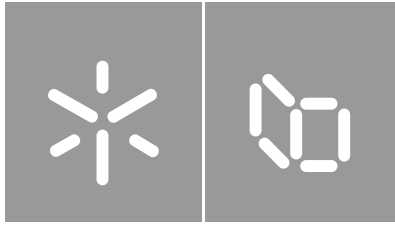
Gisele Barbosa Pessanha

**As representações histórico-socioculturais de Moçambique através de sua literatura de escrita feminina: contributos interculturais para aulas de PLNMM**

**Universidade do Minho**  
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas







**Universidade do Minho**

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Gisele Barbosa Pessanha

**As representações histórico-socioculturais de Moçambique através de sua literatura de escrita feminina: contributos interculturais para aulas de PLNMM**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Português Língua Não Materna – Português Língua Estrangeira e Língua Segunda

Trabalho efetuado sob a orientação da

**Professora Doutora Ana Maria Silva Ribeiro**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**  
**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## **Dedicatória**

“A VITÓRIA É NOSSA PELO SANGUE DE JESUS.”

( Fidelina da Silva Barbosa )

Minha vó ( in memoriam )

## **Agradecimentos**

Diz a sabedoria popular que por trás de um grande êxito individual há uma imensa rede de apoio. De fato, *uma andorinha só não faz verão* e o suporte incondicional das pessoas que nos cercam fortalece e antecipa a nossa chegada. Portanto, neste momento de tão singular conquista em minha vida, não poderia deixar de agradecer àqueles que acreditaram no meu potencial, que me encorajaram e que me fizeram não temer a estrada do conhecimento.

Primeiramente agradeço a Deus que me fez prosperar por meio da fé. Que me amparou, me acolheu e me reconduziu a caminhos mais sólidos e promissores. Cada lágrima caída, cada noite em claro foram certamente abraçadas pela vossa infinita Misericórdia.

Agradeço à minha brilhante orientadora, Professora Ana Ribeiro da Universidade do Minho, que sempre de forma competente e solícita me direcionou para ideias mais exequíveis para a escrita da presente dissertação. Decerto o meu apreço pela literatura encontrou nas aulas da professora a chama de que precisava para enfim abrasar. Igualmente demonstro gratidão a todos os professores da ELACH com os quais muito aprendi ao longo deste mestrado.

Ao meu marido Eraldo Borel por ter dado todo suporte para que eu pudesse concretizar mais uma etapa de minha vida. É de fato muito bom caminhar com quem vibra com as nossas vitórias.

À minha filha, Lívia Borel, minha melhor amiga. Que mesmo com tão pouca idade me incentiva a sempre buscar a minha melhor versão. Sinto um imenso orgulho de ti.

Às minhas irmãs Fabiana e Elaine que trilharam um longo caminho comigo. Nossas experiências juntas foram força motriz para que eu pudesse desbravar novos mundos. Aprendi, inclusive, que saber lidar com as diferenças nos mostra um mundo bem mais diverso e com leques de possibilidades.

Ao meu pai, Elijó da Mata, que por erros e acertos, demonstra diariamente carinho por mim. Obrigada por cada momento feliz ao seu lado.

Finalmente, um agradecimento especial a duas pessoas que são as reais responsáveis pela minha trajetória: minha vó Fidelina Barbosa ( in memoriam ) e minha mãe Efigênia Barbosa. Obrigada por todo sacrifício que despenderam para que eu pudesse realizar sonhos. Sem vocês a minha vida seria bem mais árdua e sem o acalanto tão impertativo neste mundo por vezes cruel.

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente torcem por mim e querem o meu bem.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## Resumo

Segundo Noa (2019, pp.18-19), há um compromisso marcante da literatura moçambicana em aliar escrita e sociedade, reforçando não só aspectos históricos e culturais, mas também políticos. Portanto, no decorrer da trajetória desse recente país, escritores deram destaques às diversas situações correntes, enfatizando anseios e lacunas de cada fase histórica dessa nação emergente. Dentre esses escritores há uma minoria feminina que, devido ao passado colonial, às tradições e ao patriarcado, chega tardiamente ao cenário literário. Entre os temas abordados em seus escritos estão: a poligamia, os ritos de iniciação, a luta pela libertação, a guerra civil, o colonialismo, configurando um rico material histórico sociocultural há muito tempo negligenciado.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas pontua que “o conhecimento dos valores partilhados e das crenças dos grupos sociais doutros países e regiões, tais como crenças religiosas, tabus, história comum, etc., são essenciais para a comunicação intercultural”. (QECRL, 2001, p.31). Portanto, é mister desenvolver nos aprendentes de PLNM uma consciência transcultural para o estabelecimento da empatia, do reconhecimento e da aproximação de diferentes saberes.

Em vista disso, por meio de propostas didáticas, a partir de obras de Noémia de Sousa, Lília Momplé e Paulina Chiziane, esta dissertação visa recuperar duas marginalidades: a das vozes africanas no ensino de PLNM e, dentro destas, as vozes femininas, margem da margem.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, Lília Momplé, Literatura Moçambicana, Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Português Língua Não Materna.



## **Abstract**

According to Noa (2019, pp.18-19), there is a significant commitment in Mozambican literature to align writing with society, reinforcing not only historical and cultural aspects but also political ones. Therefore, writers have highlighted various current situations throughout this young nation's history, emphasizing the aspirations and gaps of each historical phase of this emerging nation. Among these writers, there is a minority of women who, due to the colonial past, traditions, and patriarchy, arrived late on the literary scene. The themes addressed in their writings include polygamy, initiation rites, the struggle for liberation, civil war, and colonialism, forming a rich socio-cultural historical material that has long been neglected.

The Common European Framework of Reference for Languages states that "knowledge of shared values and beliefs of social groups from other countries and regions, such as religious beliefs, taboos, common history, etc., is essential for intercultural communication" (CEFR, 2001, p.31). Therefore, it is essential to develop transcultural awareness in learners of Portuguese as a non-native language to establish empathy, recognition, and connection with different knowledge systems.

In light of this, through didactic proposals based on the works of Noémia de Sousa, Lília Momplé, and Paulina Chiziane, this dissertation aims to recover two forms of marginalization: the marginalization of African voices in the teaching of Portuguese as a non-native language and, within these voices, the marginalization of women, the margin within the margin.

**Keywords:** Interculturality, Lília Momplé, Mozambican Literature, Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Portuguese as a Non-Native Language

## Índice

Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Lista de Siglas.....	ix
Introdução.....	10
1) Literatura e cultura moçambicanas no ensino de PLNM.....	12
1.1. A cultura na literatura moçambicana.....	13
1.2. O uso da literatura no ensino de LE.....	15
1.3. O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas e a consciência intercultural.....	17
1.3.1. A interculturalidade e o papel do professor nas aulas de português como língua não materna.....	18
2) A trajetória histórico-social e política da mulher moçambicana: período pré-independência e pós-independência.....	20
2.1. A mulher moçambicana no período colonial.....	21
2.1.1. <i>O Brado Africano</i> e o papel das mulheres.....	21
2.1.2. FRELIMO e o papel da mulher na luta pela libertação de Moçambique.....	22
2.2. A situação da mulher no período pós-independência.....	23
2.2.1. A OMM e os movimentos sociais em prol da mulher moçambicana.....	24
2.3. Desafios para as mulheres moçambicanas do século XXI.....	25
3) A literatura moçambicana de escrita feminina.....	27
3.1. O anulamento das vozes femininas em Moçambique.....	29
3.2. Escritoras moçambicanas e a importância de suas obras nas aulas de português como língua não materna.....	31
3.2.1. Noémia de Sousa.....	33
3.2.2. Lília Momplé.....	34
3.2.3. Paulina Chiziane.....	36
4) Propostas didáticas com foco no alargamento de competências interculturais.....	38
4.1. <i>Sangue Negro</i> de Noémia de Sousa.....	39
4.2. <i>Ninguém matou Suhura</i> de Lília Momplé.....	60
4.3. <i>Neighbours</i> de Lília Momplé.....	82
4.4. <i>Niketche, uma história de poligamia</i> de Paulina Chiziane.....	113
4.5. <i>Niketche, uma história de poligamia</i> de Paulina Chiziane.....	127
4.6. Conto “Mutola, a ungida” em <i>Andorinhas</i> de Paulina Chiziane.....	147
Conclusão.....	163
Bibliografia.....	164

## **Lista de Siglas**

**ELACH** \_ Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

**FRELIMO** \_ Frente de Libertação de Moçambique

**LE** \_ Língua Estrangeira

**MPLNM- PLE** \_ Mestrado de Português Língua Não Materna – Português Língua Estrangeira / Língua Segunda

**MULEIDE** \_ Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento

**NEPAD** \_ Nova Parceria para o Desenvolvimento de África

**OMM** \_ Organização da Mulher Moçambicana

**PLE** \_ Português Língua Estrangeira

**PLNM** \_ Português Língua Não Materna

**QECRL** \_ Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

**RENAMO** \_ Resistência Nacional Moçambicana

**TL** \_ Texto literário

**UM** \_ Universidade do Minho

## Introdução

Esta presente dissertação, no âmbito curricular do Mestrado em Português Língua Não Materna – Português Língua Estrangeira/Língua Segunda (MPLNM – PLE/L2) da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas (ELACH) da Universidade do Minho (UM), objetiva evidenciar as contribuições histórico-socioculturais moçambicanas contidas na sua literatura de escrita feminina, para o alargamento de competências interculturais em aulas de Português Língua Não Materna (PLNM). Tais contributos serão apresentados em propostas didáticas, a fim de subsidiar práticas docentes conscientes, cujas temáticas percorram inerências históricas, sociais, políticas e culturais de Moçambique. Há, portanto, uma intenção de trabalhar com uma literatura marginalizada, resultante de apagamentos ao longo de vários anos.

Limitar o ensino de português como língua não materna ao eixo Brasil/Portugal contraria as preconizações do QECRL (2001, p.21), que prima pelo alargamento cultural: *adquirir um conhecimento mais vasto e mais profundo sobre o modo de vida e a mentalidade de outros povos, assim como sobre o seu património cultural*. Logo, promover o entrelaçar de culturas diversas, submerso em demais competências para o aprendizado de uma língua estrangeira, desponta como uma prática docente cara. A este propósito, é importante frisar que habitam também o terreno lusófono: Angola, Cabo-verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, países cujas histórias, culturas e literaturas são inúmeras vezes negligenciadas e omitidas em livros didáticos.

Nesse emaranhar de vozes esquecidas, há ainda as menos vozeadas: as das mulheres. Sujeitas ao patriarcado, às religiões e às tradições, estas pouca visibilidade ganham no âmbito extra doméstico. É ainda mais gravosa a situação de mulheres oriundas de países colonizados. No campo literário africano, constata-se em antologias, apenas 12% de produção poética feminina desde o século XIX. (Padilha, 2006, p.472). Em Moçambique, os poemas da escritora Noémia de Sousa (redigidos entre 1948 e 1951) foram apenas publicados em 2001. A primeira publicação feminina em Moçambique veio em 1990, com a escritora Paulina Chiziane. Dessa forma, há uma lacuna literária de escrita feminina que nos condicionou a ver a história sociocultural de Moçambique de forma incompleta por muitos anos.

Tendo em vista as considerações explicitadas e tencionando o atingimento de seus objetivos, esta dissertação apresenta-se dividida em quatro capítulos.

O primeiro capítulo está centrado na relação entre literatura e cultura moçambicanas. Discorre sobre a relevância do uso de textos literários para o aprendizado de uma LE, com foco na competência

intercultural. Além disso, disserta sobre as diretrizes do QECRL, culminando na atuação do professor e seu protagonismo no processo de ensino-aprendizagem do português como língua não materna.

O segundo capítulo posiciona socialmente e historicamente as mulheres moçambicanas nos períodos pré e pós independência. Enfatiza os desafios atuais ainda a serem enfrentados, visando à igualdade de gênero em Moçambique. Este capítulo é crucial para o entendimento das ausências literárias femininas neste país.

No terceiro capítulo, questões históricas sobre a literatura de Moçambique são explicitadas, destacando a de escrita feminina. Há também o detalhamento de vida e obra de escritoras moçambicanas de altíssima relevância: Noémia de Sousa, Lília Momplé e Paulina Chiziane. Ademais, preocupa-se em justificar a utilização das obras dessas escritoras em aulas de PLNM, classificando-as como receptáculos histórico socioculturais.

O quarto capítulo nos apresenta propostas didáticas com foco no alargamento histórico sociocultural, para o ensino de português como língua não materna. Cada proposta está centrada em temáticas que percorrem o campo social, político, cultural e histórico.

Por fim, a conclusão discorre sobre a premência de práticas pedagógicas mais abrangentes e inclusivas.

# 1) Literatura e cultura moçambicanas no ensino de PLN

## Introdução

No que tange à definição de cultura, diversos conceitos têm sido apresentados ao longo dos anos. Neste trabalho, primeiramente, prender-me-ei à ideia de cultura resumida por Eagleton (2000, p.50): “a cultura pode ser resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem a forma de vida de um grupo específico”.

Desta forma, analisar os aspectos culturais de uma determinada comunidade implica decifrar inúmeras variáveis que compõem aquele sistema social. Ainda segundo Eagleton (2000, p.40), a ideia de cultura começou a ganhar proeminência devido aos seguintes contextos:

(...) quando se torna a única alternativa aparente a uma sociedade degradada; quando parece que, sem uma profunda alteração social, a cultura na acepção das belas-artes e da excelência de vida já não serão possíveis; quando proporciona os termos em que um grupo ou um povo procuram a sua emancipação política; e quando um poder imperialista é obrigado a transigir com a forma de vida daqueles que subjuga.

Logo, a noção moderna de cultura reflete os ideais do nacionalismo e do colonialismo. (Eagleton, 2000, p.40)

Somando aos conceitos de Eagleton, Xavier (2007, p.80) pontua ser cultura um conceito heterogêneo que abarca aspectos históricos e geográficos. Inclusivamente, segundo Xavier (*ibidem*) é falha a ideia da existência de uma única cultura nacional. Pensar em “transcultural” tornar-se-ia um conceito mais oportuno devido às trocas culturais existentes no atual mundo globalizado. Estaríamos falando sobre pluralismo e hibridismo cultural.

A componente cultural sempre foi uma característica marcante na Literatura moçambicana (Noa, 2019, p.12). Recriar as potencialidades culturais de Moçambique, ainda que imersos em uma “estética literária assimilada”, ressalta seu lugar de pertencimento. Noa (*ibidem*) enfatiza o conhecimento não estático da literatura, que corresponde às experiências adquiridas ao longo do tempo.

Sob esses conceitos, visando à sua independência política, Moçambique, através de sua literatura, destacou pontos culturais que evidenciaram traços característicos de sua comunidade. Isso se deve ao fato de que havia uma necessidade de ruptura com a cultura do colonizador e a proteção de seu território. Foi também por meio das tradições culturais que a escrita feminina moçambicana se sobressaiu de forma tardia. As obras destas escritoras são receptáculos históricos, culturais e sociais cujo estudo se torna premente. O Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas reforça e

sugere o aprendizado calcado na competência intercultural, alicerçando um pensamento crítico e um conhecimento alargado sobre a cultura do outro.

Nos capítulos a seguir, falaremos mais detalhadamente sobre os aspectos culturais na literatura moçambicana, sobre as preconizações do QECRL e sobre a interculturalidade nas aulas de português como língua não materna.

### **1.1. A cultura na literatura moçambicana**

Como abordado por Padilha (2006, p.469), o conceito de “cânone” está relacionado ao “sagrado” e ao domínio “da fé”, cujos pertencentes seriam as obras produzidas no ocidente. Isso fatalmente posicionou como excluída qualquer manifestação literária e cultural africana. O processo de colonização suprimiu valores culturais de nações colonizadas, sob o pretexto da civilização. Neste contexto, tornou-se “o falar de si” característica marcante na literatura africana.

Noa (2019, p.18) pontua que:

O processo de criação, em especial para o autor africano, é um jogo às vezes difuso, às vezes inconcluso, entre uma memória individual e outra social, entre a necessidade de afirmação de um território de pertença e de outro, a que amiúde aspira, mas que parece querer escapar-se-lhe.

Tornando, portanto, a cultura e a literatura indissociáveis.

É indispensável referir que se somam às culturas e literaturas africanas elementos associados à cultura ocidental, alargando, assim, as suas complexidades e pluralidades. Entretanto, o fato de os textos escritos serem recentes, nascidos em contexto colonial, fazem com que a literatura africana tenha uma singularidade própria. (Noa, 2019, p.90)

Na literatura moçambicana, a escritora Paulina Chiziane é um notório exemplo da busca por suas raízes culturais através de seus romances: “tais são, entre outros, os casos da poligamia, do lobolo<sup>1</sup>, da feitiçaria etc.” (*ibidem*, p.19). Em *Ventos do Apocalipse*, em suas epígrafes da parte I e da parte II, há naquela um *provérbio tsonga*<sup>2</sup> e nesta uma *canção popular changane*<sup>3</sup>, a ver:

---

<sup>1</sup> Preço de noiva

<sup>2</sup> Etnia do Sul de Moçambique

<sup>3</sup> Tribo do Sul de Moçambique

Para estas notas, recorremos a Chiziane, 2003, p.293-294.

Maxwela ku hanya! U ta sala u psi vona.( Nasceste tarde! Verás o que eu não vi )

A siku ni siko li ni psa lona. ( Cada dia tem a sua história )

Esses exemplos são indicativos de um comprometimento de contemplação e valorização de sua comunidade cultural, protagonizando o seu território.

Aldino Muianga em seu conto “O domador de burros” aborda o quotidiano moçambicano, tradições e as dicotomias sociais:

A população do bairro de Matorsine está em armas. Já não é como noutros tempos, em que todos se demoravam a saudar-se, a recontar Novidades. Não! Vizinhos e amigos deixaram de se falar; brandem agora uns contra os outros palavras de ira, ameaças de morte. O centro da discórdia reside na pessoa de Jaime Toto, um forasteiro que para ali se plantou, vindo dos matos de Marracuene para dividir o povo com truques e artimanhas. (Muianga, 2019, p.20)

Um outro exemplo em que cultura e literatura se fundem é o poema “Se me quiseres conhecer” de Noémia de Sousa. Nele a escritora enaltece seu lugar de origem, aborda a arte, os sofrimentos da escravidão e prega o não silenciamento das vozes moçambicanas:

Se me quiseres conhecer,  
Estuda com os olhos bem de ver  
Esse pedaço de pau preto  
Que um desconhecido irmão maconde  
De mãos inspiradas talhou e trabalhou  
em terras distantes lá do Norte.  
Ah, essa sou eu:  
Órbitas vazias no desespero de possuir a vida,  
Boca rasgada em feridas de angústia,  
Mãos enormes, espalmadas,  
Erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,  
Corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis  
Pelos chicotes da escravatura...  
Torturada e magnífica,  
Altiava e mística,  
África da cabeça aos pés,  
-ah, essa sou eu:  
Se quiseres compreender-me  
Vem debruçar-te sobre minha alma de África,



Nos gemidos dos negros no cais  
Nos batuques frenéticos dos muchopes  
Na rebeldia dos machanganas  
Na estranha melancolia se evolvendo  
Duma canção nativa, noite dentro...  
E nada mais me perguntes,  
Se é que me queres conhecer...  
Que não sou mais um búzio de carne,  
Onde a revolta de África congelou  
Seu grito inchado de esperança. (Sousa, 2001, pp.49-50)

Noa (2019, p.91) salienta que ao mencionar “terras distantes lá do Norte”, “maconde”, “muchopes”, “machanganas”, Noémia estaria tratando de “especificidades étnicas e regionais”. Ao passo que “chicotes da escravatura”, “gemidos dos negros no cais”, remetem para características “históricas e sociopolíticas”.

Portanto, pensar em literatura africana é dedicar-se ao seu entendimento multifacetado em que culturas diversas se interligam, promovendo um conhecimento único e “dimensões multiculturais, multiétnicas e multilinguísticas” (*ibidem*, p.94): “A literatura jamais virará as costas à realidade a que ela pertence e que a inspira”. (Noa, 2019, p.72)

## **1.2. O uso da literatura no ensino de LE**

Infelizmente, há uma baixa incidência de textos literários nos manuais didáticos atuais de língua estrangeira (Santos, 2015, p.41). Essa escassez reflete diretamente na prática docente, gerando mitos e pré-conceitos sobre o uso deste gênero textual em aulas de LE, assim resumidos por Santos (*ibidem*):

(...)é um gênero próprio para ensinar cultura; é difícil de ser trabalhado; não é um texto autêntico; não é próprio para a prática comunicativa, pois não é produto de um ato de comunicação e, por fim, as atividades com o TL não devem ocupar o mesmo grau de importância que as propostas com outros gêneros.

No entanto, é equivocada a ideia de ser o texto literário um conteúdo inautêntico ou não resultante de um ato de comunicação. Ramon (2022, p.269) assinala que “O TL impõe-se, pois, como um artefacto linguístico no qual coincidem a perspicácia cognitiva e a originalidade inventiva, aliadas a um apuro técnico visível no manejo da língua”. Logo, a utilização da literatura em aulas de PLE

expande o universo discursivo dos aprendentes, uma vez que o contato com diferentes gêneros textuais os coloca em proximidade com variados objetivos comunicativos vigentes na sociedade. (Santos, 2015, p.42). Fomentar leitores é o primeiro passo para o desenvolvimento de competências literária, comunicativa e intertextual (*ibidem*). Assim, “os estudos literários têm várias finalidades educativas, intelectuais, morais e afectivas, linguísticas e culturais e não apenas estéticas”. (QECRL, 2001, p.89)

Ademais, é fundamental compreender que língua e cultura assumem uma relação de interdependência. Ramon (2017, p.23) enfatiza que:

(...)as línguas são vistas não apenas como um mero sistema de signos, mas também como instrumentos de interação social, de estruturação do pensamento e de construção da identidade dos indivíduos e dos grupos nas relações que mantêm entre si e com o mundo circundante.

Porém, a consciência relacional entre língua e cultura não era percebida em alturas em que os métodos tradicionais de ensino imperavam. Havia práticas pedagógicas focadas predominantemente na parte linguística, relegando a cultura a funções menores no processo de ensino-aprendizagem. Tais métodos descreditavam a mais valia das interações sociais e não levavam em conta os contextos múltiplos nos quais os aprendentes poderiam estar imersos. Por conseguinte, estereótipos eram nutridos em aulas sobre cultura. Como exemplos desses métodos, Ramon (2017, p.24) cita: “métodos gramática-tradução”, e os “métodos diretos ou naturais”:

Os métodos mais tradicionais, vulgarmente conhecidos como métodos gramática-tradução, tendiam a hipostasiar a cultura, considerando-a o objetivo último da ação do professor de línguas estrangeiras, as quais eram aprendidas precisamente como ferramentas que permitiam o acesso ao património cultural produzido na língua-alvo; os métodos ditos diretos ou naturais, fortemente marcados pelas teorias estruturalistas, deslocaram o foco da sua atenção para o estudo da língua (entendida como sistema), considerando a cultura como uma espécie de acessório ou adorno, sendo esta tratada como um acrescento ou um “bónus”.

Foi a partir dos métodos comunicativos, à luz do trabalho de Hymes (1972), que os aprendentes de uma LE, para serem considerados competentes, deveriam dominar não só a competência linguística, mas também a sociolinguística e a pragmática. (Ramon, 2017, pp.24-25) Desde esse entendimento, estudar as idiossincrasias culturais da língua-alvo caracterizou-se como parte indispensável do aprendizado.

### 1.3. O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas e a consciência

#### intercultural

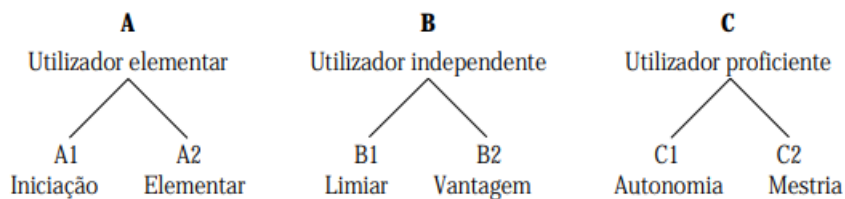
Atualmente, no que diz respeito ao aprendizado de línguas, há um documento condutor para as práticas docentes, cuja base de orientação encontra-se a seguir:

O Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais etc., na Europa. Descreve exhaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação. A descrição abrange também o contexto cultural dessa mesma língua. (QECRL, 2001, p.19)

Então, o QECRL guia os profissionais envolvidos no ensino de línguas vivas para atuarem em consonância entre si e em nível de excelência. É por meio deste documento que educadores podem planejar os conteúdos e objetivos de suas aulas, tendo como base o nível de proficiência de seus aprendentes. Os níveis comuns de referência são os a seguir representados:

**Figura 1**

*Níveis de Proficiência*



Fonte (QECRL, 2001, p.48)

Essa descrição por nível leva em consideração, não só as competências linguísticas, mas também as pragmáticas e socioculturais. (*ibidem*, p.51)

O QECRL destaca (*ibidem*, p.73) que um aprendente de uma (ou várias) língua segunda não se desvencilha de sua língua materna. Ele se torna “plurilingue” e permite o medrar de uma interculturalidade. Ao mencionar os tipos de conhecimentos anteriores sobre os quais os alunos de uma LE se baseiam para performá-la, o QECRL frisa os seguintes: “o conhecimento do mundo”, “o conhecimento sociocultural” e “a consciência intercultural” (*ibidem*, pp.147-150). Mais especificamente sobre a consciência intercultural, a seguinte definição é-nos dada:

O conhecimento, a consciência e a compreensão da relação (semelhanças e diferenças distintivas) entre “o mundo de onde se vem” e “o mundo da comunidade-alvo” produzem uma tomada de consciência intercultural. É importante sublinhar que a

tomada de consciência intercultural inclui a consciência da diversidade regional e social dos dois mundos. É enriquecida, também, pela consciência de que existe uma grande variedade de culturas para além das que são veiculadas pelas L1 e L2 do aprendente. (QECRL, 2001, p.150)

Por causa desta consciência intercultural, o aprendente desenvolve capacidades extralinguísticas que o sensibilizam quando em contato com distintas culturas. A partir desse entendimento, pensar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua não materna assume uma posição mais abrangente e inclusiva.

Essa orientação faz-se fundamental na composição pedagógica de um professor atuante nessa conjuntura.

### **1.3.1. A interculturalidade e o papel do professor nas aulas de português como língua não materna**

Diante dos desafios impostos pelo fenômeno migratório do século XXI, um aprendiz de línguas estrangeiras precisa ser multilíngue e multicultural. (Franco, 2019, p.1387)

Podemos entender a interculturalidade como a “interrelação de diferentes culturas que convivem no mesmo espaço e estabelecem uma relação de interdependência.” (Franco, 2019, p.1389). Essa interação pressupõe reflexões acerca de conhecimentos não-hierarquizados, visando a uma criticidade democrática. É também por meio do conhecimento do outro que desfazemos estereótipos e reforçamos a reciprocidade.

Os processos de imigração crescentes na atualidade propiciam uma maior interação cultural entre diferentes grupos sociais. Adicionalmente, o advento da tecnologia facilitou a aproximação de diferentes costumes e saberes, promovendo um estreitamento de relações e pluralidade de ideias. Contudo, Franco (2009, p.138) chama-nos a atenção ao fato de as interações interculturais não estarem acontecendo de forma tolerante: preconceitos e clichês ainda são fortificados, prejudicando vivamente a troca e enriquecimento de vivências. Sob este âmbito, o professor de línguas estrangeiras (português como língua não materna, por exemplo) tem a difícil e desafiante missão de integrar diferentes culturas, fomentando um olhar mais empático entre seus aprendentes. Logo, há a urgente necessidade de munir esses educadores com ferramentas proficuas que convirjam para o desenvolvimento de uma competência intercultural.

As literaturas produzidas nos países africanos de língua portuguesa são fruto de uma diversidade linguística e cultural. Em Moçambique, por exemplo, além do português, há várias outras línguas<sup>4</sup> que intercambiam entre si dando um novo sentido ao idioma. O português, nesse país, acaba por ser o resultado destas múltiplas variáveis culturais. Alguns escritores moçambicanos utilizam vocabulário local em suas obras como forma de exaltação aos costumes de sua terra natal, como vimos no capítulo 1.1. Portanto, ao lermos um escritor moçambicano, não podemos desatrelar a realidade que o cerca, tampouco descurar a sua bagagem linguística histórico-sociocultural.

Por essa razão, o professor de português como língua não materna, à luz de uma visão criteriosa, deve funcionar como um agente facilitador da aprendizagem no confluir com as diferentes realidades lusófonas. O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas é um material norteador bastante instrutivo no que toca às práticas educativas interculturalistas.

Este trabalho de dissertação proporá um grande desafio aos educadores: o de trabalhar com uma literatura à margem da margem, a literatura moçambicana de escrita feminina, a partir de um viés intercultural. Para isso ao longo das próximas páginas abordaremos aspectos históricos e socioculturais que se farão necessários para a aplicabilidade de um fazer-pedagógico mais consciente.

---

<sup>4</sup> Emakhuwa, xichangana, elomwue, cinyanja, cisena, echuwabo, cindau, xitswa e outras línguas moçambicanas e estrangeiras (Censo, 2017).

## **2) A trajetória histórico-social e política da mulher moçambicana: período pré-independência e pós- independência**

### **Introdução**

Às mulheres moçambicanas funções domésticas e maternas têm sido impostas em detrimento aos seus anseios e necessidades individuais, invisibilizando a discussão quanto à hierarquização de gênero em Moçambique. Essa preocupação em posicionar socialmente as mulheres existiu no período colonial, se estendendo à luta de libertação nacional e adentrando no período de pós-independência.

Após o período colonial em Moçambique e com o estabelecimento de um novo Estado de poder, às mulheres foram permitidas mais possibilidades de lutas por igualdade de direitos. Consequentemente, pelo fim da década de 80 e início da de 90, Moçambique foi inundado por grupos e associações que representavam os direitos das mulheres. Tais movimentações representativas foram factíveis devido à aprovação da II Constituição da República em 1990, e à lei 8/91 que legitimava as Associações. (Silva & Casimiro, 2015, p.56). Segundo Casimiro, estas associações teriam nascido a partir de alguns fatores históricos e sociais: crítica à política do Estado no pós-independência e a necessidade de lutar por anseios mais individuais e específicos, visando à subsistência. Embora os movimentos nacionalistas tenham inspirado a movimentação de mulheres, aqueles não se preocupavam com as pautas de gênero, causando um grande dissídio entre as causas femininas e as demandas políticas. A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), na luta pela libertação, atrelou a emancipação das mulheres à libertação social (Casimiro, 2015, p.56), não frisando suas especificidades, mas o coletivo e a identidade moçambicana. Portanto, a função primordial da mulher ainda permaneceu como a cuidadora do outro, a fada do lar. A hierarquia social de gênero estaria atrelada a discursos políticos de revolução.

O Fórum Mulher foi criado em 1993 e após mais de dez anos de luta e em consonância com mulheres moçambicanas parlamentares, a lei contra a violência doméstica foi aprovada. Ainda que a porcentagem de mulheres seja alta no parlamento, estas não conseguem ascensão e visibilidade. Como mencionado por Casimiro (2014, p.192), a subordinação das mulheres aos seus partidos, detentores de ideais Marxistas e pouco receptivos às causas femininas, funciona como um entrave à representatividade feminina na tomada efetiva de decisão.

O Censo de 2017 mostra um cenário ainda bastante desafiador para as mulheres moçambicanas. Há um longo caminho de superação e muitas questões sociais a serem resolvidas e debatidas.

Nos capítulos que seguem, trataremos mais especificamente sobre a trajetória e lutas das mulheres ao longo da construção e ressignificação de Moçambique.

## **2.1. A mulher moçambicana no período colonial**

O Estatuto dos indígenas portugueses da província da Guiné, Angola e Moçambique de 1954, imposto pelo sistema colonial, distribuía os privilégios entre os nativos tendo como referência a cor da pele e os costumes sociais e individuais. Toda e qualquer prática que fugia aos moldes portugueses era punida, ocorrendo o afastamento social do “transgressor” ou mesmo o seu impedimento de gozar do que pregava o referido Estatuto. Para ascender à cidadania (conquistar a assimilação), o indígena precisava de alguns requisitos, dentre eles: “ter mais de 18 anos, falar corretamente a língua portuguesa, ter adquirido os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses, não ter sido notado como refractário ao serviço militar nem dado como desertor etc. (Decreto lei 39.666, Art.56). O último requisito implica na impossibilidade da assimilação às mulheres, visto que, na altura, eram banidas do serviço militar. Logo, às mulheres negras nativas ficava destinado o lugar de sempre.

Sob este cenário, substanciado pela igreja católica e apoiado pelas esposas dos governantes locais, nos anos 60, surge o “Movimento de Promoção Social da Mulher Nativa”. Tal movimento tinha como “missão”: “ajudar a mulher nativa a tomar consciência dos seus próprios problemas e a sentir a sua responsabilidade pessoal; levá-la a compreender a importância da sua elevação para a promoção da sociedade em que está enquadrada”. (Casimiro, 2014, p.225). Esse programa ofertava vários cursos, dentre eles, culinária, higiene e boas maneiras. Todavia, esta ação apenas reforçava o papel subserviente da mulher nativa, impedindo-a de acessar outros conhecimentos e interesses. Com o fim do Estatuto dos indígenas em 1961, aos nativos foi dada a cidadania plena, porém o acesso ao ensino regular ainda era condicionado à carteira especial de “assimilados”.

### **2.1.1. O Brado Africano e o papel das mulheres**

Em 1919, fundado pelos irmãos Albasini, surge *O Brado Africano*. Um periódico que tinha como intenção principal denunciar as práticas colonialistas portuguesas. Este foi criado por uma elite mestiça moçambicana que usava de seu poderio intelectual para ressaltar os desmandos coloniais, ao mesmo

tempo que enaltecia a cultura de Moçambique. Todavia, alguns questionamentos são feitos no que tange ao público-alvo do jornal, visto que grande parte da população não dominava a linguagem escrita. O que os periódicos trariam de benefício às mulheres da época? E às nativas?

A educação para as mulheres era pauta recorrente entre os idealizadores de *O Brado Africano*. Essa formação profissional feminina estava vinculada ao seu papel de mãe, às questões domésticas e à feminilidade. Em 1948, o jornal ganha um espaço dedicado exclusivamente às mulheres: a “Página feminina”:

Esta “Página feminina” começa por ser apenas sobre Moda, tratamento do corpo. Por volta dos anos 60, alarga o seu conteúdo para assuntos de economia doméstica, poesia, textos de fundo sobre a mulher, juventude etc. (Casimiro, 1986, p.67)

Ao longo dos anos que antecederam a independência, a promoção social para as mulheres foi adquirindo novas facetas dentro jornal, mas todas voltadas para a inserção das mulheres nativas ao mundo “civilizado”, longe das suas tradições e costumes.

De certa forma os periódicos ditavam as relações sociais na época. (*ibidem*)

### **2.1.2. FRELIMO e o papel da mulher na luta pela libertação de Moçambique**

A FRELIMO foi criada em 1962 objetivando lutar pela independência de Moçambique. Eduardo Mondlane foi o seu fundador. Entre seus integrantes havia refugiados de partidos diversos, de países vizinhos que lutavam contra situações de repressão. Mas até que ponto a mulher foi protagonista no decorrer da luta pela libertação de Moçambique?

Inspirados pelo socialismo em crescente na época, e influenciados por processos de independência de outros países africanos (Casimiro, 2014, p.186), a FRELIMO defendeu a inserção da mulher na luta armada de libertação nacional. Os poemas da poetisa Noémia de Sousa foram incluídos em manuais de formação da FRELIMO. As vozes femininas deveriam juntar-se às vozes de todos os moçambicanos no clamor pela liberdade de Moçambique. Todavia, Casimiro (2014, pp.187-188) salienta o papel secundário desempenhado pelas mulheres, sendo usadas para compor um contingente em prol da visibilidade e êxito na luta contra o colonialismo português. Logo, o engajamento das mulheres à luta tinha um viés político, devendo estar em consonância às demandas da FRELIMO. Esta questão



pode ser claramente percebida ao nos depararmos com o Hino da Mulher Moçambicana, composto depois da independência:

Cantemos com alegria o sete de Abril:  
O dia consagrado à Mulher Moçambicana;  
Companheira inseparável do homem engajado  
Na luta contra a velha sociedade exploradora  
Quem é?  
Aquele que mobiliza e organiza o nosso Povo  
Quem é?  
Aquele que produz e alimenta os combatentes  
É a Mulher Moçambicana emancipada

Que destrói as forças da opressão...” (Hino da mulher moçambicana, citado por Casimiro 2014, p.188.)

Em 1966 o Destacamento Feminino foi criado. Neste espaço as mulheres recebiam treinamento militar para atuarem nos combates. Aliadas a essa função de combatente, as moçambicanas ainda se ocupavam de tarefas relacionadas ao lar e às funções sociais expectáveis a elas, havendo, portanto, uma sobrecarga sobre si. Em consequência, durante a luta de libertação e atrelada à FRELIMO, nasce a OMM (Organização da mulher Moçambicana) em 1973. “O discurso produzido pela organização é reivindicativo face ao que o novo poder político considerava como objecto de contestação: a sociedade colonial/tradicional.” (Osório, 2002, p.428). Ainda era pauta da organização, questionar ritos tradicionais moçambicanos como, a poligamia e o lobolo, almejando uma igualdade social e de direitos entre homens e mulheres. Alguns ideais da OMM não avançaram visto que estavam condicionados às diretrizes da FRELIMO, cujos anseios eram direcionados à manutenção da mulher como ferramenta de luta política e à permanência desta em funções subordinadas aos homens. (*ibidem*, p.429)

## **2.2. A situação da mulher no período pós-independência**

Sob as diretrizes da FRELIMO, Moçambique é reconstruída após a sua independência em 1975. Houve uma tentativa de estabelecer, em primeira mão, uma forma democrática de governo que primava pela participação popular no processo político, explicitado na Constituição de 1975, artigo 2. (Casimiro, 2014, p.231). Ademais, a Constituição de 1975, em seu artigo 17, previu a igualdade de direitos entre

homens e mulheres, que perpassavam desde o campo político ao cultural, ratificando a ideia de unidade defendida desde a luta pela independência. Porém, algumas contradições na Constituição podiam ser percebidas no que se refere à emancipação feminina. A seção “Perda da Nacionalidade”, artigo 14, preconizava a perda da nacionalidade da mulher moçambicana caso se casasse com um estrangeiro. O inverso não estava previsto em lei.

A partir da independência de Moçambique, a FRELIMO precisou agregar todas as particularidades e contrariedades resultantes de um processo de libertação. Torna-se mister pontuar a impreparação da FRELIMO no que tange à governança de uma nação, principalmente em se tratando de um país cujas consequências de o período colonial ainda serem patentes e complexas. A instabilidade econômica, as carências sociais, o analfabetismo etc. eram desafios prementes a serem enfrentados, levando a FRELIMO, devido à falta de experiência, a adotar uma política aos moldes do estado colonial, revelando um autoritarismo dantes exprobadado (Saul, 1991, citado por Casimiro, 2014, p.179).

Sob a chancela da FRELIMO, o que esperar para o futuro das mulheres moçambicanas nas zonas libertadas? Casimiro (2014, p.190) salienta que não houve mudança nas relações hierárquicas de gênero em Moçambique. Trabalhos domésticos ainda continuaram a ser direcionados apenas às mulheres.

### **2.2.1. A OMM e os movimentos sociais em prol da mulher moçambicana**

A Organização da Mulher Moçambicana (OMM) atuava em uma situação de extrema complexidade: a luta contra o sistema colonial, o combate ao fim dos ritos tradicionais moçambicanos e o apoio às ideias patriarcais contidas nas diretrizes da FRELIMO. Como bem descrito por Signe Arnfred (2015, p. 220), sobre a ideia de emancipação da mulher no programa da OMM de 1976:

- (1) o caminho para a emancipação da mulher é a sua integração na produção lado a lado com o homem e;
- (2) a OMM deveria lutar contra costumes e ideias, obstáculos para a plena participação da mulher na vida social e política.

Portanto, a OMM, de certa forma, contribuiu para relegar o protagonismo feminino, permitindo um olhar secundário a sua função social.

Com a Constituição de 1990, e ainda sob os efeitos devastadores da guerra civil, o direito ao multipartidarismo e à criação de associações foi aprovado por assembleia popular. Houve uma melhoria em relação à Constituição anterior, como bem exposto por Olga Iglesias (2006, p.144):

Na Constituição estão salvaguardados os direitos universais, fundamentais dos indivíduos e dos cidadãos – o direito à vida, à dignidade da vida humana, o respeito pela liberdade de circulação, de expressão, de ideias, de religião, de associação. Está também consagrada a igualdade dos cidadãos, a igualdade da Mulher e do Homem.

Mas desde a década de 80, associações voluntárias que visam ao bem-estar da mulher moçambicana já vinham ganhando terreno em distintas áreas: na familiar, na empresarial, no lar, no desenvolvimento rural, e em 1991 com a MULEIDE (Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento), a primeira associação a tratar sobre direitos humanos (Casimiro, 2015, pp.56-57). Isso proporcionou um amadurecimento maior sobre a consciência de ser mulher em Moçambique. Por conseguinte, muitas mulheres enveredaram pela carreira política (Moçambique é o primeiro país em África a ter em seu parlamento 28% de representantes femininas) ainda que esbarrando-se em políticas arraigadas ao patriarcado, e sendo forçadas a assumirem uma postura passiva frente ao sistema. Assim, mesmo que as particularidades no campo feminino não tenham sido discutidas em um viés coletivo, individualmente algumas mulheres se atreveram em demonstrar desagrado.

Deste ardor por mudança, surge o Fórum Mulher em 1993 cujo objetivo era combater a desigualdade social feminina, com apoio de associações nacionais e internacionais sem fins lucrativos. (Casimiro, 2015, p.66). Tinha como meta imperativa estabelecer conexões entre as diferentes organizações moçambicanas a favor da mulher. Vários projetos sociais foram encabeçados pelo Fórum Mulher e os debates acerca do futuro e desenvolvimento da mulher moçambicana ainda são proeminentes atualmente.

Após inúmeros esforços, quais desafios havia ainda a enfrentar pelas mulheres moçambicanas?

### **2.3. Desafios para as mulheres moçambicanas do século XXI**

Frente à devasta guerra civil em Moçambique (1976-1992), tornando-o um dos países mais necessitados do mundo, e aliada à situação de pobreza em toda a África, líderes dessas nações africanas elaboraram o NEPAD (Nova Parceria para o Desenvolvimento de África). Este documento tem como cerne erradicar a pobreza e apoiar uma união africana mirando o desenvolvimento. Este projeto ainda tem como matriz:

Promoção do papel das mulheres no desenvolvimento económico e social, através do reforço da sua capacidade nos domínios da educação e formação; desenvolvimento das actividades geradoras de rendimento, através da facilitação do acesso ao crédito e garantir a sua participação na vida política e económica dos países africanos. (Iglesias, 2006, p.145)

Neste contexto, havia uma otimista projeção no que diz respeito à evolução da discussão sobre hierarquia de género em Moçambique, ao mesmo tempo em que se vislumbrava um país igualitário para homens e mulheres.

Contudo, o Censo de 2017 revelou uma realidade ainda muito aquém dos esforços empregados por associações e movimentos em favor das mulheres moçambicanas. Representando cerca de 52% da população (total de habitantes 27.909.798) e vivendo em maioria na zona rural (66,6%), as moçambicanas apresentam uma expectativa de vida baixa (56,5 anos), chegando a quase 50% de analfabetismo. Ainda não há uma oportunidade justa para que jovens meninas tenham acesso a uma educação digna: 38,6% de meninas entre 6 e 17 anos estão fora da escola e apenas 29,4% concluem o nível superior. A situação é ainda mais dramática quando avaliamos valores referentes à tecnologia e seus manuseios: somente 5,3% das mulheres têm acesso à internet e 3,1% a computadores. No campo social 33,8% das mulheres chefiam seus agregados familiares e lidam sozinhas com todas as despesas provenientes dessa incumbência.

Assim sendo, os desafios para as mulheres moçambicanas são imensuráveis, embora uma pequena melhora já tenha sido sentida. Porém, para que concretamente obtenhamos resultados, muitas movimentações e esforços precisam ser despendidos. Sendo uma nova nação, nascida em meio a batalhas e conflitos, Moçambique é detentora de inúmeros hiatos e complexidades. É preciso vencer o fantasma do período colonial, reerguer a tempestade deixada pela guerra civil, irromper nas concepções patriarcais da sociedade. Há muita luta e muito chão, mas há muita determinação e anseios por melhores dias.

### **3) A literatura moçambicana de escrita feminina**

#### **Introdução**

O entendimento da literatura Moçambicana está intrinsecamente ligado a aspectos de ordem cultural e social (Noa, 2019, p.18). Segundo Noa (2019, p.13) tal interligação deve-se ao emaranhar de alguns fatores: o diálogo entre a literatura moçambicana e o meio de onde surge, a preocupação em romper com a cultura colonial, reivindicando um espaço de território e de identidade, a retomada dos valores tradicionais (moral e patriótico) sob o engajamento de escritores moçambicanos etc. É mister pontuar que a Literatura de Moçambique (assim como a de países também fruto de domínio colonial) assume não só um viés cultural, mas também político (Noa, 2019, p.16) como forma de autoafirmação e banimento de um passado subestimado. Em vista disso, o processo de aculturação da sociedade moçambicana, sob o jugo do colonialismo, desperta em seus escritores a necessidade de enfatizar e dar visibilidade ao meio onde vivem.

A literatura Moçambicana assume contornos próprios na década de 40, geração que tem Noémia de Sousa como sua principal representante. Os escritos da época são carregados de sentimentos nacionalistas, utópicos e de africanidade. (Mutzenberg & Soares, 2019, p.29):

#### **Canção Fraterna**

Irmão Negro de voz quente  
o olhar magoado,  
diz-me:  
Que séculos de escravidão geraram tua voz dolente?  
Quem pôs o mistério e a dor  
em cada palavra tua?  
E a humilde resignação  
na tua triste canção?  
E o poço da melancolia  
no fundo do teu olhar? (Sousa, 2001, p.74)

A Literatura de combate, emergida durante a luta de libertação nacional e pós independência, almejava realçar os feitos heroicos dos combatentes, a unidade nacional, o surgimento de um “Homem Novo”.

#### **Guerrilheiro Guia do Povo**

Eu sou moçambicano guia do Povo

Sou mesmo espada do Povo  
Que estou a capinar o caminho  
Para marchar bem o nosso Povo  
O sangue do guerrilheiro Moçambicano  
É petróleo que serve para queimar capim  
Que pica no corpo dos Moçambicanos.  
Esse capim é o português.  
Sou filho do Povo Moçambicano  
Desde o Rovuma até ao Maputo, do Oceano  
Índico ao Lago Niassa... (Ngwembe, 1974, p.13)

Os anos que sucederam a independência foram adentrados por questões políticas e multipartidárias:

Este momento corresponde à travessia e ao fim da “Guerra de 16 Anos”, à assunção da política neoliberal, à reforma constitucional de 1990, à presença do multipartidarismo, à chegada dos organismos internacionais de cooperação e ajuda, à proliferação das ONGs etc. (Mutzenberg & Soares, 2019, p.31)

Todavia, sendo abortadas ou diminuídas as questões de ordem política após a independência, a literatura moçambicana a partir da década de 80 revela-se mais complexa, exprimindo uma certa perplexidade devido a alguns fatores:

A partir do final dos anos 1980, é possível perceber os primeiros sinais de reação da literatura à situação de perplexidade que se instaurou nos 10 primeiros anos da Independência, nos quais os ideais sonhados tornaram-se pesadelo para maior parte das pessoas, grupos e classes sociais. (Mutzenberg & Soares, 2019, p.29).

Podemos dizer que a poesia foi o gênero fundador da Literatura Moçambicana que predominou até aos anos 60. Após este período a prosa ganha força. E a década de 80 assiste aos dois gêneros concomitantemente em evidência:

Se nós tivemos que a literatura moçambicana nasceu sob o signo da poesia, e que na década de 1960 ela vai ser marcada mais pela prosa, na década de 1980-1990 nós vamos ter os dois gêneros de certo modo rivalizando. (Mutzenberg & Soares, 2019, p.65).

Este novo cenário literário abriu portas para temas mais diversificados e contraditórios, sendo propenso também ao debate sobre o papel da mulher na sociedade moçambicana.

### **3.1. O anulamento das vozes femininas em Moçambique**

A escrita literária feminina, vale lembrar, fosse africana ou não, historicamente imergiu em uma zona de profunda exclusão, habitando o sombreamento das fímbrias. (Padilha, 2006, p.472)

Algumas sociedades africanas viam a mulher de forma sagrada e adotavam uma configuração matrilinear<sup>5</sup>. Porém, o modelo de colonização imposto a Moçambique, a eliminação do “homem selvagem” em prol do civilizado, contribuiu vivamente para o enfraquecimento deste formato, acarretando um silenciamento duplo das mulheres (Cabaço, 2007, pp.99-100) Além do mais, as características patriarcais do mundo ocidental adentraram algumas culturas moçambicanas, que passaram a ter este modelo como o ideal.

Paralelamente a isso, havia na sociedade moçambicana um apelo para enfatizar o papel da mulher mãe, enquanto a poligamia era culturalmente reforçada na sociedade, principalmente na rural.

Aliadas a ideias patriarcais, muitas comunidades africanas reforçavam esse sistema social, apoiando-se na oralidade e em costumes ancestrais para substanciar estereótipos da mulher moçambicana e justificar práticas a ela impostas:

Em sua recolha de contos moçambicanos do vale do Zambeze, Lourenço do Rosário apresenta-nos o relato oral colhido de uma camponesa que apresenta a origem da poligamia. Segundo a narrativa, uma enchente no rio fez com que os homens que habitavam suas ilhas morressem todos afogados. Às mulheres sobreviventes coube assumir todos os trabalhos para a manutenção da vida naquela comunidade... Tempos depois, dois irmãos que viviam em um povoado do outro lado do rio lançaram-se ao desafio de atravessá-lo... Passado algum tempo, tais mulheres os encontraram e ambos creram que seriam condenados à morte.... A punição dos dois irmãos foi, portanto, dormirem cada noite com uma daquelas mulheres. Ao cabo de três anos, a aldeia estava outra vez povoada de crianças... Esta é a razão mítica por que, até hoje, sobretudo no meio rural moçambicano, a poligamia seja exercida com vistas à manutenção de atividades como a lavoura e, conseqüentemente, ligadas ao poder. (Dutra, 2006, p.310)

---

<sup>5</sup> “É um sistema de usos e costumes baseado na descendência em linha materna. Sociologicamente, entende-se por *descendência* a transmissão de posição social e propriedade, especialmente o processo segundo o qual uma pessoa é integrada em um grupo social.” (Balduz & Willems, 1939, p.147)

Segundo Casimiro (1986, p.50) o colonialismo português teve o interesse de conservar essas tradições ancestrais: “poligamia”, “casamentos prematuros”, “ritos de iniciação sexual” etc., por entender serem práticas que facilitavam o processo de subjugação.

Ademais, os periódicos publicados no período colonial (1960- 1974) ilustravam a visão e o desejo do colono pelos corpos femininos de Moçambique. Estes funcionavam como forma de controle ideológico, a fim de fortalecer e respaldar as práticas de dominação. Portanto as mulheres eram tidas ou retratadas como domésticas, do lar e como um simples “instrumento de produção” (Casimiro, 1986, p.101). *O Brado Africano*, ao mesmo tempo que servia aos interesses locais, reforçava o servilismo da mulher moçambicana. (Casimiro, 1986, p.46)

Um outro desafio enfrentado pelas mulheres moçambicanas (e africanas de uma forma geral) era o de romper com a sua própria imagem descrita em textos criados por escritores europeus. A mulher era por diversas vezes posta de forma ora ingênua, ora vulgar, ora adúltera, ora maquiavélica, e sempre culminando em características que as diminuía:

### **Balada**

Marrusse, menina,  
de corpo gingado,  
o rosto caiado  
de pau de mussiro.  
Marrusse, menina,  
na ponta da Ilha,  
olhando a distância.  
Já desde a infância  
sonhando que um dia  
um branco, Mekunha,  
a há-de encontrar  
na ponta da Ilha  
e panos bonitos  
lhe há-de oferecer,  
e a há-de levar  
para a terra que fica  
do lado de lá,



em frente do mar.... (Mello, 2014, pp.204-205)

Por conseguinte, essa bagagem cultural-histórica incidiu sobre a produção de escrita feminina que por muitos anos esteve anulada, atuando em número bastante reduzido em relação à masculina. Noémia de Sousa, sob anonimato, e depois adotando o pseudônimo de Vera Micaia, no período pré-independência, discorre sobre situações deprimentes sofridas pela mulher moçambicana em seus poemas. Veja-se um exemplo em “Apelo”:

Quem terá estrangulado a tua voz cansada  
De minha irmã do mato?  
De repente, seu convite à acção  
Perdeu-se no fluir constante dos dias e das noites.  
Já não me chega todas as manhãs,  
Fatigada da longa caminhada,  
Quilómetros e quilómetros sumidos  
No eterno pregão: “MACALA!” ... (Sousa, 2001, p.95)

Futuramente, e impulsionadas por movimentos feministas, algumas escritoras moçambicanas ousam a escancaradamente escrever sobre a real situação da mulher do seu país, dando um passo vitorioso na luta contra o patriarcado e os resquícios dos ideais coloniais em Moçambique: Lília Momplé envereda por questões de cunho feminista ao criticar e a deixar estampado em suas obras a situação social da mulher moçambicana, abordando temas que esmiuçam a opressão sobre esta no período colonial e no pós-independência. Paulina Chiziane descortina o interior feminino, revelando pensamentos íntimos e anseios secretos. É também pelas suas obras que as personagens femininas esboçam reação e inquietação frente às injustiças.

### **3.2. Escritoras moçambicanas e a importância de suas obras nas aulas de português como língua não materna**

Assim, a literatura africana escrita pela mulher segue de perto a tradição da moderna literatura africana de combater os males que arruinam o continente, os males como neocolonialismo, ignorância e pobreza. (Adedeji, 2006, p.419)

O ensino de português como língua não materna tem centrado suas referências no português falado em Portugal e no Brasil. Há diversos livros didáticos dedicados a explorar as representações histórico-socioculturais destes países, contrariando o fato de a língua portuguesa ser “pluricontinental e policêntrica”. Esta é falada e escrita de maneiras múltiplas revelando referências culturais e aplicações sociais distintas. (Novo Atlas da Língua Portuguesa, 2018, p.14)

O Português de Moçambique desponta, dessa forma, como um espaço lusófono ainda não muito explorado pelos materiais didáticos. E conforme pudemos observar ao longo deste capítulo, há um compromisso marcante da literatura moçambicana em aliar escrita e sociedade, reforçando aspectos históricos e culturais. No decorrer da trajetória deste recente país (tornou-se independente de Portugal apenas em 25 de junho de 1975), escritores deram destaques às diversas situações correntes, enfatizando anseios e lacunas dessa nação emergente. A luta pela libertação e identidade foram ressaltadas em primeiro momento, encobrendo questões mais específicas e peculiares de cada região do país.

As mulheres, dessarte, sempre foram deixadas à margem na sociedade africana, em geral, e moçambicana, em particular. A elas, cabia apenas o papel de submissão e de aceitação da sua condição de subserviência, fato que corroborou para uma produção literária tardia.

Em África muitos fatores podem explicar a chegada tardia das mulheres à literatura: a dificuldade de acesso à instrução, as tradições seculares que delegam à mulher as funções relacionadas com a maternidade e com a criação da prole e, certamente, os critérios de seleção utilizados pelos editores. (Fonseca, 2002, p.284)

A situação da mulher em Moçambique foi de forma mais contundente abordada pelas escritoras a partir da década de 80, pois houve uma possibilidade, por influência do feminismo ocidental (Batoso, 2018, p.161), de romper (ou minimamente despertar a sociedade para a situação) o patriarcado em África. Dessa forma, a seleção de textos literários moçambicanos escritos por mulheres recupera duas marginalidades: a das vozes africanas no ensino de PLE e, dentro destas, as vozes femininas, margem da margem.

Em suma, o anulamento das vozes femininas moçambicanas (tema tratado em 3.1), configura uma grande perda para o alargamento de competências interculturais em aulas PLE, que há muito tempo carecem de representatividade africana em seu currículo.

Nos subcapítulos que seguem serão enfatizadas obras das seguintes autoras moçambicanas: Noémia de Sousa, Lília Momplé e Paulina Chiziane. Elas projetam em seus textos temas histórico-socioculturais concernentes a Moçambique, cada uma em seus respectivos períodos de atuação.

### **3.2.1. Noémia de Sousa**

Nascida em 20 de setembro de 1926, Noémia Abranches de Sousa escreveu diversos poemas entre o fim da década de 40 e início de 50. Sua poesia era publicada no jornal *O Brado Africano* que havia como participantes, em sua grande maioria, escritores (homens). Noémia de Sousa representa a primeira voz feminina de destaque na Literatura moçambicana. Sua escrita enfatiza o seu comprometimento com questões relacionadas à libertação de Moçambique, reiterando um compromisso com o coletivo, visibilizando e tornando proeminente o projeto político de libertação do seu país. Por esses motivos, foi obrigada a se exilar em Portugal.

A forma como conduz os seus escritos está intrinsecamente ligada a questões políticas, procurando também ressaltar a culturalidade moçambicana e a defesa deste espaço:

Eu quero conhecer-te melhor,  
Minha África profunda e imortal...  
Quero descobrir-te para além  
do mero e estafado azul  
do teu céu transparente e tropical, para além dos lugares  
comuns  
com que te disfarçam aqueles que não te amam  
e em ti vêem apenas um degrau para escalar! (Sousa, 2001, p.145)

Portanto, a voz da Noémia, através de suas poesias, ressoa como um grito de liberdade, como uma revolução, uma luta. É perceptível o seu compromisso com o reerguer das origens africanas. Batoso (2018, p.171) ressalta que as características da escrita de Noémia refletem um dissabor perante a condição social em Moçambique, salientam um espírito de ódio ao mesmo tempo que carregam uma esperança por dias melhores.

Ai o meu sonho...  
Ai a minha terra moçambicana erguida

com uma nova consciência, digna e amadurecida...  
A minha terra cortada em toda a sua extensão  
por todas essas realizações que a civilização  
inventava para tornar a vida humana mais feliz... (Sousa, 2001, p.66)

Noémia critica duramente a interferência do colonizador e o seu total desinteresse pela cultura africana. Destarte, exalta os seus e a busca por um legítimo sonho africano.

Ainda que esteja envolta em assuntos que focam na coletividade, Noémia não se exime de retratar e denunciar a situação marginal e inferior sentida pelas mulheres moçambicanas, como em seu poema “Moça das Docas”:

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.  
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanimes,  
viemos do outro lado da cidade  
com nossos olhos espantados,  
nossas almas trancadas,  
nossos corpos submissos escancarados.  
De mãos ávidas e vazias,  
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo,  
de corações amarrados de repulsa,  
descemos atraídas pelas luzes da cidade,  
acenando convites aliciantes  
como sinais luminosos da noite, ... (Sousa, 2001, p.92)

De fato, Noémia de Sousa abriu portas para a literatura moçambicana de escrita feminina, carimbando com maestria o seu pioneirismo e referência nesta.

### **3.2.2. Lília Momplé**

Lília Momplé nasceu em março de 1935. É licenciada em Serviço Social e já atuou em diversos cargos públicos em Moçambique. Em 1988 publicou o seu primeiro livro *Ninguém matou Suhura*, ganhando em 2001 o prêmio Caine para escritores da África e posteriormente o Concurso Literário do Centenário da cidade de Maputo. Dentre as características da escrita de Lília Momplé está o compromisso em contextualizar o leitor e envolvê-lo nas tramas de suas personagens. A forma como Momplé transmite fatos com tanta propriedade e sentimento tem a ver com a sua ligação intrínseca com

Moçambique. Ela também enfatiza a importância de suas personagens femininas e cuidadosamente escreve sobre suas trajetórias de vida em cada história. Batoso (2018, p.177) pontua que em sua escrita há influências de Eça de Queirós, Fernando Pessoa e José Craveirinha e ainda conta com temas intrigantes que abrangem o período colonial, a guerra civil e o desafio das mulheres no contexto atual moçambicano. Batoso (*ibidem*) ainda menciona a informalidade das histórias da Lília Momplé, cuja forma de serem contadas refletem ensinamentos aprendidos em seu seio materno.

As situações sofridas por suas personagens femininas aguçam vivamente o debate e a reflexão. Por meio de seus escritos, Lília se tornou uma exímia porta-voz das falas moçambicanas silenciadas e oprimidas:

\_ Eu só não quero que arranjes problemas- rematou Mena.

Foi quanto bastou para que o homem saltasse do lugar e estalasse na mulher duas bofetadas que lhe deixaram a cara a arder toda a noite.

\_ já te disse para não te meteres na minha vida. Comes com o meu dinheiro, não é? O resto é comigo- vociferava Dupont. (Momplé, 2012, p.30)

Ainda com pouco acesso à instrução formal, a mulher moçambicana, em Lília Momplé, é retratada como sinônimo de força e perspicácia. Esse dizer sobre a mulher, de forma tão íntima e subjetiva, e ao mesmo tempo tão descortinada, legitima a importância da sua obra para o protagonismo feminino:

Mena, porém, apesar da sua modesta quarta classe, está longe de ser bronca e não tardou a aperceber-se de que os “negócios” não deviam ser isentos de perigo. (Momplé, 2012, p.31)

A denúncia social também é bastante enfatizada nas obras de Lília Momplé. Às mulheres resta pouca possibilidade de ascensão. Assim como retratadas em “Moça das docas” de Noémia de Sousa, a submissão e a humilhação parecem ser também caminhos obrigatórios para as moçambicanas nas obras de Momplé:

Aidinha não lhe disse que estava farta de miséria e que sendo negra, não tinha outro caminho para se livrar dela. Só tornando-se puta. Não disse nada disso, mas respondeu com a fria serenidade de quem há muito tinha feito uma opção:

\_ não, mãe, deixe-me viver assim. Para a palhota eu não volto mais. Nunca mais. (Momplé, 1988, p.24)

Igualmente em seus textos, delata as humilhações sofridas pelos moçambicanos no período colonial. A política colonial reforçava a subordinação de um povo, que pouco esperava por melhorias e lamentava por tamanho desalento.

\_ Mas tu já viste irmão, que vida é a nossa? \_ interrompe Mussa Racua \_vem essa gente da Administração e marca-te um terreno. Dão-te sementes que não pediste e dizem: tens que tirar daqui três sacos ou seis ou sete sacos, conforme lhes dá na cabeça. E se por qualquer razão adoecemos ou não cai chuva, ou a semente é ruim, e não conseguimos entregar o arroz que eles querem, lá vamos nós parar às plantações. E os donos das plantações ficam contentes porque conseguem uma data de homens para trabalhar de graça. (Momplé, 1988, p.12)

Em suma, Lília Momplé enaltece a proeminência da mulher moçambicana: sua importância para a difusão de valores e tradições, o entrelace com as artes e sua contribuição para cultura de Moçambique pela oralidade (Freitas, 2012, citado por Batoso 2018, p.170). Embora seus textos não pudessem reverter o apagamento dessas vozes femininas na sociedade, ao menos acendeu em seus leitores um ardor por mudanças e por igualdade de gênero em Moçambique.

### **3.2.3. Paulina Chiziane**

Nascida em 1955 em Moçambique, Paulina Chiziane se autodenomina contadora de histórias (Hamilton, 2006, p.317), pois enxerga na linguagem oral a força da sua expressão, ao mesmo tempo que exprime os costumes moçambicanos. Aprendeu português em uma escola católica e durante um tempo de sua vida se dedicou a questões políticas em seu país. A escritora desponta como uma figura de proeminência no momento pós-independência de Moçambique. Em suas obras, ela retrata temas cujo cerne se encontra na figura da mulher e a constante ameaça ao seu protagonismo. Também carrega em seus textos marcas da tradição e perspectivas da população interiorana de Moçambique. Reconhecidamente, é a primeira mulher moçambicana a escrever um romance:

No que concerne a Moçambique, pode-se dizer que na prosa de Paulina Chiziane encontramos todo um universo do interior do país, constituindo os seus textos um mergulho em costumes, lendas e perspectivas de populações distantes do litoral. (Macedo, 2014, p.21)

Todo o seu talento na escrita e sua forma especial de dar vida aos romances, fazem-na uma das mais renomadas escritoras africanas de Língua Portuguesa. Em 2021 foi agraciada com o Prêmio Camões, se tornando a primeira mulher dos países africanos de língua portuguesa a receber esta distinção.

A sua escrita, por forte influência da sua vivência, delinea uma sociedade moçambicana avessa às questões da emancipação da mulher. Práticas ancestrais são emaranhadas ao mundo contemporâneo de Moçambique, cuja política e economia ainda estão em fase de desenvolvimento. Por conseguinte, as

personagens femininas criadas por Paulina Chiziane são, em sua maioria, detentoras de um baixo poder aquisitivo, com pouca instrução formal e marginalizadas perante a sociedade (Adão, 2006, p.200). Além do mais, são alvos de práticas tradicionais que as colocam em uma posição subalterna. É perceptível a presença do patriarcado na sociedade moçambicana pelos seus textos:

As amigas e as vizinhas da Luísa entram em qualquer canto, falam alto e de qualquer maneira, mexem em tudo sem cerimônias. É uma casa sem ordem. Casa de mulher. Falta um homem aqui dentro para impor respeito nesta casa. (Chiziane, 2021, p.81)

Entretanto, é também em seus escritos que as mulheres se atrevem a ir de encontro a situações de subjugação sofridas, mesmo que isto efetivamente não interrompa seu papel de subordinação nas narrativas contadas. Através de Paulina Chiziane, as personagens femininas recriadas dão-se voz, ousam sonhar e até mesmo a exteriorizar falas de resistência e convicção.

Porque é que as mulheres sempre esperam, se têm força para desafiar o destino? E se o príncipe esperado não chegar, quem pagará a despesa da eterna frustração? (Chiziane, 2016, p.64)

Outra característica marcante da literatura de Paulina Chiziane é de fazer referência, nas suas narrativas, a rituais e costumes mais estreitamente ligados às mulheres:

Fala-me sobre o mbelele, comadre.

\_Mbelele é uma grande cerimônia, em que as mulheres desempenham o papel mais importante. (Chiziane, 2003, p.61)

Assim sendo, sua habilidade para mesclar culturas e tradições faz com que seus textos sejam também uma rica combinação linguística e uma fonte preciosa de conhecimento histórico-sociocultural. As chagas da sociedade moçambicana parecem ser a força motriz de todo discurso de Paulina Chiziane. Do mundo exterior ao mundo interior, suas narrativas culminam em questionamentos, autoconhecimento e descoberta no que tange ao universo feminino.

## **4) Propostas didáticas com foco no alargamento de competências interculturais**

### **Introdução**

Ao longo das próximas páginas, abordarei formas de efetivamente trabalhar com a literatura moçambicana de escrita feminina, em aulas de português como língua não materna. Representações histórico-socioculturais serão abordadas em seis fichas didáticas, tendo como referência as escritoras: Noémia de Sousa, Lília Momplé e Paulina Chiziane. Obras como *Sangue Negro*, *Ninguém matou Suhura*, *Neighbours*, “Mutola, a ungida” e *Niketche, uma história de poligamia* serão didatizadas oferecendo aos professores de PLNM ferramentas possíveis para o alargamento de competências interculturais em suas didatizações.



#### **4.1. *Sangue Negro* de Noémia de Sousa**

**Poemas: “Se este poema fosse...” e “Se me quiseses conhecer...”**

**Tema: A moçambicanidade e o sonho coletivo.**

##### **Introdução**

Esta ficha didática visa atender a alunos de PLNM do nível B2 de proficiência, conforme delineado pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECRL). As atividades didáticas propostas estimulam o aprendizado e possuem como alicerce diferentes habilidades linguísticas. Também é por meio deste material que lutas e anseios históricos marginalizados são elucidados, revelando uma intencionalidade de contextualizar e conscientizar os aprendentes sobre a importância da escrita no ideal formativo de uma nação em construção.

Essa proposta de didatização sugere quatro encontros de uma hora e meia cada um, abrangendo atividades de pré-leitura, leitura, pós-leitura, exercícios gramaticais e uma apresentação artística em forma de sarau.

O período colonial em Moçambique e o sonho de independência dessa nação são temas centrais desta didatização, tendo como recurso a poesia de cunho social e coletivo de Noémia de Sousa, em *Sangue Negro*.

Por fim, as atividades propostas são flexíveis e passíveis de adaptação conforme avaliado pelo professor atuante.

## 1ª aula

### Atividades de pré-leitura

I) Você tem sonhos? Quais? (Prática Oral)

II) Quais das citações abaixo melhor descrevem o seu sentimento em relação aos seus sonhos? (Partilhe sua resposta com a turma)

“ Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem ou que os seus planos nunca vão dar certo ou que você nunca vai ser alguém...

Renato Russo

Nota: Trecho da letra da música "Mais Uma Vez"

“ O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos.

Desconhecido

Nota: O pensamento costuma ser atribuído a ex-primeira-dama norte-americana Eleanor Roosevelt, mas não há fontes que confirmem essa autoria.

“ Se você acreditar em si mesmo, todos os seus sonhos podem se tornar realidade.

Bob Esponja

“ Lembre-se: Você é do tamanho dos seus sonhos.

Roberto Shinyashiki

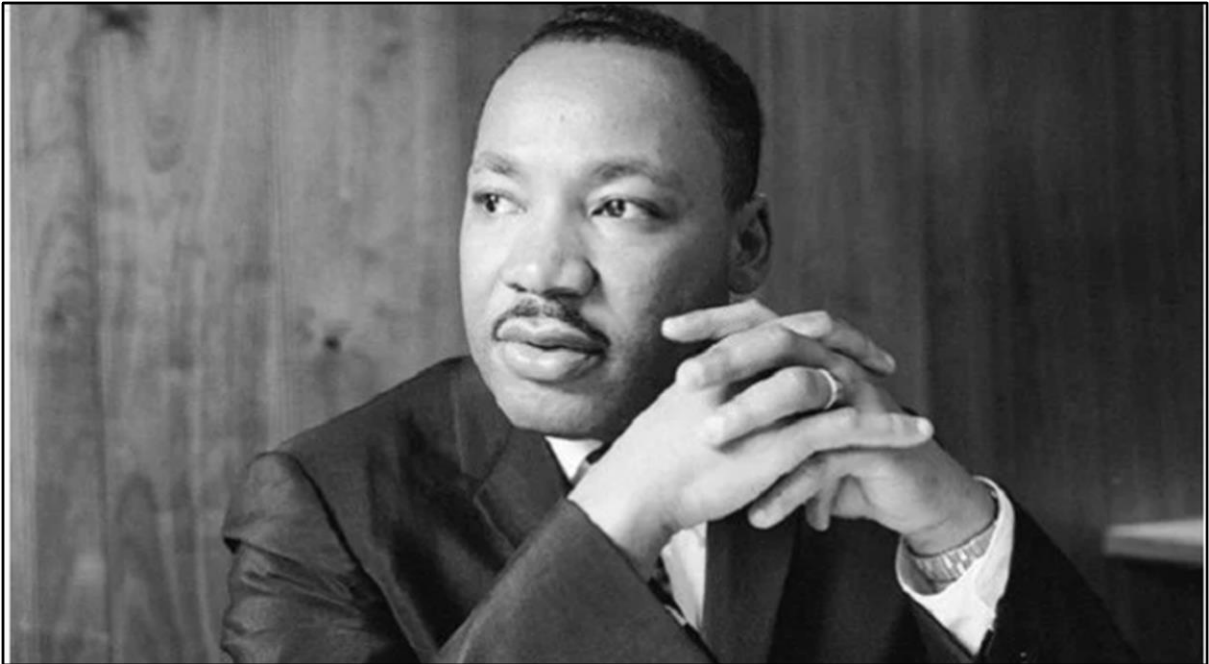
III) Escute a canção abaixo do cantor brasileiro Raul Seixas.

["Tente outra vez"](#)

Prática Oral

- Por que o título da canção é "Tente outra vez"?
- Você tem algum sonho de infância não realizado?
- Já desistiu de algum sonho?
- Você acredita que há sonhos "mais nobres" que outros? Explique.

IV) Observe a imagem abaixo:



<https://www.todamateria.com.br/martin-luther-king/>

a) Você sabe a quem se refere?

---

b) Qual era o sonho dele?

---

---

---

Verifique a sua resposta no *link* a seguir:

<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-sonho-de-martin-luther-king-e-um-discurso-historico/>

c) Você tem um sonho de mudar alguma coisa no seu país? O quê?

---

---

V) Em grupo, troque ideias com seus amigos

a) Ao longo da história, recorda-se de algum outro “sonhador” que tenha lutado por grandes causas sociais? De que forma conduziu essa luta? Usando que tipo de estratégia?

b) É possível manifestar descontentamentos, lutas sociais e sonhos também por meio da arte?

Veja a seguir alguns exemplos:

Pela pintura



<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-57968448>

Pela música

### **"Apesar de você" ( Chico Buarque )**

\*Crítica ao período da ditadura militar no Brasil.

Pela literatura

"Vi ontem um bicho

Na imundície do pátio

Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,

Não examinava nem cheirava:

Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,

Não era um gato,

Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem."

(Manuel Bandeira )

VI) Atividade em grupo.

a) Picasso, Chico Buarque e Manuel Bandeira relataram lutas e anseios por meio da arte. Conhece algum outro artista que tenha se posicionado de forma crítica? **Converse com seus colegas de grupo.**

b) Já ouviu falar sobre “Poesia social”?

Leia o *link* abaixo e recolha as seguintes informações:

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/poesia-social.htm>

O significado de “Poesia Social”.

---

Como surgiu.

---

---

Principais representantes, período e onde atuaram.

---

---

---

VII) O *link* acima menciona a **escritora Noémia de Sousa**. Ela representa a primeira voz feminina de destaque na Literatura moçambicana. Colete mais informações sobre ela no *link* abaixo e sintetize-as por meio de um texto. (100 palavras)

[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$noemia-de-sousa](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$noemia-de-sousa)



---

---

---

---

VIII) Noémia escrevia seus poemas no período de pré-independência de Moçambique (entre a década de 40 e 50). Porém, todos os seus escritos foram apenas reunidos em 1988 por iniciativa da Associação dos Escritores Moçambicanos. Esta obra é intitulada ***Sangue Negro***. Leia o trecho abaixo sobre esta poetisa:

Para além de ter sido uma das primeiras mulheres que, se bem que ainda influenciadas pelo contexto colonial, a este se opuseram de forma clara, através da denúncia das suas injustiças e da discriminação racial, Sousa foi antes de mais uma mulher cujo olhar se fixava na vida quotidiana dos habitantes dos subúrbios, na maioria africanos...invocando uma irmandade entre os povos... (Alfieri, 2019, p.222)

**Refleta:**

Qual seria o sonho de Noémia?

## **Tarefa de casa**

I) Escreva uma possível continuação para estes versos de “Se este poema fosse” de Noémia de Sousa:

“...Ai meu sonho

Ai a minha terra moçambicana erguida

Com uma nova consciência, digna e amadurecida...”

---

---

---

---

II) Leia o poema na íntegra e confira com o que escreveu.

## SE ESTE POEMA FOSSE...

Se este poema fosse mais do que simples  
sonho de criança...

Se nada lhe faltasse para ser total realidade  
em vez de apenas esperança...

Se este poema fosse a imagem crua da verdade,  
eu nada mais pediria à vida

e passaria a cantar a beleza garrida  
das aves e das flores

e esqueceria os homens e as suas dores...

– Se este poema fosse mais do que mero  
sonho de criança.

Ai o meu sonho...

Ai a minha terra moçambicana erguida  
com uma nova consciência, digna e amadurecida...

A minha terra cortada em toda a sua extensão  
por todas essas realizações que a civilização  
inventa para tornar a vida humana mais feliz...

Luz e progresso para cada povoação perdida  
no sertão imenso, escolas para as crianças,  
para cada doente, a assistência da ciência consoladora,  
para cada braço de homem, uma lida  
honrada e compensadora,

para cada dúvida uma explicação,  
e para os Homens, Paz e Fraternidade!

Ah, se este poema fosse realidade  
e não apenas esperança!  
Ah, se fosse o destino da nova humanidade  
não mais me inquietaria e eu passaria  
a cantar então a beleza das flores,  
das aves, do céu, de tudo o que é futilidade  
porque então a dor humana não existiria,  
nem a infelicidade, nem a insatisfação,  
na nova vida plena de harmonia!

(Noémia de Sousa, Sangue Negro, pp.66-67)

III) Afinal, qual era o sonho de Noémia? Ele se concretizou? Explique.

---

---

---

---

---



## 2ª aula

### Atividades de leitura

I) “Se este poema fosse” foi escrito em 1949, período colonial em Moçambique. A escrita desta época é carregada de sentimentos utópicos, coletivos e nacionalistas, enfatizando um caráter político e auto afirmativo. Das palavras/expressões abaixo, escolha três que, em sua visão, melhor definem este poema:

- ( ) Esperança
- ( ) Nacionalismo
- ( ) Revolta
- ( ) Mágoas
- ( ) Aspirações
- ( ) Sonhos
- ( ) Tristeza
- ( ) Autoafirmação
- ( ) Crítica social
- ( ) Libertação
- ( ) Desigualdade
- ( ) Acusação

II) Justifique o porquê da sua escolha (Atividade Oral)

III) Em um dos trechos do poema, Noémia de Sousa deixa bem claro o seu descontentamento em relação a padrões vigentes na sociedade moçambicana, pormenorizando questões civilizatórias que envolvem a situação dos colonizados em Moçambique. Sublinhe essa parte no poema.

IV) O que o “eu-lírico” faria se o poema fosse realidade e não esperança? (Explique com suas próprias palavras)

---

---

---

V) Você acha que a temática do poema retrata um anseio pessoal da Noémia de Sousa ou refere-se a um desejo coletivo da sociedade na época?

---

---

Veja a seguinte explicação: [...] Nos seus poemas, o “eu” de Noémia de Sousa é entendido como um “coletivo”, um povo inteiro que quer ter a palavra – o povo moçambicano. (Batoso, 2018, p.172)

VI) Noémia de Sousa utiliza vários recursos literários para “dar vida” aos seus poemas. Dentre eles está a “rima”. Observe a primeira estrofe:

Se este poema fosse mais do que simples  
sonho de criança...  
Se nada lhe faltasse para ser total realidade  
em vez de apenas esperança...  
Se este poema fosse a imagem crua da verdade,  
eu nada mais pediria à vida  
e passaria a cantar a beleza garrida  
das aves e das flores  
e esqueceria os homens e as suas dores...  
– Se este poema fosse mais do que mero  
sonho de criança.

Nesta, realidade rima com verdade. Vida com garrida e por fim, flores com dores.

Identifique as rimas existentes nas estrofes posteriores.

---

---

---

## Funcionamento da língua

### Tempos do conjuntivo.

Dissemos anteriormente que as formas do CONJUNTIVO enunciam a acção do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de acções concebidas em sua realidade.

(Cunha & Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, p. 337)

Vejam agora dois tempos do modo conjuntivo e seus principais valores:

**2. O IMPERFEITO DO CONJUNTIVO pode ter o valor:**

**a) de passado:**

Não havia intenção que ele não lhe confessasse, conselho que lhe não pedisse.

(Agustina Bessa Luís, *S*, 58.)

**b) de futuro:**

Alberto era inteligente e se não se deixasse engazupar, talvez aquilo até lhe fosse um bem...

(Ferreira de Castro, *OC*, I, 87.)

**c) de presente:**

Tivesses coração, terias tudo.

(Guimarães Passos, *VS*, 166.)

(Cunha & Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, p. 338)

l) Observe o exemplo abaixo retirado do poema “Se este poema fosse”:

“Se este poema fosse a imagem crua da verdade,

eu nada mais pediria à vida...”

a) Acha que a autora se refere ao passado, presente ou futuro?

---

A oração acima em destaque é adverbial condicional, com circunstância de realização hipotética.

Veja mais:

**b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:**

Ó Morte, dava-te a vida,  
Se tu lha fosses levar!...

(Guerra Junqueiro, *S*, 74.)

(Cunha & Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, p. 337)

b) Sublinhe em “Se este poema fosse” todas as orações adverbiais condicionais.

II) Complete as orações abaixo com condições hipotéticas sobre a sua vida.

- a) Eu ficaria muito feliz se \_\_\_\_\_.
- b) As leis do meu país seriam mais justas se \_\_\_\_\_.
- c) \_\_\_\_\_, realizaria mais trabalhos sociais.
- d) \_\_\_\_\_, acabaria com toda a pobreza mundial.
- e) Eu conheceria outros países \_\_\_\_\_.

III) O futuro do conjuntivo

**5. O FUTURO DO CONJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:**

**a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS e TEMPORAIS), cuja PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:**

**Se quiser, irei vê-lo.**

**Se quiser vê-lo, vá a sua casa.**

**Farei conforme mandares.**

**Faça como souber.**

**Quando puder, passarei por aqui.**

**Quando puder, venha ver-me.**

**b) ADJECTIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:**

**Direi uma palavra amiga aos que me ajudarem.**

**Diga uma palavra amiga aos que o ajudarem.**

(Cunha & Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, p. 339)

Qual a diferença de significado entre os dois exemplos a seguir:

- Se me quisesses conhecer melhor, poderias perguntar aos meus amigos sobre mim.
- Se me quiseres conhecer melhor, poderás perguntar aos meus amigos sobre mim.

---

---

---

IV) Reflita e responda:

- a) Se quiseres conhecer mais sobre o período colonial em Moçambique e sobre a escrita de Noémia de Sousa, o que deverás fazer?

---

---

- b) Imagine que você é Noémia de Sousa e precisa de falar de si, iniciando seu discurso com a seguinte oração: "Se me quiseres conhecer...." Como complementaria tal ideia? Escreva abaixo.

---

---

---

### **Atividades de pré-leitura**

l) Noémia de Sousa possui um poema intitulado "Se me quiseres conhecer". Este texto também foi escrito em 1949. Nele, a escritora ressalta a sua moçambicanidade e seu lugar de pertencimento e identidade. Também enfatiza as dores da escravidão, sendo uma voz de resistência e revolta.

- a) Quais das palavras ou expressões abaixo espera encontrar neste poema?

- ( ) Mãos inspiradas
- ( ) Desespero
- ( ) Feridas de angústia
- ( ) Pau preto
- ( ) Chicotes da escravatura
- ( ) Batuques frenéticos
- ( ) Grito de esperança
- ( ) Olhos marejados
- ( ) Esperança contida
- ( ) Revolta
- ( ) Saudade

- b) Justifique a sua escolha

---

---

---

---

## Tarefa de casa

### Atividades de leitura

1) Leia o poema “Se me quiseres conhecer” de Noémia de Sousa e cheque sua resposta dada no exercício anterior.

#### SE ME QUISERES CONHECER

Para Antero

Se me quiseres conhecer,  
estuda com os olhos bem de ver  
esse pedaço de pau preto  
que um desconhecido irmão maconde  
de mãos inspiradas  
talhou e trabalhou  
em terras distantes lá do Norte.

Ah, essa sou eu:  
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,  
boca rasgada em feridas de angústia,  
mãos enormes, espalmadas,  
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,  
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis  
pelos chicotes da escravatura...  
Torturada e magnífica,  
altiva e mística,  
África da cabeça aos pés,  
– ah, essa sou eu:

Se quiseres compreender-me  
vem debruçar-te sobre minha alma de África,  
nos gemidos dos negros no cais

nos batuques frenéticos dos muchopes  
na rebeldia dos machanganas  
na estranha melancolia se evolvendo  
duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me perguntes,  
se é que me queres conhecer...  
Que não sou mais que um búzio de carne,  
onde a revolta de África congelou  
seu grito inchado de esperança.

25/12/1949

(Noémia de Sousa, *Sangue Negro*, pp.49-50)

II) O poema possui quatro estrofes. Se tivesse que escolher apenas uma para melhor definir Noémia, qual seria? Por quê?

### 3ª aula

I) Retire do poema:

a) Um verso (ou versos) em que a escritora enaltece o seu lugar de origem e a sua identidade.

---

b) Um verso (ou versos) em que a escritora aborda os efeitos e padecimentos provenientes da escravidão.

---

c) Um verso (ou versos) em que a escritora exalta a musicalidade proveniente de África.

---

d) Um verso (ou versos) que indica (m) o desinteresse e desconfiança do “outro” em conhecê-la.

---

e) Um verso (ou versos) em que a poeta deixa nítido o seu ímpeto de não mais se calar.

---

II) Pesquise o significado das seguintes palavras:

- Maconde: \_\_\_\_\_
- Muchopes: \_\_\_\_\_
- Machangana: \_\_\_\_\_

III) Noémia dedica o seu poema a Antero. Em sua visão, quem é ele e o que ele pode ter representado para a luta pela independência de Moçambique? Faça uma pesquisa.

*Link* indicado para a pesquisa:

<https://cartamz.com/index.php/sociedade/item/12476-noemia-de-sousa>

IV) Responda a seguir:

a) Noémia de Sousa refere a si e a África como se fossem um só corpo. Em sua opinião qual foi a intenção da escritora ao usar este recurso linguístico?

---

---



- b) Ao utilizar sempre a expressão “Se me quiseses conhecer...”, Noémia faz um “convite” ao “outro”. Em sua visão, o aceite do outro seria algo essencial ou desnecessário dentro da intencionalidade da poetisa? Quem seria “o outro”?

---

---

---

V) Atividade em dupla.

Discuta com o seu par o que a escritora quis dizer nos seguintes versos da segunda estrofe:

- “órbitas vazias no desespero de possuir a vida”.
- “boca rasgada em ferida de angústia”.
- “corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis”.

VI) Redação

Escolha um dos versos do exercício anterior como título e escreva um artigo de opinião sobre o período colonial em Moçambique. (Entre 150 e 200 palavras)

---

---

---

---

### **Atividade de pós-leitura**

I) Organização de um sarau de poesia com a obra *Sangue Negro* de Noémia de Sousa.

**Orientação:**

- a) Cada aluno deverá escolher um poema desta obra e declamá-lo.
- b) O aluno também deverá explicar o porquê da sua escolha.
- c) Tempo de preparação: Uma semana

## **4ª aula**

I) Apresentação dos alunos.

## **Avaliação e Feedback**

Chegamos ao fim do nosso curso literário. A sua opinião é muito importante para que aprimoremos as nossas aulas. Peço, por gentileza, que preencha o formulário a seguir e contribua com críticas (construtivas) e sugestões.

Acesse: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C\\_Jj6b4JA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C_Jj6b4JA/viewform?usp=sf_link)

Foi um imenso prazer tê-los aqui!!

Até a próxima!!

## Comentário à proposta

As experiências vividas por Noémia de Sousa, no período de pré-independência de Moçambique, são força motriz para sua escrita potente, repleta de anseios, luta e revolta. À sua voz juntam-se mágoas coletivas e esperanças partilhadas em prol de uma nação livre das amarras da colonização. Sua escrita, portanto, torna-se arma de denúncia contrapondo-se a séculos de silenciamentos.

A partir da década de 40, a literatura moçambicana ganha identidade própria. Noémia de Sousa é a precursora deste período, utilizando a arte como ato político e de libertação. Sua escrita enfatiza seu comprometimento com a sua terra, com o seu povo em detrimento das intenções dos colonizadores. Há uma exaltação à moçambicanidade:

Noémia de Sousa fala do orgulho de pertencer a África por parte dos africanos. E por este mesmo motivo vem afirmar que terão obrigatoriamente de ser os filhos a cantar essa mãe-terra (que tanto amam e sentem) – e cantar a África tinha forçosamente que ser entendido por oposição à maneira de cantar do colonizador. (Batoso, 2018, p.172)

A escolha de *Sangue Negro* como fonte didática beneficia o aprendizado sob um viés histórico, cultural e social, proporcionando o estudo da interculturalidade em aulas de português como língua não materna.

## Referências

- ALFIERI, N. (2023). *Noémia de Sousa, ou ser “África da cabeça aos pés” em tempos de colonização*. Universidade Nova de Lisboa. CHAM.
- BATOSO, A. (2018). A literatura africana de autoria feminina: vozes moçambicanas. *Revista Eletrônica do Netlli*, 156-182.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.
- CUNHA, C., & CINTRA, L., (2006). *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. (20ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DE SOUSA, N. (2001). *Sangue Negro*. Associação dos escritores moçambicanos.

## **4.2. *Ninguém matou Suhura* de Lília Momplé**

**Contos: “Aconteceu em Saua-Saua” e “Caniço”.**

**Tema: Dilemas raciais, sociais e culturais em Moçambique e ao redor do mundo.**

### **Introdução**

Esta ficha didática visa atender a alunos de PLNМ a partir do nível B2 de proficiência, conforme delineado pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QEСRL). Privilegiam-se tarefas em que todas as competências linguísticas possam ser trabalhadas, com enfoque na interculturalidade e empatia às demais culturas e dilemas sociais. Preocupa-se com a não-hierarquização das diferentes realidades histórico socioculturais.

Essa proposta de didatização sugere seis encontros de uma hora e meia cada um, englobando atividades de pré-leitura, leitura, pesquisa, pós-leitura e atividades de ação. Atividades reflexivas, seja em grupo, seja individual, são estimuladas a fim de que os alunos entendam e debatam as dificuldades sociais e raciais de Moçambique sob o viés histórico. Além do mais, há uma constante intenção de mostrar dilemas raciais e sociais também por outros países, como forma de aproximação cultural e conscientização acerca de um tema tão pertinente na nossa sociedade atual. Portanto, os alunos, sob esse prisma, são convidados a se posicionarem criticamente e a traçarem planos de ação para uma sociedade menos preconceituosa. A ficha também inclui atividades que demandam ferramentas digitais e colaborativas, proporcionando uma flexibilidade quanto à sua modalidade de aplicação.

Por fim, as atividades propostas não são rígidas, permitindo ao professor atuante a sua adaptação e conformidade, segundo o seu público-alvo.

## 1ª aula

### Atividades de pré-leitura

I) Escute o poema e atente a sua letra:

[Milton Nascimento - Era Rei E Sou Escravo](#)

- A que período da história o poema se refere?
- Quais são os sofrimentos descritos pelo poeta?
- Há sentimento de esperança na fala do poeta?
- Em sua opinião, de que forma esse período histórico reverbera atualmente?

II) Conheça a história de “Ota Benga”, “Saara Bartman” e “Ruby Bridges” nos *links* abaixo. Ao visualizar o vídeo correspondente ao seu grupo, esteja atento (a) às seguintes informações:

Grupo A: <https://www.youtube.com/watch?v=7MsVWAD9uE>

Grupo B: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110\\_mulher\\_circo\\_africa\\_lab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab)

Grupo C: <https://www.youtube.com/watch?v=uTHpPH2qCtI>

- O local onde a história decorreu.
- O período em que a história decorreu.
- Relate à turma a história de vida deles. Mencione os momentos positivos (se houve) e negativos em suas trajetórias de vida. (Cada grupo deve apresentar a sua parte)

Após as apresentações, responda:

- O que há de comum entre as histórias?

---

- Você acha que o racismo se perpetua na atualidade? Por quê?

---

---

---

- Já ouviu falar de colonialismo? Se não, pode informar-se aqui:

[https://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/index.php?id=6522&id\\_lingua=1&pag=7681](https://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/index.php?id=6522&id_lingua=1&pag=7681)

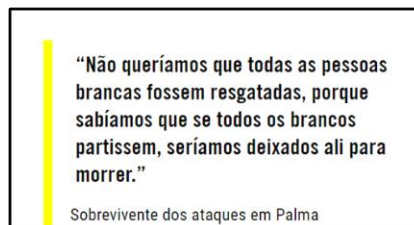
- A partir do que leu, acha que há uma relação entre colonialismo e racismo? Explique.

---

---

---

III) Agora veja a reportagem abaixo:



<https://www.amnistia.pt/mocambique-discriminacao-racial-resgates-palma-testemunhos-sobreviventes/>

#### Responda Oralmente

- a) Diz respeito a qual país?
- b) Sobre o que é a reportagem?

#### Pesquise

- c) Você sabe onde esse país se localiza?
- d) Qual é a sua língua oficial?
- e) Esse país sofreu processo de colonização? Em qual período? Por qual (quais) país (países)?
- f) Qual a situação do país nos dias atuais?
- g) Partilhe com a turma o resultado da sua pesquisa.

### Tarefa de casa

I) Você foi convidado (a) pelo jornal da sua cidade para escrever uma breve reportagem (150-170 palavras) sobre Moçambique e sua história. Adicione ao texto uma imagem que melhor caracterize o conteúdo.

\*Os alunos compartilham seus textos na aula seguinte.



## 2ª aula

### Atividades de pré-leitura

l) Veja atentamente os conteúdos abaixo, que dizem respeito à política/ideologia do colonialismo português em Moçambique (início do século XX):

<p><b>Nada de misturas</b></p> <p>Num só ponto devemos ser rigorosos quanto à separação racial: no respeitante aos cruzamentos familiares ou ocasionais entre pretos e brancos, fonte de perturbações graves na vida social de europeus e indígenas e origem do grave problema do mestiçamento, grave, digo, senão sob o aspecto biológico, tão convertido (...), ao menos sob o aspecto sociológico. (Marcelo Caetano, <i>Comunicação à Colónia de Moçambique, por intermédio do Rádio Clube local</i>, 7 de Setembro de 1945)</p>	<p><b>Ainda bem!</b></p> <p>Se em Angola ou Moçambique houvesse 20 ou 30 milhões de negros, o problema para nós seria extremamente grave; ainda bem que essas populações são tão reduzidas. Eu não sei se isto resultou da exportação que se fez para o Brasil; se foi isso, ainda bem que se fez essa exportação. (Kaulza de Arriaga, <i>O problema estratégico português</i>, vol. XII das lições de Estratégia do Curso de Altos Comandos)</p>
<p><b>Raças e latitudes</b></p> <p>Se caminhar-mos de norte para sul, parece que a latitude tem qualquer influência nas raças. Vemos que as raças, à medida que descem de latitude, vão adquirindo certas características que, em relação aos parâmetros da vida moderna, são inferiores. Vemos os nórdicos, capazes de uma opinião pública muito esclarecida; depois começamos nós, os latinos, já muito menos esclarecidos; depois passamos aos árabes, muito piores que nós, e acabamos nos pretos. Não há dúvida nenhuma de que a raça preta tem características inferiores aos nórdicos. (Kaulza de Arriaga, vol. XII das lições de Estratégia do Curso de Altos Comandos)</p>	<p><b>Ser e não ser</b></p> <p>Os indígenas são súbditos portugueses, (...) mas sem fazerem parte da Nação, quer esta seja considerada como comunidade cultural (visto faltarem-lhe os requisitos da assimilação da cultura), quer como associação política dos cidadãos (por não terem ainda conquistado a cidadania)</p> <p>(...)</p> <p>Art.º 2.º — São considerados como indígenas das províncias da Guiné, Angola e Moçambique, os indivíduos de raça negra e seus descendentes que, nascidos lá ou lá vivendo habitualmente, ainda não possuem a instrução e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a aplicação integral do direito público e privado dos cidadãos portugueses.</p> <p>(...)</p> <p>Art.º 56.º — Pode perder a condição de indígena e adquirir a cidadania o indivíduo que comprovar satisfazer as cinco condições seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1 — Ter mais de 18 anos.</li><li>2 — Falar correctamente a língua portuguesa;</li><li>3 — Exercer uma profissão, uma arte ou um ofício que lhe dê um rendimento necessário à sua subsistência e de seus familiares ou das pessoas que estão a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim;</li><li>4 — Ter um bom comportamento e ter adquirido a instrução e os hábitos pressupostos para a aplicação integral do direito público e privado dos cidadãos portugueses;</li><li>5 — Não ter sido considerado refractário no serviço militar ou desertor. (Decreto-Lei nº 39 666 de 20 de Maio de 1954)</li></ol>

(Ana Barradas, *Ministros da Noite- Livro Negro da Expansão Portuguesa*, pp.78, 79, 114)

a) Retire desses trechos frases que demonstram preconceito racial aos moçambicanos e angolanos.

---

---

---

b) A nação colonialista vê a cultura do colonizado como algo valoroso e que deve ser preservado? Justifique a sua resposta com frases dos trechos.

- 
- 
- 
- c) O colonialismo português instituiu distinções de estatuto social e cultural e de acesso à cidadania a partir da tonalidade da pele? Explique.
- 
- 
- 

## **Atividades de leitura**

Trabalharemos com dois contos contidos no livro *Ninguém matou Suhura*, de Lília Momplé. Esta obra foi publicada em Moçambique em 1988, e seus contos são baseados em fatos da época colonial entre 1935 e 1974.

- l) Leia o início de cada conto:

### **“Aconteceu em Saua- Saua”**

#### **Junho de 1935**

*Mussa Racua aproxima-se lentamente da palhota de Abudo. Todo o cansaço de um dia inteiro de caminhadas infrutíferas se concentra no olhar, cuja melancólica serenidade reflecte uma tristeza sem esperança. Embora lento, o seu andar não revela o esforço despendido desde a madrugada, percorrendo sem descanso longas distâncias entre as palhotas de amigos conhecidos. Caminha com passos firmes, de cabeça erguida, o belo corpo esguio bem direito. A ansiedade e a dorida revolta que o queimam, sabe ele escondê-las dentro de si. Só os olhos, demasiado serenos, demasiado fixos, denotam a conformada lassidão do jogador que tudo perdeu.*

(Lília Momplé, *Aconteceu em Saua-Saua*, p.9)

### **“Caniço”**

#### **Lourenço Marques, dezembro de 1945**

*Como sempre, Naftal desperta sem vontade. O quarto onde dorme com os irmãos cheira a suor e a mofo, pois é um compartimento demasiado pequeno para albergar quatro pessoas. Além disso, a única janela está sem rede e teve de permanecer com as portinholas de madeira fechadas toda a noite, por causa dos mosquitos. Naftal levanta-se devagar e, ainda ensonado, dobra o velho trapo que lhe serve de lençol, enrola a esteira onde dormiu e vai colocar tudo a um canto. Não tem relógio, mas, como o sol já penetra pelas frestas da palhota, ele sabe que são horas de partir para o trabalho. Tem apenas dezassete anos mas, sendo órfão de pai e o mais velho dos irmãos, já lhe pesa a responsabilidade de ser praticamente o chefe de uma família de seis pessoas.*

(Lília Momplé, *Caniço*, p. 21)

### Responda Oralmente

- a) Quais as semelhanças entre os dois contos?
- b) Onde e quando as histórias acontecem?
- c) Quais personagens são citadas em cada trecho?
- d) Quais sentimentos são expressos por essas personagens?
- e) Qual o estatuto de Moçambique nos anos citados no início dos contos?

II) **Em grupo**, discuta sobre possíveis desdobramentos dessas histórias: o que aconteceu a suas personagens? Qual foi o desfecho?

Grupo I- Aconteceu em Sava- Sava

Grupo II- Caniço

**Apresentem** suas versões à turma.

### Tarefa de casa

I ) Leiam os contos encontrados em [aconteceu em sava-sava- caniço.pdf](#)

(Cada grupo com seus respectivos contos) e reflitam:

- a) O desenrolar da história é como esperavam? Por quê?
- b) Como o conto termina? Há um final feliz?
- c) Escolham cinco palavras-chave para definir o conto.
- d) Escrevam em apenas algumas linhas um resumo do conto (com suas próprias palavras) para que os colegas do outro grupo possam conhecê-lo.

**Compartilhe** o texto no mural da turma:

<https://padlet.com/giselepessanha/c7oydrbhpfo2cwtf>

### 3ª aula

#### Atividades de leitura

I) Observe o excerto abaixo retirado do conto “Aconteceu em Saua-Saua”:

Os dois amigos sentam-se na esteira, um em frente do outro. Um silêncio expectante paira no ambiente, e até mesmo as vozes das crianças que paíram no quintal soam distantes e estranhas como um eco.

— Ano mau este, irmão — diz por fim Abudo, na doce língua macua.

Mussa Racua encara-o com gratidão. O amigo quer ao menos poupar-lhe as palavras que desde madrugada vem repetindo, repetindo em todas as palhotas, repetindo até quase lhes perder o sentido.

— Disseram-me que andas à procura de arroz para entregar na Administração.

— Desde ontem — responde Mussa Racua — tu és o último amigo a quem venho pedir ajuda. Bem sei que ainda te devo meio saco que me emprestaste o ano passado... Por isso não queria pedir-te outra vez. Mas hei-de pagar. Tu sabes que eu pago. Faltam-me dois sacos este ano. Desde ontem que ando à procura e nada consegui. Se pudessem arranjar-me dois sacos eu...

— Este foi um ano maldito. Quase não caiu chuva... — interrompe Abudo.

Mussa Racua não o ouve sequer. Repete obstinadamente as mesmas palavras em frases curtas como soluços. De repente, nota que Abudo baloiça suavemente o corpo e que tem os olhos pregados na esteira.

«Não vale a pena continuar aqui. Este também não pode socorrer-me» pensa Mussa Racua, tomado de uma súbita e inexprimível lassidão.

(Lília Momplé, *Aconteceu em Saua-Saua*, p.10)

Marque no trecho:

- a) O porquê da visita de Mussa Racua ao seu amigo Abudo.
- b) A justificativa do Adubo.
- c) A decisão de Mussa Racua.

II) Leia a seguinte fala retirada do trecho:

“Disseram-me que andas à procura de arroz para entregar na Administração.”

A que administração Abudo se refere?

---

---

III) Preste atenção ao excerto a seguir:

— Mas tu já viste irmão, que vida é a nossa? — interrompe Mussa Racua — vem essa gente da Administração e marca-te um terreno. Dão-te sementes que não pediste e dizem: tens que tirar daqui três sacos ou seis ou sete sacos, conforme lhes dá na cabeça. E se por qualquer razão adoecemos ou não cai chuva, ou a semente é ruim, e não conseguimos entregar o arroz que eles querem, lá vamos nós parar às plantações. E os donos das plantações ficam contentes porque conseguem uma data de homens para trabalhar de graça. E a gente da Administração fica contente porque recebe dos donos das plantações um tanto por cabeça que entrega. E nós é que vamos rebentando de medo e de trabalho todos os anos. E mal podemos cuidar das nossas machambas que nem dão para comer.

Abudo escuta-o cabisbaixo, uma raiva impotente crescendo dentro dele.

— Escuta! — continua Mussa Racua, numa exaltação febril — eu nunca te falei daquele sofrimento. Todos os que experimentam a plantação não querem mais falar daquilo. A comida sabe a merda! E mesmo assim é só o suficiente para um homem aguentar o trabalho. E aquele sisal que nunca mais acaba. Aquele sisal tem sangue, irmão, está cheio de sangue! A trabalhar sempre doente. Doente e a apanhar porrada. E depois de tanto tempo, vir de lá sem nada... Sem nada, irmão! E aqui as nossas poucas coisas sem um homem para cuidar.

— Mas tem de ser, irmão, o colono é que manda. O que havemos de fazer? O colono é que manda.

Abudo repete as palavras como quem recita uma ladainha. Os olhos de Mussa Racua perdem de repente a agitação que os animara durante a conversa com o amigo. Gostaria de lhe fazer compreender todo o horror da plantação, mas sente como são pobres as suas palavras de homem simples.

— Não vale a pena — pensa com irritado desespero — não vale a pena.

(Lília Momplé, *Aconteceu em Sava-Sava*, p.12)

Responda (Oralmente) às perguntas:

- Qual a exigência imposta pela Administração?
- O que acontece aos trabalhadores caso não consigam cumprir as exigências impostas pela Administração?
- Explique a política de favorecimento entre a Administração e os donos das plantações.
- Os trabalhadores conseguem suprir seus anseios e necessidades pessoais? Retire uma frase do texto para comprovar a sua resposta.
- Como Mussa Racua, no trecho em questão, lida com essa situação? De forma conformista? Explique com suas próprias palavras.

IV) Observe os excertos retirados do conto “Caniço”:

Naftal aceita a doença e a morte próxima da irmã como aceitou a morte do pai nas minas do John, a miséria quotidiana, o medo e as humilhações. Para ele, tudo faz parte do destino dos negros. Por isso, como sempre, hoje também desperta sem vontade, pois nada espera do dia que começa. Depois de colocar a esteira no lugar do costume, fica ainda um tempo de pé, espreguiçando-se para espantar o sono. Os irmãos dormem ainda o sono calmo e profundo que antecede o despertar. E ao vê-los assim tranquilos, Naftal sente uma ponta de inveja por não poder dormir também.

(Lília Momplé, “Caniço”, p.26)

### Glossário:

**John** = Joanesburgo, África do Sul.

Aidinha não lhe disse que estava farta de miséria e que sendo negra, não tinha outro caminho para se livrar dela. Só tornando-se puta. Não disse nada disso, mas respondeu com a fria serenidade de quem há muito tinha feito uma opção:

— Não, mãe, deixe-me viver assim. Para a palhota eu não volto mais. Nunca mais.

(Lília Momplé, “Caniço”, p.24)

Responda às perguntas:

a) Qual semelhança entende haver entre Abudo, Naftal e Aidinha? Como eles encaram suas realidades sociais? Retire dos trechos frases que comprovem o seu ponto de vista.

---

---

b) Para Naftal e Aidinha, qual é o destino dos negros nesse contexto social?

---

---

### Prática Oral

V) Na situação apresentada em “Aconteceu em Saua- Saua” você reagiria como Abudo ou como Mussa Racua? Por quê?

Discuta em grupo com seus amigos.

VI) *História Coletiva* (a turma deve estar organizada em círculo). Cada aluno terá 1 minuto para falar a sua parte. O aluno seguinte deverá continuar de onde a história parou e assim sucessivamente até que todos participem.

Observem o contexto:

Imaginem que em um belo dia Adubo e Mussa Racua decidem ir à Administração para reivindicar melhores condições de trabalho. Como tudo aconteceu?

Após a história, pensem em um título para ela.

## **Tarefa de casa**

Escrita coletiva

I) Baseando-se na história oral que criaram, transcrevam-na em um documento compartilhado do Google. <https://docs.google.com/document/d/1SAbjnroNQYdkD9CbEm3iONwknL6p1Ad-67vi9rmueE/edit?usp=sharing>

## 4ª aula

### Atividades de leitura

l) Leia os trechos do conto “Caniço” abaixo:

<b>A</b>	<p>“Apesar da hora matinal, o bairro já apresenta um aspecto desolador. O sol é ainda fraco, mas já fustiga as palhotas indefesas, prometendo um dia de calor sufocante. Moscas invadem as ruelas de areia solta, zumbindo à volta dos montes de lixo espalhados por toda a parte. Crianças ensonadas e seminuas brincam tristemente junto às portas das palhotas, exibindo os ventres enormes e os rostinhos inchados de anemia. Homens e rapazes de ar sombrio dirigem-se para o trabalho, descalços e rotos. Raparigas cobertas de andrajos carregam latas pingando água que, ao chafariz distante, foram buscar. Um cheiro a miséria envolve todo o bairro”</p> <p>(Lília Momplé, <i>Caniço</i>, p.26)</p>
<b>B</b>	<p>“Naftal caminha apressado pois teme chegar atrasado ao serviço. Mas, como sempre, tem uma vaga consciência de que a cidade se transforma gradualmente à medida que os bairros dos negros vão ficando para trás. Na verdade, assim é. Ao aglomerado de palhotas de caniço, seguem-se os casinhotos de madeira e zinco dos mulatos e indianos de mistura com modestas casas de alvenaria. Depois as casas de madeira e zinco vão rareando. Finalmente, nos bairros onde só residem colonos, erguem-se prédios e vivendas de alvenaria, ladeando ruas e avenidas verdejantes. E o suave aroma dos jardins e das acácias em flor vai substituindo o cheiro da miséria.”</p> <p>(Lília Momplé, <i>Caniço</i>, pp.26 e 27)</p>
<b>C</b>	<p>“Hoje é dia de ir ao mercado da Baixa e Naftal, logo que acaba de regar o jardim, vai pedir à patroa o dinheiro para as compras e põe-se a caminho. Na baixa, as montras resplandecem, convidando os transeuntes a comprar. São as lojas de modas, as mercearias finas, as casas de brindes, os stands, as casas de electrodomésticos, as pastelarias. Para Naftal todas aquelas tentações que não pode comprar são um regalo para os olhos e um tormento para a alma. E não lhe serve de consolo ver outros negros, esfarrapados e descalços, a observar timidamente as montras ou a rondar as pastelarias, cobiçando de longe os bolos, as suculentas sandes e os copos de leite que empregados pressurosos servem nos salões, onde nem sequer lhes é permitido sentar.</p> <p>_ Negro é mesmo irmão de cão! _ conclui Naftal com melancólico fatalismo, correndo para o mercado.”</p> <p>(Lília Momplé, <i>Caniço</i>, p.27)</p>

Agora, observe os tipos de moradia citadas em um dos trechos:





1



2



3

(<http://umpequenogestoumagrandeaiuda.blogspot.com/2010/05/visita-vovo-angelina-e-vovo-armando.html> )

(<https://pt.dreamstime.com/casa-de-madeira-abandonada-e-isolada-na-planta%C3%A7%C3%A3o-imagem-infravermelha-da-image252666536>)

([https://lereaprender.com.br/geografia\\_tipos-de-moradia/tipo-de-moradia-alvenaria/](https://lereaprender.com.br/geografia_tipos-de-moradia/tipo-de-moradia-alvenaria/) )

Caracterize-as e escreva a que grupo social pertencem:

( ) Vivenda de alvenaria. \_\_\_\_\_

( ) Palhota de caniço. \_\_\_\_\_

( ) Casinhoto de madeira e zinco. \_\_\_\_\_

II) Observe a imagem abaixo:



Um muro separa a comunidade de Paraisópolis dos condomínios de luxo do bairro do Morumbi em São Paulo. Foto: Tuca Vieira / Reprodução

<https://www.significados.com.br/desigualdade-social/>

a) Qual a sua relação com a temática encontrada no “Caniço”?

---

---

b) Leia novamente os trechos A, B e C e escolha um título para cada um deles.

A: \_\_\_\_\_

B: \_\_\_\_\_

C: \_\_\_\_\_

c) Retire dos trechos frases que evidenciam a desigualdade social em Moçambique no contexto apresentado.

---

---

---

d) A que/quem são referidos os adjetivos a seguir:

esfarrapados, descalços, suculentas, verdejantes, descalços, rotos, ensonadas, seminuas, indefesas

---

---

---

---

III) Observe o excerto abaixo também retirado do conto “Caniço” de Lília Momplé.

*Depois de ter feito todas as compras, vai apanhar o machimbombo porque leva o cesto carregado com os frescos necessários para a semana. O machimbombo não está cheio mas, como os dois únicos bancos reservados para negros vão ocupados, é obrigado a viajar de pé durante todo o percurso.*

( Lília Momplé, “Caniço”, p.27 e 28 )

### **Glossário:**

*\*Machimbombo= ' Machimbombo é «ascensor mecânico; qualquer veículo pesado e ronceiro» e, em Angola e Moçambique, «autocarro de transporte público».'*

*(in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-da-palavra-machimbombo/24503> [consultado em 26-01-2023] )*

### **Responda Oralmente:**

a) Há algum exemplo de segregação racial no trecho lido? Explique.

b) Na sua opinião, o que teria acontecido a Naftal caso se tivesse sentado em algum outro assento?

- c) Conhece alguma história de pessoas que ousaram desafiar a segregação racial? ( Na primeira aula vimos sobre a Ruby Bridges )

## **Tarefa de casa**

- I) Já ouviu falar sobre Claudette Colvin?

Leia em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43648976>

- II) Sessão cinema:

Assista ao documentário **“Menino 23- infâncias perdidas no Brasil”** em

[https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=671022987059823](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=671022987059823)

<https://www.youtube.com/watch?v=7wHNxOohoPA>

Escreva suas impressões no mural da turma e explique de que forma é possível fazer um paralelo entre a temática do documentário e a vida de Naftal e Mussa Racua.

## 5ª aula

### Atividades de leitura

l) Observe dois trechos retirados de “Aconteceu em Saua Saua” e “Caniço”:

Bruscamente, Mussa Racua senta-se na quitanda. Apesar da noite fresca, gotas de suor cobrem-lhe o rosto tenso e o corpo treme-lhe de pura indignação.

— Não, não posso aguentar outra vez tanto sofrimento — pensa ele — há outros que aguentam, mas eu não posso. É melhor morrer. Não acordar nunca mais. Não ser mais um animal. Não voltar mais a casa e ver que a minha mulher foi com outro homem.

E de repente, a solução há tanto tempo procurada surge-lhe tão simples, tão natural, tão evidente, que se admira de a não ter encontrado muito antes.

(Lília Momplé, *Aconteceu em Saua Saua*, p.16)

Naftal consegue levantar-se, apesar da dor que está agora localizada apenas nas mãos, embora seja também mais aguda. Com gestos cautelosos e inseguros, dobra o velho trapo que lhe serve de lençol e enrola a esteira onde dormiu. Vai colocar tudo no canto do costume e prepara-se para enfrentar a angústia de um novo dia.

(Lília Momplé, *Caniço*, p.31)

a) Mussa Racua e Naftal propõem soluções distintas para as suas vidas? O que cada um decide? Retire dos trechos frases que comprovem sua resposta.

---

---

---

b) Veja os adjetivos abaixo. Coloque (M) se considerá-los mais adequados para descrever Mussa Racua, e coloque (N) se achá-los mais pertinentes ao Naftal. Pode optar por deixar sem marcação alguns adjetivos.

- ( ) Conformista
- ( ) Lutador
- ( ) Corajoso
- ( ) Determinado
- ( ) Sofredor
- ( ) Inseguro
- ( ) Pessimista
- ( ) Admirável

- ( ) Resiliente
- ( ) Revoltado

#### Discussão em grupo (Atividade Oral)

- c) Comentem suas escolhas com o seu grupo e justifiquem-nas.
- d) A seguir, escolha um destes adjetivos para se descrever a si mesmo e justifique a sua escolha perante o grupo.
- e) Conversem sobre outros possíveis finais para Mussa Racua e Naftal.

### **Aprimorando o vocabulário**

I) Substitua as palavras sublinhadas por sinônimos. (Atenção às alterações que possam ser necessárias).

- a) “Bruscamente, Mussa Racua senta-se na quitanda”.
- b) Apesar da noite fresca, gotas de suor cobrem-lhe o rosto tenso e o corpo treme-lhe de pura indignação.
- c) “... a solução há tanto tempo procurada surge-lhe tão simples, tão natural, tão evidente, que se admira de a não ter encontrado muito antes.”
- d) “Há outros que aguentam, mas eu não posso. É melhor morrer”.

II) Complete as frases abaixo com ideias criativas:

- a) Apesar de/do/da \_\_\_\_\_
- b) Bruscamente \_\_\_\_\_
- c) É evidente que \_\_\_\_\_
- d) É melhor \_\_\_\_\_

III) **Converse** com seu amigo e diga-lhe quantas vezes teve que:

- a) Agir com gestos cautelosos e inseguros.
- b) Enfrentar a angústia de um novo dia.
- c) Levantar-se, apesar de sentir dor.
- d) Ficar coberto por imensas gotas de suor.

## Continuação da leitura

II) Leia os dois trechos abaixo:

Sem o ver, o administrador segue-o com os olhos até à porta. Depois, voltando-se para o Língua, mas falando mais para si próprio, desabafa com uma raiva impaciente:

— Estes cães assim que lhes cheira a trabalho, arranjam sempre chatices. Ou fogem ou suicidam-se. Maldita raça!

(Lília Momplé, *Aconteceu em Sava Sava*, p.18)

— Grandes macacos! — grita-lhes colérico — têm mesmo focinho de ladrões. Vá, rua daqui. E livrem-se de não ir trabalhar amanhã. E se o relógio não aparecer, amanhã levam mais. É só o patrão dizer.

(Lília Momplé, “Caniço”, p.30)

Responda:

- Resuma cada um dos trechos em apenas uma palavra.  
\_\_\_\_\_
- Quais ofensas são destinadas aos trabalhadores negros? Sublinhe nos trechos tais ofensas.
- Retire do trecho do “Caniço” uma frase cujo significado se assemelhe a “Desabafa com uma raiva impaciente.”  
\_\_\_\_\_

III) Observe a frase abaixo dita pelo ex-vice-presidente do Brasil.

### **MOURÃO DIZ QUE PAÍS HERDOU “INDOLÊNCIA” DO ÍNDIO E “MALANDRAGEM” DO NEGRO**

CONGRESSO EM FOCO

<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/mourao-diz-que-pais-herdou-indolencia-do-indio-e-malandragem-do-negro/>

- Existe alguma relação entre o que disse o ex-vice-presidente do Brasil e os últimos trechos lidos? Se sim, qual? Que relação há entre a fala de Mourão e os últimos trechos lidos.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- Faça uma pesquisa no Google e cite três exemplos de frases racistas ditas por pessoas famosas. Verifique se houve alguma punição para quem as proferiu.  
\_\_\_\_\_

---

---

### Trabalho em dupla

IV) Você foi convidado para fazer a trilha sonora de “Aconteceu em Saa- Saa” e “Caniço”.

Escolha uma canção para cada conto e justifique a sua escolha.

Compartilhe suas letras e áudios no mural da turma.

<https://padlet.com/giselepessanha/i0szljj5gyfqeeli>

## 6ª aula

### Atividade de pós-leitura

#### Trabalho em grupo

I) Atenção ao cenário:

Você foi convidado para falar sobre o racismo na sociedade e seu combate, em uma escola pública secundária na Zona Sul do Rio de Janeiro. Baseando-se nas ideias contidas no *link* abaixo, monte uma pequena apresentação sobre o tema, tendo em vista o seu público-alvo. <https://porvir.org/9-materiais-gratuitos-para-criar-uma-aula-antirracista/>

Tempo de preparação: 40 minutos

Apresentação: 20 minutos

II) Observe a imagem abaixo:



EPA/MANUEL DE ALMEIDA

<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/luta-contra-racismo-assinalada-pela-camara-de-lisboa-com-placa-onde-morreu-alcindo-monteiro>

Você decidiu participar de uma manifestação pública contra o racismo. Faça cartazes com dizeres que reflitam o seu posicionamento.

*(Após a atividade, o professor tira foto dos cartazes e posta-os no mural da turma)*



## **Avaliação e *Feedback***

Chegamos ao fim do nosso curso literário. A sua opinião é muito importante para que aprimoremos as nossas aulas. Peço, por gentileza, que preencha o formulário a seguir e contribua com críticas (construtivas) e sugestões.

Acesse: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C\\_Jj6b4JA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C_Jj6b4JA/viewform?usp=sf_link)

Foi um imenso prazer tê-los aqui!!

Até a próxima!!

## Comentário à proposta

A obra *Ninguém matou Suhura* (1988), primeiro livro da moçambicana Lília Momplé, possui cinco contos que retratam fatos verídicos do período colonial em Moçambique, entre 1935 e 1974. Esta nos descreve, ao longo dos contos, as consequências da política colonial portuguesa na vida social, psicológica e física das suas personagens. A ideologia do colonizador é mostrada como perversa e preconceituosa, indo de encontro ao que apregoavam os defensores do colonialismo da época. Há, portanto, uma “desconstrução narrativa do mito colonial”:

Momplé desconstrói nos seus pequenos contos as grandes projeções discriminatórias do colonialismo europeu contra os “outros”. A pretensa “ociosidade”, “insídia”, “promiscuidade sexual”, e a representação binária, quer de “inércia”, quer de “selvajaria” dos chamados “nativos” provam ser, no conjunto dos contos, puras projeções dos colonos. (Sieber, 2014, p.128)

Os contos escolhidos para esta proposta, “Aconteceu em Saua- Saua” e “Caniço”, revelam por meio das suas personagens, um estilo de vida dilacerado e preso às amarras de uma política colonial racista e desumana. O negro visto, ora como preguiçoso, ora como criminoso, ora como animal, denuncia práticas atroz, e nos conscientiza frente a esse fenômeno desumanizante. Os contos, ademais, nos transportam para a atualidade e nos fazem atentar ao fato de que poucas mudanças ocorreram: ainda hoje violência e discriminação raciais são demasiado presentes em nossa sociedade e constituem práticas ainda passíveis de justificativas.

*Ninguém matou Suhura* é rica em fatos históricos, sociais e culturais, tornando-a uma valiosa ferramenta para trabalhar a interculturalidade em aulas de português como língua não materna. Os temas dos contos são pertinentes à atualidade, propulsando o debate e a tomada de ações, conforme proposto pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.

## Referências

- BARRADAS, A. (1991). *Ministros da noite- Livro Negro da Expansão Portuguesa* (4ª ed.). Lisboa:Antígona.
- CONSELHO DA EUROPA. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.
- MOMPLÉ, L. (1988). *Ninguém matou Suhura*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.
- SIEBER, C. (2014). Lília Momplé: Ninguém matou Suhura (1998)- Desconstrução narrativa dos mitos coloniais. In A. Begenat-Neuschäfer & F. Quintale (eds). *Vozes femininas de África. Poesia e Prosa* (pp. 127-139). Frankfurt: Peter Lang.

### **4.3. *Neighbours* de Lília Momplé**

#### **Tema: A guerra de dezesseis anos em Moçambique**

#### **Introdução**

Esta ficha didática visa atender a alunos de PLNM do nível B1 + de proficiência, conforme delineado pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECRL). As atividades didáticas propostas encorajam os alunos a praticarem o português por meio de diferentes habilidades linguísticas. Ademais, preocupa-se em contextualizar fatos verídicos, através de uma literatura ficcional, estimulando, assim, o apreço pela leitura. Além disso, há uma intenção de promover o intercâmbio de saberes e a elucidação sobre questões históricas sensíveis, propalando um olhar mais humano acerca das adversidades que nos circundam.

Essa proposta de didatização sugere cinco encontros de uma hora e meia cada um, englobando atividades de pré-leitura, leitura, pós-leitura, pesquisa, ampliação de vocabulário e exercícios gramaticais. Além disso, esta potencializa ações concretas entre os aprendentes e o comprometimento de todos para uma sociedade mais igualitária.

A guerra de dezesseis anos em Moçambique é o tema central a ser debatido e descortinado, tendo como ferramenta a obra *Neighbours* de Lília Momplé.

Em suma, as atividades permitem adaptação ao seu público-alvo, conforme decidido pelo professor atuante.

## 1ª aula

### Atividades de pré-leitura

#### Chuva de ideias

I) Pense em pessoas que são/foram ícones da história mundial.

Faça uma lista abaixo:

---

---

---

---

---



**Compartilhe** com seus amigos a sua lista. **Justifique** a sua escolha. Veja se há nomes em comum.

II) Observe a imagem a seguir:



<https://www.thecollector.com/heroic-life-of-nelson-mandela/>

- a) Quem é a pessoa presente na imagem?
- b) Qual a nacionalidade dele? Pelo que lutava?

Busque informações em:

<https://www.unidosparaosdireitoshumanos.com.pt/voices-for-human-rights/nelson-mandela.html>

III) Com base no conteúdo do *link*, escreva a que as datas abaixo se referem:

- a) 1918: \_\_\_\_\_
- b) 1947: \_\_\_\_\_
- c) 1990: \_\_\_\_\_
- d) 1994: \_\_\_\_\_
- e) 1999: \_\_\_\_\_
- f) 2008: \_\_\_\_\_

IV) Assista ao vídeo: [A verdade sobre o APARTHEID na África do Sul - História completa](#) Explique com suas próprias palavras a política do *Apartheid* na África do Sul.

---

---

---

---

V) Logo após, explique como o *Apartheid* na África do Sul terminou.

---

---

---

---

VI) Atualmente ainda há conflitos, guerras e terrorismo ao redor do mundo.

a) Acesse o *link*, <https://sdistribution.impresa.pt/data/content/binaries/custom/expresso/outrasguerras2022/> e retire as seguintes informações:

<b>Local do conflito</b>	<b>Motivo do conflito</b>

b) Com o seu colega de turma, aponte, **oralmente**, as consequências das guerras para os países nelas envolvidos.

VII) Moçambique foi palco de uma longa guerra civil, que aconteceu entre 1976 e 1992 (Guerra dos dezesseis anos), período pós-independência. Dois partidos políticos protagonizaram este conflito: FRELIMO e RENAMO.

a) Consulte o *link* abaixo e escreva a qual partido a frases se referem:

<https://ensina.rtp.pt/explicador/as-consequencias-do-processo-de-descolonizacao/>

(—————) Movimento apoiado pela URSS e contestado por grupos separatistas brancos.

(—————) Movimento de defesa da democracia, com o apoio dos EUA.

Nota explicativa para o professor:

“Com a materialização da pesquisa, foram descortinados os verdadeiros motivos da criação da RENAMO, dentre eles, a instrumentalização do movimento, no sentido em que foi criada para servir aos interesses dos regimes racistas e minoritários da região, nomeadamente, de Ian Smith, da Rodésia, e, posteriormente, do Apartheid na África do Sul.”

<https://pdfs.semanticscholar.org/d48b/89df192313022cd608ef469f0c12c1b15379.pdf>

b) Com a ajuda do Google, pesquise o significado das Siglas FRELIMO e RENAMO

---

---

## Tarefa de casa

I) Assista ao vídeo abaixo sobre a guerra civil em Moçambique:

<https://www.youtube.com/watch?v=HpwXnkbCnj8>

a) Escreva (V) para verdadeiro e (F) para falso, conforme o conteúdo do vídeo. Corrija as afirmações falsas:

( ) A guerra civil em Moçambique aconteceu três anos após o fim da guerra de independência.

( ) A guerra civil em Moçambique foi um conflito entre o governo moçambicano e os antigos colonos.

( ) A guerra civil em Moçambique assemelhou-se à angolana, pois ambas foram secundárias dentro do contexto da guerra fria.

( ) A RENAMO recebia financiamento da Rodésia e da África do Sul.

( ) A guerra civil em Moçambique terminou com a assinatura do Acordo Geral da Paz.

( ) Durante o conflito, cerca de 500 mil pessoas morreram em combates e também devido à fome.

- ( ) Muitos civis sofreram amputações de membros devido às minas terrestres.
- ( ) A desigualdade econômica e o patriarcado são legados da guerra civil em Moçambique.
- ( ) As primeiras eleições multipartidárias ocorreram em 1994.

b) Ainda conforme o conteúdo do vídeo, que fatores antecederam e contribuíram para a guerra civil em Moçambique? E quais foram as consequências da guerra para o país?

---

---

---

---

c) O seu país já foi palco de uma guerra civil? Quando? Por quais motivos ocorreram? Quais foram suas consequências?

---

---

---

II) Na próxima aula leremos trechos de uma obra de Lília Momplé, intitulada *Neighbours*. O que você sabe sobre essa escritora? Acesse o *link*

[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$lilia-momple](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$lilia-momple) e recolha as seguintes informações:

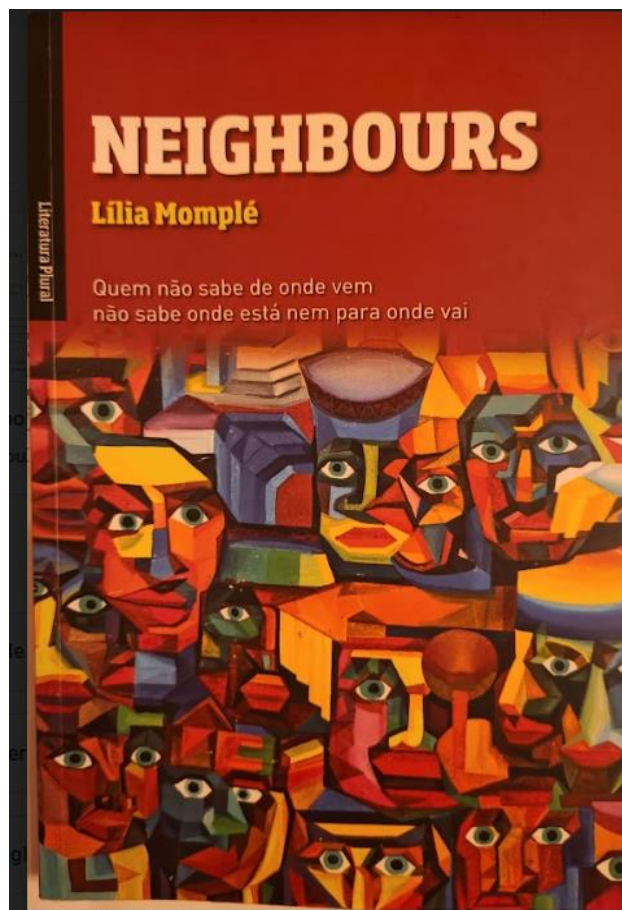
- a) Nome completo:
- b) Data de nascimento:
- c) Local de nascimento:
- d) Percurso acadêmico:
- e) Percurso profissional:
- f) Publicações:
- g) Prêmios:



## 2ª aula

### Atividades de pré-leitura

1) Observe a capa da obra *Neighbours*, de Lília Momplé:



Discuta em grupo

- Que sensações os rostos pintados lhes causam?
- Concordam com a frase impressa na capa:  
“Quem não sabe de onde vem  
não sabe onde está e para onde vai” .?
- Neighbours* é o título da obra. Por que acham que a autora escolheu esse nome?  
Em vossa opinião, sobre o que é a história?

II) Leia a explicação da autora sobre o título da obra:

Foi então que, um dia, ao apreciar uma exposição da pintora Catarina Temporário, até aí completamente desconhecida para mim, deparei com um quadro que transmitia uma

sensação de agressividade difícil de suportar. O título da obra era *Neighbours* e referia-se à sinistra vizinhança do *apartheid*.

Soube imediatamente que o título do meu livro só poderia ser *Neighbours* pois sintetizava tudo o que eu procurava dizer através de muitas palavras.

Felizmente a pintora Catarina Temporário concordou comigo.

A autora

*Neighbours* – palavra de língua inglesa que significa “vizinhos”.

(*Neighbours*, Lília Momplé, p.7 e 8)

Sublinhe no trecho:

- a) O porquê do título *Neighbours*.
- b) O porquê da imagem da capa.

## Atividades de leitura

I) Leia os trechos abaixo retirados da obra *Neighbours* (1995), da escritora moçambicana Lília Momplé. Uma das temáticas da obra recai sobre a guerra civil em Moçambique e a influência do regime do *Apartheid* da África do Sul nesse conflito\*. Três famílias são afetadas por essa guerra em *Neighbours*: a de Leia e Januário, a de Mena e Dupont e a de Narguiss.

Nota explicativa- Deve ser lida pelo/a professor/a.

\*Explica-se que na década de 1980 o país passou por uma constante agressão por parte do regime do Apartheid da África do Sul, quando promoviam frequentes ataques assassinos contra os cidadãos comuns moçambicanos com o intuito de espalhar o temor e desestabilizar o governo. Um desses episódios, ocorrido em Maputo em maio de 1985, inspirou a escritora a escrever a obra. O primeiro capítulo se inicia sete horas antes do atentado e o último termina sete horas depois do atentado. (Salgado, 2011, p.175)

## 19 horas

### Em casa de Narguiss

É, de facto, surpreendente que, numa época de extrema carência no país, no frigorífico de Narguiss não falte a carne de vaca e de cabrito, o peixe graúdo, a manteiga, os refrescos... E, na despensa, não falte também o arroz, o açúcar, a farinha de trigo, a aletria, as especiarias... tudo conseguido através de “esquemas” que ela nunca procurou aprofundar. Aliás, Abdul sempre sustentou a família de modo a esta não passar privações e, não fossem os constantes problemas com mulheres, Narguiss considerá-lo-ia um marido perfeito.

– Ondi está teu pai, agora? – pergunta ela, seguindo, em voz alta, o fio do seu pensamento.

Muntaz não responde, continuando a picar a cebola e a malagueta para o recheio das chamuças.

– Ondi está ele? – pergunta ainda Narguiss.

– A mãe sabe muito bem onde ele está! – diz a filha, com magoada ternura.

– Com aquele mulher... aquele macua, ladrão de maridos.

(Lília Momplé, *Neighbours*, p.13)

### Em casa de Leia e Januário

“É bom estar aqui... é tão bom estar aqui”, diz Leia para si mesma, com a sua velha capacidade para viver intensamente as pequenas alegrias da vida e tirar vantagem até das contrariedades.

A princípio, os cortes de energia, que a cidade vem sofrendo já há vários meses, deixavam-na desnorteada e ansiosa. Mas, pouco a pouco, foi aprendendo a viver com mais esta restrição, tal como se habituou a ter apenas dois vestidos e a nunca comer carne ou outro peixe que não seja carapau congelado.

Aprendeu também a aproveitar o tempo que medeia o seu regresso do serviço e a hora em que, normalmente, terminam os cortes de energia para brincar com a filhinha de dois anos, sentada na única cadeira confortável da sala, um velho cadeirão de baloiço, comprado em segunda mão. Permite-se assim uma pausa bem-vinda no seu dia a dia, contínuo rodopiar, paradoxalmente tão monótono e tão agitado que lhe parece sempre um pouco desprovido de sentido.

(Lília Momplé, *Neighbours*, p. 19)

### Em casa de Mena e Dupont

Entretanto, na cozinha, Mena esforça-se por ouvir o que os três homens dizem, embora até aqui não tenha compreendido nada do que estão a tramar. Mas que estão a tramar algo muito sério, ela não tem a menor dúvida. Aliás, um mau pressentimento não a deixa sossegada desde que começaram a aparecer-lhe em casa aqueles homens tão esquisitos. E não sabe qual deles lhe inspira mais pavor: se o fortalhão escuro, de cara quadrada, cheia de malícia, e voz de trovão, se o outro, franzino, silencioso, de olhar fugidio e cortante como o das serpentes.

Quando tenta perguntar ao marido o que vêm fazer aqueles sujeitos que o deixam sempre tão agitado, ele responde-lhe com o infalível “cala a boca, tem alguma coisa com isso?”. Na verdade, é-lhe quase sempre impossível manter um diálogo com Dupont. Às vezes chega a duvidar de que ele a considere um ser humano que pensa e sente como qualquer pessoa, ou se a tem em casa como uma máquina para realizar os serviços domésticos e da qual pode também dispor para fazer amor à sua maneira sôfrega e apressada.

(Lília Momplé, *Neighbours*, p.29)

A que família as afirmações abaixo se referem:

- a) Há homens em sua morada tramando ataques durante a guerra civil em Moçambique. (\_\_\_\_\_)
- b) A esposa não consegue manter um diálogo com o marido, que muitas das vezes se mostra agressivo. (\_\_\_\_\_)
- c) O frigorífico é farto mesmo diante da extrema dificuldade enfrentada pelo país. (\_\_\_\_\_)
- d) Consegue tirar vantagens das adversidades da vida. (\_\_\_\_\_)
- e) O marido tem uma amante. (\_\_\_\_\_)
- f) Sofre com os cortes de energia da cidade. (\_\_\_\_\_)

II) Além da guerra civil, cada família passa por problemas pessoais e específicos. Identifique seus dilemas e dificuldades com frases retiradas dos trechos.

---

---

---

---

III) Pelos trechos lidos, qual família lhe parece ser a mais harmoniosa? Por quê?

---

---

### **Aprimorando o vocabulário**

I) Retire dos trechos palavras relacionadas a:

a) Comida:

---

---

b) Vestuário:

---

---

c) Mobília:

---

---

d) Descrição física:

---

---

II) Observe as frases abaixo:

“A princípio, os cortes de energia, que a cidade vem sofrendo já há vários meses, deixavam-na **desnorteada** e **ansiosa**.”

“Às vezes chega a duvidar de que ele a considere um ser humano que pensa e sente como qualquer pessoa, ou se a tem em casa como uma máquina para realizar os serviços domésticos e da qual pode também dispor para fazer amor à sua maneira **sôfrega** e **apressada**.”

“ \_ A mãe sabe muito bem onde ele está! \_ diz a filha, com **magoadá** ternura.

Atente-se às palavras em destaque e com a ajuda de um dicionário:

- a) Identifique a classe gramatical a que elas pertencem.
- b) Reescreva as frases, substituindo as palavras em negrito por sinônimos.

---

---

---

---

\*Dicionários online sugeridos para a pesquisa:

<https://dicionario.priberam.org/>

<https://michaelis.uol.com.br/>

III) Complete as frases abaixo:

- a) Geralmente fico desnorteada/o quando...

---

- b) Ela estava ansiosa porque...

---

- c) O meu marido chegou em casa bastante magoado...

---

- d) Estávamos apressados...

---

### Tarefa de casa

I) O que acha que acontecia em casa de Leia e Januário à uma da manhã, no dia do atentado? Escreva uma chuva de ideias.



---

---

---

---

II) Agora confira o quanto as suas percepções se assemelham ao que de fato aconteceu, lendo o excerto a seguir:

De início, parecia apenas um leve esgravatar, mas agora é um ruído sincopado e mais forte que Leia se esforça, em vão, por identificar. Na caminha ao lado, a filha dorme ainda um sono agitado, gemendo e estrebuchando, de vez em quando. Januário, esse, repousa tranquilamente, deitado de borco e segurando a almofada com ambas as mãos, como é seu hábito. Leia hesita em acordá-lo, tanto mais que lhe parece que os ruídos cessaram. Tenta conciliar o sono, novamente, atribuindo tudo aos seus nervos abalados. Os ruídos, porém, retornam e, desta vez, mais nítidos e insistentes.

– Januário, estás a ouvir? – sussurra ela ao marido que não chega a acordar.

Repete a pergunta, várias vezes, um pouco mais alto, e acaba por sacudi-lo com força. Januário desperta estremunhado e suplica-lhe que o deixe dormir.

– Está alguém a mexer na porta da entrada – insiste Leia, já impaciente.

Ele tenta sossegá-la, lembrando-lhe, meio irónico, que só grandes profissionais da ladroagem poderiam violar as seguríssimas grades deixadas, em boa hora, pelos amigos que lhes



emprestaram a *flat*. Além disso, não possuem nada que possa tentar os ladrões. Porém, mal acaba de falar, senta-se na cama, alerta e tenso.

- Tens razão - concorda ele -, alguém está a querer entrar.

Leia faz menção de acender o candeeiro da mesinha de cabeceira, mas Januário, os olhos já habituados à escuridão, impede-a com um gesto.

- Vou ver o que é - diz, num sussurro, saindo do quarto, pé ante pé.

Leia recomenda-lhe cuidado e deixa-se ficar deitada, vigiando o sono da filha. Sente um frio cortante no rego das costas, indício de grande medo, desde criança. A ausência do marido parece-lhe uma eternidade e quando, finalmente, este chega, ela, que o conhece bem, vê que ele está transtornado.

Às ansiosas perguntas da mulher, Januário responde que não, não lhe parecem ladrões. Escondido num canto do *hall* que dá para a porta da entrada conseguira distinguir dois homens. Já tinham arrombado a porta de madeira e estão agora a tentar arrancar as grades. Um deles tem uma arma na mão direita e na outra segura uma lanterna e é à luz da lanterna que o outro trabalha nas grades. O mais assustador é que este outro é branco.

Leia compreende o que o marido quer dizer pois já são comuns os atentados contra refugiados do ANC. Só da última vez foram mortos oito, na Matola. O comando sul-africano veio, matou e foi-se embora, sem que nada lhe acontecesse. E agora...

- Com certeza enganaram-se na porta - murmura Leia, referindo-se aos refugiados do ANC que vivem na *flat* ao lado.

- Que queres que faça? Ir dizer que afinal não é a nós que eles devem matar?

- Não sei... eu... eu só sei que não quero morrer por causa do ANC.

O frio no rego das costas continua. Era assim durante as provas de exame, na escola, foi assim no dia do casamento e na hora de dar à luz. E agora é quase insuportável.

- Tenho medo, Januário, tenho tanto medo - geme ela, cingindo-se contra o marido.

Januário sente-a tremer nos seus braços e odeia-se por não encontrar rapidamente uma solução pois, no seu desnor-teamento, não consegue raciocinar.

- E a nossa filha? E a nossa filha? Eles pensam que somos do ANC e matam a criança também - soluça Leia.

Lentamente, muito lentamente, Januário desprende-se dela e sai do quarto, ao mesmo tempo que o invade um forte desejo de vomitar:

- ANC, *other flat. We mozambicans, we mozambicans* - grita ele, maldizendo o seu inglês estropiado.

Sente-se um perfeito canalha, mas continua a gritar para os dois homens que, apanhados de surpresa, deixam, por momentos, de se ocupar das seguríssimas grades. Januário, confiante de os ter elucidado devidamente sobre o que supõe ser um engano, aproxima-se um pouco mais. É então que o homem da lanterna o foca com uma mão e com a outra tenta atirar sobre ele. São tiros abafados e secos, como rolhas a saltar de garrafas de champanhe.

- Têm silenciadores - constata tremendo.

Volta para o quarto e, sem mais uma palavra, pega na filha que dorme agora um sono sossegado e esconde-a debaixo da cama. Corre então para a pequena varanda da sala, arrastando Leia pela mão. É sua intenção alertar a vizinhança antes que os sul-africanos (porque tem a certeza de que são sul-africanos) consigam entrar.

Descalços, Leia em camisa e ele enrolado num lençol, lançado à pressa por cima das cuecas, gritam, em vão, na madrugada fria. Só se apercebem dos holofotes e de que estão a ser alvejados da rua no mesmo instante em que os dois homens, que acabam de rebentar as grades da porta da entrada, irrompem pela sala. Não têm por onde fugir, encurralados entre dois fogos.

Ao cair, Leia lembra-se apenas de que amanhã já não irá coser a casa da amiga Atália e Januário surpreende-se por já não sentir nenhum medo, somente uma grande revolta por ser tão jovem e ir morrer.

(Lília Momplé, *Neighbours*, p.139-142)

II) Observe o seguinte trecho:

“Leia compreende o que o marido quer dizer pois já são comuns os atentados contra refugiados do ANC. Só da última vez foram mortos oito, na Matola. O comando sul-africano veio, matou e foi-se embora, sem que nada lhe acontecesse.”

Faça uma pesquisa:

- a) O que significa ANC?
- b) O atentado ocorrido na Matola:
  - Quando?
  - Como foi?

\*Material de apoio: <https://www.rm.co.mz/desencadeado-pelo-apartheid-ataque-a-matola-foi-ha-42-anos/>

### 3ª aula

#### Atividades de leitura

I) Considerando o trecho lido como tarefa de casa, identifique quem diz as seguintes frases:

- a) “Está alguém a mexer na porta da entrada.” \_\_\_\_\_
- b) “Vou ver o que é”. \_\_\_\_\_
- c) “Que queres que faça? Ir dizer que afinal não é a nós que eles devem matar?”.  
\_\_\_\_\_
- d) “ANC, other *flat*. We mozambicans, we mozambicans.” \_\_\_\_\_

II) Ainda considerando o trecho lido em casa, numere os acontecimentos em uma ordem cronológica.  
(1- 12)

- ( ) Januário grita aos homens que ali moram moçambicanos.
- ( ) Leia treme de medo.
- ( ) Leia lembra-se que no dia seguinte não vai coser a casa da amiga.
- ( ) Alguém está a mexer na porta da entrada.
- ( ) Januário esconde a filha debaixo da cama.
- ( ) Dois homens estão a tentar arrancar as grades.
- ( 1 ) Um ruído forte e sincopado é escutado por Leia.
- ( ) Januário e Leia vão para a varanda para alertar a vizinhança.
- ( ) Leia tem certeza de que se enganaram de porta.
- ( ) Januário vai ver o que está a acontecer.
- ( ) O homem tenta atirar sobre Januário.
- ( ) Januário desperta.

III) Retire do excerto “Em casa Leia e Januário à uma da manhã, no dia do atentado”  
uma frase que:

- a) Demonstra a descrença de Januário quanto à presença do ladrão na casa.
-

b) Demonstra um grande medo sentido por Leia.

---

c) Demonstra a preocupação de Leia quanto à vida de sua filha.

---

d) Demonstra a certeza de Januário de ter convencido os homens sobre o seu não-pertencimento ao ANC.

---

e) Demonstra a certeza de Januário quanto aos homens serem sul africanos.

---

f) Demonstra o momento em que Leia e Januário percebem que irão morrer.

---

#### Escrita criativa

l) Imagine que é um jornalista e precisa de escrever uma breve reportagem sobre o que aconteceu na Casa de Leia e Januário no dia do atentado. Escolha também uma imagem para descrever o momento. Publique a sua atividade no mural da turma.

(Sugere-se que o professor utilize o “Padlet” como mural virtual)

## Funcionamento da língua

l) Pronome pessoal oblíquo:

### Formas átonas.

1. São formas próprias do OBJECTO DIRECTO: *o, a, os, as*:

Ele olhou-**a**, espantado.

(Ferreira de Castro, *OC*, I, 481.)

Ângela dominava-**os** a todos, vencia-**os**.

(Raul Pompéia, *A*, 222.)

2. São formas próprias do OBJECTO INDIRECTO: *lhe, lhes*:

Soube inspirar-**lhes** confiança.

(Bernardo Santareno, *TPM*, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJECTO DIRECTO OU INDIRECTO: *me, te, nos e vos*.

a) OBJECTO DIRECTO:

Queres ouvir-**me** um instante, sensatamente?

(Urbano Tavares Rodrigues, *PC*, 153.)

b) OBJECTO INDIRECTO:

— Ninguém **te** vai agradecer.

(Alves Redol, *BSL*, 355.)

(Cunha & Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, p. 217)

Retire do trecho lido em casa, seis frases que contenham pronomes pessoais oblíquos átonos e diga a quem estes se referem:

EX: “Leia hesita em acordá-**lo**, tanto mais que **lhe** parece que os ruídos cessaram.”

lo- Januário

lhe- Leia

---

---

---

---

---

---

---

---

II) **Conversa em grupo** (Utilize os pronomes pessoais oblíquos átonos em suas respostas)

- a) O que você faria se estivesse na mesma situação de Leia e Januário? Conseguiria permanecer vivo? Que estratégias usaria?
- b) Em sua opinião, o que acontecia na casa de Narguiss e de Mena e Dupont neste mesmo momento?

## **Tarefa de casa**

I) Leia o que acontecia na casa de Narguiss e de Mena e Dupont no dia do atentado, de acordo com seus respectivos grupos.

Grupo A: Em casa de Narguiss (Acesse [Em casa de Narguiss.pdf](#))

Grupo B: Em casa de Mena e Dupont (Acesse [Em casa de Mena e Dupont.pdf](#))

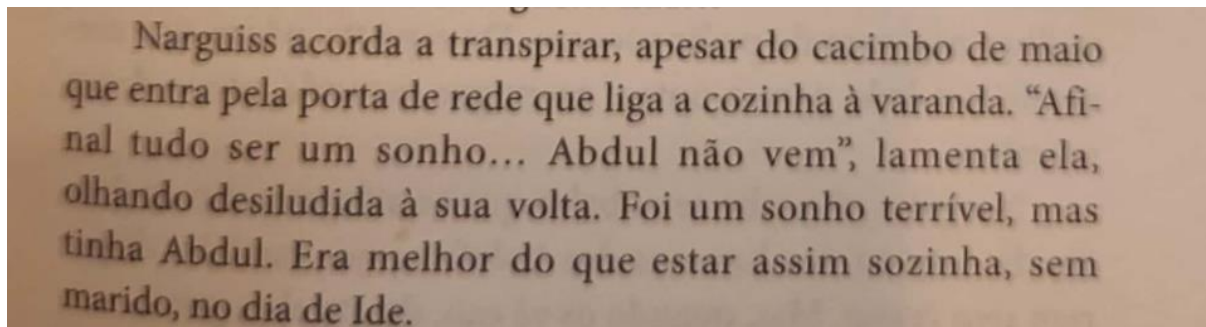
II) Identifique o ponto em que as histórias se encontram com a de Leia e a de Januário. (Cite frases dos textos)

III) Prepare um resumo do trecho lido para ser apresentado à turma oralmente na próxima aula. (Cada grupo deve escolher um porta-voz para essa atividade)

## 4ª aula

### Atividades de leitura

l) Observe o trecho abaixo “Em casa de Narguiss”:



(Lília Momplé, *Neighbours*, p. 135)

Responda por escrito:

a) Por que é que Narguiss acorda a transpirar?

---

b) O que significa “cacimbo de maio”?

Leia aqui <https://mwangoleazul.blogs.sapo.pt/7671.html> e depois responda com suas próprias palavras.

---

---

c) O que vem a ser o “dia de Ide”?

Leia aqui e descubra [https://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2011/08/festa-do-ide-fitri-mu%C3%A7ulmanos-unidos.html](https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2011/08/festa-do-ide-fitri-mu%C3%A7ulmanos-unidos.html)

Explique o que é que este dia significa para os moçambicanos usando apenas três palavras-chave.

---

---

d) Em seu país há festas e feriados religiosos? Quais? Escolha um e apresente-o à turma.



II) Observe o trecho abaixo “Em casa de Mena e Dupont “

Logo que Dupont e os outros saíram, há cerca de meia hora, Mena correu para o telefone e procurou na lista os números das esquadras da Polícia. Ficou a saber que não é nada fácil conseguir ligação para uma Esquadra da Polícia porque ou a linha está interrompida, ou ninguém atende ou, simplesmente, o telefone permanece mudo. E agora que, finalmente, tem alguém em linha, está prestes a convencer-se de que foi em vão toda a sua persistência.

– Oiça, senhor... é preciso mandar alguém imediatamente. Os assassinos já estão lá... está a ouvir?... está lá?...

– Correto... vão matar... correto... – responde-lhe a voz pastosa e lenta.

Mena tem agora a certeza de que o homem não só duvida do que ela diz como está embriagado. É enorme a tentação de desligar o telefone. Em vez disso, porém, repete pausadamente, como se falasse a uma criança, tudo o que vem dizendo há mais de cinco minutos. De repente, sente que ninguém a escuta do outro lado.


(Lília Momplé, *Neighbours*, pp.143-144)

Sublinhe no texto:

- a) O motivo pelo qual Mena liga para a Esquadra da Polícia.
- b) O motivo pelo qual não consegue sucesso em sua ligação.



III) Pense e responda oralmente:

- De acordo com o trecho, quem seriam os assassinos? E os assassinados? Comente com o colega ao lado, expondo suas justificativas.
- Imagine que está na situação de Mena. Grave um áudio reportando a iminência deste atentado à polícia e peça ajuda. Logo após, envie o áudio para o *Whatsapp* da turma. 
- Em seu país, para qual número ligamos quando queremos falar com as autoridades policiais? Já precisou de ligar alguma vez? Por quê? Foi bem atendido/a? Reporte sua experiência à turma.

III) Observe a imagem abaixo:



<https://jovempan.com.br/noticias/brasil/bandidos-vandalizam-cidades-do-rio-grande-do-norte-e-deixam-um-morto.html>

Você está no local do incidente da imagem e decide ligar para a polícia. Como seria o diálogo entre vocês? Escreva nas linhas abaixo:

---

---

---

---

---

---

IV) Narguiss, Leia e Mena são três personagens imprescindíveis para o desenrolar da obra. Como definiria suas personalidades? Num acróstico\* com seus nomes, descreva-as.

Glossário:

*Acróstico: "Composição em verso cujas letras iniciais (às vezes as mediais ou as finais), lidas no sentido vertical, formam uma ou mais palavras, que são o tema, o nome do autor ou o da pessoa a quem foi dedicada a composição." ( <https://www.dicio.com.br/acrostico/> )*



N _____	L _____	M _____
A _____	E _____	E _____
R _____	I _____	N _____
G _____	A _____	A _____
U _____		
I _____		
S _____		
S _____		

Com qual das personagens mais se identifica? Por quê?

---

---

---

### Atividades de pós-leitura

I) Até os dias atuais Moçambique sofre com a consequência das guerras e com ataques terroristas.

Observe a manchete abaixo de janeiro de 2023:

## Crise humanitária pode agravar-se este ano, alertam organizações não governamentais em Cabo Delgado



Deslocados de Quitunda, Palma, Cabo Delgado, assistidos por VAMOZ, Moçambique

“MANICA — Organizações humanitárias que ajudam deslocados do terrorismo em **Cabo Delgado**, no norte de Moçambique, alertam para o agravamento da crise humanitária este ano devido à falta de fundos e doações para continuar a distribuir alimentos a milhares pessoas em abrigos e bairros de reassentamento.”

<https://www.voportugues.com/a/crise-humanit%C3%A1ria-pode-agravar-se-este-ano-alertam-organiza%C3%A7%C3%B5es-n%C3%A3o-governamentais-em-cabo-delgado/6905475.html>

Uma das organizações humanitárias envolvidas no suporte a Moçambique é a “Vamoz” (Voluntários Anónimos de Moçambique).

Confira como essa organização atua no *link* abaixo:

[https://www.facebook.com/voluntariosanonimosmoz/?locale=pt\\_PT](https://www.facebook.com/voluntariosanonimosmoz/?locale=pt_PT)

### Tarefa

Escrevam um *e-mail* (em conjunto) à Vamoz ([vamoz.geral@gmail.com](mailto:vamoz.geral@gmail.com)) perguntando quais são as demandas emergenciais para Moçambique. De acordo com a resposta dada, mobilizem-se para tentar apoiar a causa.

## Tarefa de casa

I) Tendo tomado conhecimento do trabalho da Vamoz, individualmente, dirija-se à página do *Facebook* dessa organização e registre o seu depoimento (Seção “críticas”). Dessa forma, contribuirá fortemente para a visibilidade deste lindo projeto humanitário.

Veja um exemplo de depoimento:

Um movimento que se dilui no sentimento de querer fazer bem, sem protagonismos, sem egos, apenas uma imensa solidariedade! ❤️



## **5ª aula**

- I) Compartilhamento das trocas de *e-mail* com a Vamoz.
- II) Cada aluno deve ler o seu depoimento deixado na página da Organização.
- III) Conversa sobre as aulas e partilha dos conhecimentos adquiridos.

## **Avaliação e *Feedback***

Chegamos ao fim do nosso curso literário. A sua opinião é muito importante para que aprimoremos as nossas aulas. Peço, por gentileza, que preencha o formulário a seguir e contribua com críticas (construtivas) e sugestões.

Acesse: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d8Ox1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C\\_Jj6b4JA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d8Ox1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C_Jj6b4JA/viewform?usp=sf_link)

Foi um imenso prazer tê-los aqui!!

Até a próxima!!

## **Material de apoio ao professor**

[Documentário: A Verdade Sobre A Guerra Civil em Moçambique](#)

[Filhos de Mocímboa: a crise de extremismo em Moçambique](#)

[https://www.educabras.com/vestibular/materia/historia/historia\\_geral/aulas/apartheid\\_na\\_africa\\_do\\_sul](https://www.educabras.com/vestibular/materia/historia/historia_geral/aulas/apartheid_na_africa_do_sul)

<https://www.revistamilitar.pt/artigo/106>

<https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-30-anos-do-acordo-geral-de-paz/video-63328186>

<http://agemt.org/contraponto/2017/04/10/guerras-civis-mocambique-uganda-chade-egito/>

<https://ensina.rtp.pt/explicador/as-consequencias-do-processo-de-descolonizacao/>



## Comentário à proposta

*Neighbours* (1995), de Lília Momplé, retrata os duros efeitos da guerra civil em Moçambique que durou dezesseis anos. Ao longo de suas páginas, deparamo-nos com cenas de violência que nos remete à compaixão, quer pela sequela do conflito, quer pela história particular de cada personagem. A forma como o leitor é convidado a debruçar-se sobre as histórias simultâneas de três famílias dilaceradas pelo confronto, ressalta a grandeza desta narrativa ficcional. Destarte, Lília Momplé, em *Neighbours*, convoca-nos a refletir sobre as máculas remanescentes do período pós-independência de Moçambique, além de nos levar ao entendimento quanto à intervenção ríspida do regime do *Apartheid* no país. Salgado (2011, p.174) salienta esse aspecto da obra:

Com a obra *Neighbours*, publicada pela primeira vez em 1995, a escritora moçambicana Lília Momplé se volta em primeiro lugar para a história recente de Moçambique, levando-nos a refletir sobre a violência de um país que esteve em guerra durante muitos anos (1975 a 1994): a violência palpável do cotidiano, vivida em países pobres ameaçados por poderosos; a violência do apartheid sul-africano, capaz de extrapolar suas fronteiras para atingir países vizinhos.

A motivação para a escrita da obra também partiu de um fato: um atentado em Maputo em 1985. Além do mais, a imagem da capa e seu título em inglês adicionam a *Neighbours* os ingredientes necessários para transmitir todo terror existente entre os países vizinhos da África do Sul, vítimas do regime de segregação racial.

A escolha de *Neighbours* como fonte didática beneficia o aprendizado sob um viés histórico, cultural e social. Permite ao aluno vivenciar a língua alvo de forma intercultural, contextualizada e não-alienada, alavancando pensamentos críticos e acolhedores acerca da história e vivência do outro, conforme previsto pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.

## Referências

- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.
- CUNHA, C., & CINTRA, L. (2006). *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. (20ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- MASSEKO, F. (2019) *A Guerra dos 16 anos em Moçambique: causas nacionais e internacionais*. In Revista Nordestina de História do Brasil, Cachoeira, v. 2, n. 3, p. 120-136. DOI: <https://doi.org/10.17648/2596-0334-v2i3-1493>.
- MOMPLÉ, L. (2012). *Neighbours*. Porto: Porto Editora.
- SALGADO, M. (2011). *Neighbours: de violências, mulheres, mudanças...e homens*. In Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9. [\[http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br](http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br)

#### **4.4. *Niketche, uma história de poligamia* de Paulina Chiziane**

**Tema: Espelho, espelho meu: mulheres do norte, mulheres do sul**

##### **Introdução**

Esta ficha didática visa atender a alunos de PLNM a partir do nível B1 de proficiência, conforme delineado pelo QECRL. Privilegiam-se tarefas em que todas as competências linguísticas possam ser trabalhadas através de atividades conectadas e contextualizadas. Também há uma preocupação com a individualidade, embora esta seja uma aula prioritariamente em grupo.

Essa ficha didática sugere três encontros de uma hora e meia cada um, abarcando atividades de pré-leitura, leitura, leitura aprofundada, pós-leitura e leitura extra. Os aprendentes são encorajados a se posicionarem criticamente e construtivamente, a fim de levarem o conhecimento adquirido para além das aulas. Configura-se, também, como um convite para conhecer culturas pouco exploradas, promovendo a interculturalidade. A ficha também inclui atividades que demandam ferramentas digitais e colaborativas, proporcionando uma flexibilidade quanto à sua modalidade de aplicação.

Por fim, as atividades propostas não são rígidas, permitindo ao professor atuante a sua adaptação e conformidade, segundo o seu público-alvo.

## 1ª aula

### Atividades de Pré-leitura

I) Observe o objeto abaixo e responda às seguintes questões (Atividade Oral de “Warm-up”):



- Qual o nome deste objeto?
- Em uma escala de 0 a 5, qual a importância dele no seu dia a dia?
- O que você vê quando se olha nele? Descreva detalhadamente.

II) Observe atentamente as imagens abaixo: (Atividade Oral - em dupla)



- Como cada pessoa da imagem está utilizando o espelho?
- Qual dessas atividades realiza com mais frequência ao estar diante do espelho?
- Qual outra atividade realiza em frente do espelho?

III) O espelho é um objeto de muita proeminência no conto de fadas “A Branca de Neve e os Sete Anões”.

Saiba mais em: [https://www.grimmstories.com/pt/grimm\\_contos/pdf/branca\\_de\\_neve.pdf](https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/pdf/branca_de_neve.pdf)

- a) Por quem era utilizado? Com qual finalidade? (Atividade Oral)  
b) Assista ao vídeo abaixo e registre como a Branca de Neve é descrita pelo espelho?

<https://www.youtube.com/watch?v=EomXUqIK-LY&t=82s>

---

---

IV) Você acha que todas as pessoas têm uma boa relação com o espelho? Que motivos levarão algumas a ter-lhe aversão?

Acesse o *link* abaixo e registre suas respostas.

<https://www.menti.com/alffvib2cf6j>

### **Atividades de leitura**

- l) Leia atentamente o trecho abaixo:

tada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoada. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.39)

- a) Como o trecho descreve as mulheres do norte e do sul?

---

---

- b) Como seriam as suas imagens refletidas no espelho? Selecione as imagens neste *link*

<https://pixabay.com/pt/> e cole-as abaixo:

c) Imagine uma fala dessas mulheres diante do espelho. O que diriam?

Mulheres do Norte	Mulheres do Sul

d) A que países acha que essas mulheres pertencem? Justifique.

---

---

---

e) Como as mulheres se vestem em seu país? Há diferenças regionais?

---

---

---

As mulheres descritas no pequeno trecho do livro, “Niketche, uma história de poligamia”, são oriundas de Moçambique, um país situado na África Oriental. Tornou-se independente de Portugal apenas em 1975, tendo sofrido longos anos com o anulamento de sua cultura. A oralidade e os costumes ancestrais substanciam estereótipos da mulher moçambicana e justificam práticas de subordinação a elas impostas. (Leitura feita pelo professor após respostas dadas)

l) Assista ao vídeo a seguir indicado e preencha as informações abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=Xdb3wmFw5VY>

a) Características das mulheres do sul \_\_\_\_\_

b) Características das mulheres do centro \_\_\_\_\_

c) Características das mulheres do norte \_\_\_\_\_

d) Após ver o vídeo, que papel é delegado às mulheres na sociedade? E aos homens?

Justifique com trechos do vídeo:

---

---

e) Volte ao texto e compare-o com o vídeo. Como descreveria a forma como as mulheres do norte e do sul de Moçambique se sentem?

---

---

## 2ª aula

### Leitura aprofundada

l) Leia os trechos abaixo retirados do romance de Paulina Chiziane:

Corro para o meu espelho e desabafo.  
— Sonhei tanto com este momento, tudo se desmoronou, que faço agora, espelho meu?  
— Onde está o espírito de luta, amiga minha? Se falhou hoje, podes tentar outra vez!  
Obrigada, espelho meu. Perder a batalha não é perder a guerra. Amanhã será outro dia.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.51)

Eu sou aquela que tem um espelho como companhia no quarto frio. Que sonha o que não há. Que tenta segurar o tempo e o vento. Só tenho o passado para sorrir e o presente para chorar. Não sirvo para nada. As pessoas olham para mim como uma mulher falhada. Que futuro espero eu? O marido torna-se turista dentro da própria casa. As mudanças correm rápidas neste lar. As mulheres

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.69)

Recolho-me ao meu quarto. Vou ao espelho olhar para a minha cara e o espelho acusa: sua embriagada, sua escandalosa, desmancha-prazeres! Tento adormecer, mas o sono não vem. Volto e bebo uma boa dose, para esquecer. O meu caso é estranho. Quanto mais bebo,

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.117)

Retire dos trechos:

a) Um diálogo entre a personagem principal e o espelho.

---

---

b) Uma frase que traduza a melancolia da personagem principal.

---

---

c) Uma frase que traduza a desesperança da personagem principal.

---

---

d) Observe o pequeno excerto abaixo: (Atividade Oral)

— Sonhei tanto com este momento, tudo se desmoronou, que faço agora, espelho meu?

- Em sua opinião, a que momento a personagem se refere?
- O que se desmoronou?
- Se você fosse o/a melhor amigo/a da personagem, o que lhe diria?

(Após a atividade o professor deve revelar o momento a qual a personagem se refere).

II) Leia mais alguns trechos:

Tenho um medo terrível de me apresentar diante do meu espelho, mas vou. Preciso. Quero ver a nudez do meu corpo. Será que me vai assustar? Quero também ver a nudez da minha alma. Lanço um olhar ao espelho que me repreende: será mesmo por amor que chegaste a este ponto? E que tipo de amor é este que te rouba a dignidade e a vergonha a ponto de mostrar o teu nu diante das tuas rivais?

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.159.)

— Espelho meu, o que será de mim?

O espelho dá-me uma imagem de ternura e responde-me com a maior lucidez de sempre.

— Não serás a primeira a divorciar, nem a última. Os divórcios acontecem todos os dias, como os nascimentos e as mortes, mas tranquiliza-te. Há uma grande diferença entre a vontade do homem e a vontade de Deus. O que Deus põe, o homem não dispõe.

— E qual é a vontade de Deus, espelho meu?

— E qual é a tua vontade, gémea de mim?

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.183.)



Sinto muito calor e tiro o lenço. Vou ao espelho para ver se a minha careca se desfaz. Fecho os olhos com medo de ver a minha terrífica imagem. Voltei a abri-los. Estavam completamente embaciados de lágrimas. De repente o meu espelho plano se transforma em bola de cristal e reflecte imagens, reflecte segredos. Prediz o futuro e revela-me segredos inconfessáveis. Pergunta-me:  
— Quem és tu, que não reconheço?  
Entre lágrimas eu respondo:  
— Sou aquela que sonhou amada e acabou desprezada. A que sonhou ser protegida e acabou por ser trocada. Sou eu, mulher casada, quem foi violada mal o homem deu sinais de ausência. Sou a Rami.  
— Não és a Rami. Tu és o monstro que a sociedade construiu.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.263.)

Responda por escrito:

- a) Sobre o que é o romance? Justifique sua resposta com frases retiradas dos trechos.

---

---

- b) Qual o nome da personagem principal? Qual a sua relação com o espelho?

---

---

- c) A qual região de Moçambique acha que a personagem principal pertence? Por quê?

---

---

III) Há alguns trechos inacabados como estes abaixo. Em dupla escrevam os seus desfechos e apresentem-nos à turma.

Eu sou aquela que tem um espelho como companhia no quarto frio. Que sonha o que não há. Que tenta segurar o tempo e o vento. Só tenho o passado para sorrir e o presente para chorar. Não sirvo para nada. As pessoas olham para mim como uma mulher falhada. Que futuro espero eu? O marido torna-se turista dentro da própria casa. As mudanças correm rápidas neste lar. As mulheres

Recolho-me ao meu quarto. Vou ao espelho olhar para a minha cara e o espelho acusa: sua embriagada, sua escandalosa, desmancha-prazeres! Tento adormecer, mas o sono não vem. Volto e bebo uma boa dose, para esquecer. O meu caso é estranho. Quanto mais bebo,

—Espelho meu, o que será de mim?

O espelho dá-me uma imagem de ternura e responde-me com a maior lucidez de sempre.

— Não serás a primeira a divorciar, nem a última. Os divórcios acontecem todos os dias, como os nascimentos e as mortes, mas tranquiliza-te. Há uma grande diferença entre a vontade do homem e a vontade de Deus. O que Deus põe, o homem não dispõe.

— E qual é a vontade de Deus, espelho meu?

— E qual é a tua vontade, gémea de mim?

---

---

---

---

---

Após a atividade o professor deve mostrar aos alunos a continuação original dos trechos.

IV) Reflita acerca do seguinte excerto:

— Não és a Rami. Tu és o monstro que a sociedade construiu.

Que influência a sociedade exerce sobre a autoimagem?

---

## **Tarefa de casa**

I) Pesquisa:

Como vive a mulher moçambicana na sociedade atual? Registre a condição da mulher nesta sociedade usando cinco palavras-chave.

---

---

### 3ª aula

#### Ampliação de vocabulário

I) Observe as palavras retiradas dos trechos lidos:

1.lucidez/ 2. ternura/ 3.embriagada/ 4.escandalosa/ 5.desmancha-prazeres/6.violada/ 7.nudez/ 8.inconfessáveis
--

Faça a devida correspondência:

- a) ( ) Pessoa que se intromete e atrapalha ou acaba com os prazeres ou divertimentos alheios.
- b) ( ) Clareza de ideias e precisão de raciocínio.
- c) ( ) Ausência de roupas.
- d) ( ) Submetida a uma ação contra sua própria vontade.
- e) ( ) Afeto suave.
- f) ( ) Que causa escândalo.
- g) ( ) Que não se pode declarar.
- h) ( ) Que ingeriu bebida alcoólica em excesso.

Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/>

II) Complete os trechos abaixo com as palavras aprendidas no exercício anterior. Atenção às alterações que poderão ser necessárias.

Glossário:

*\*Castrar: Cessar a eficácia de alguma coisa; impedir o desenvolvimento ou a evolução de.*

<https://www.dicio.com.br/castrar/>

*\*Desígnio: Vontade ou intenção de desenvolver, de realizar alguma coisa: os desígnios do presidente.*

<https://www.dicio.com.br/designio/>

*\*Escrúpulo: Essência moral; caráter virtuoso.* <https://www.dicio.com.br/escrupulo/>

*\*Estupro: Crime que consiste na ação de forçar alguém a praticar relações sexuais contra a sua própria vontade.*

<https://www.dicio.com.br/estupro/>

*\*Remoto: Que aconteceu há muito tempo; antigo.* <https://www.dicio.com.br/remoto/>

*\*Usurpação: Crime que consiste na ação de se apossar de alguma coisa, cargo ou função, que não lhe pertence por direito: usurpação da função política.* <https://www.dicio.com.br/usurpacao/>

Naquela altura, eram vistos como os [redacted].  
Aqueles que castravam a essência do jogo e a liberdade dos atletas.

<https://skandneticias.pt/opiniao/2020-10-08-Cis-desmacho-gravatos>

## Motorista [redacted] é suspeito de provocar acidente que matou bebê e feriu 4 em Pedro Leopoldo

<https://g1.globo.com/mg/interior-geral/noticia/2022/09/01/motorista-casbrilgado-e-suspeito-de-provocar-acidente-que-feriu-5-pessoas-em-pedro-leopoldo.ghtml>

A função política tem sido, desde tempos remotos, objecto de tentativas de usurpação por parte de oportunistas sem escrúpulos, que a encaram como instrumento dos seus desígnios [redacted] para mal da história da humanidade.

<https://www.jornalnorte.com/editorial/manobristmo-e-ineficacia-politica>

D. Fernández assinalou que o Papa tem que curar um **problema no joelho direito**, algo que já sofria nos tempos de arcebispo de **Buenos Aires**. “Foi uma alegria ver que se encontra muito bem de saúde e com a [redacted] sempre”.

<https://www.thu.unkinoe.br/categorias/68625-victor-manuel-fernandez-apoe-encontrar-se-com-francisco-ele-esta-em-otimas-condicoes-para-continuar-contribuindo-com-sua-lucidez-e-testemunho-ao-mundo>

Enquanto a [redacted] na cultura *mainstream* americana geralmente tem conotação sexual, aqui na Alemanha, não é incomum se despir em certas situações cotidianas.

<https://www.tbo.com/portuguese/ver1-tra-3589613>

Infância [redacted]: Estudo de reportagens veiculadas na imprensa sobre a menina vítima de estupro e consequente aborto legal

<https://publi.ludomedia.org/index.php/ntop/article/view/388>

III) Complete o quadro abaixo. Logo depois, discuta sua resposta com a sua dupla. Posteriormente escolha três palavras e formule frases.

Substantivo	Adjetivo	Verbo
		embriagar
	violado	
Lucidez		
		desnudar
	escandaloso	

---

---

---

IV) Observe as frases abaixo e responda:

“Embriagou-se com os privilégios.” <https://www.dicio.com.br/embriagar/>

“Ele desnudou sua angústia diante do sacerdote.” <https://www.dicio.com.br/desnudar/>

- Que significados “embriagar-se” e “desnudar” assumem no trecho? São os mesmos encontrados na leitura feita? (páginas 117 e 159) \_\_\_\_\_
- Já se embriagou com algo? Com o quê? \_\_\_\_\_
- Costuma desnudar suas angústias diante do espelho? O que geralmente diz? \_\_\_\_\_

## Atividades de pós-leitura - Como está a sua relação com o espelho?

l) Visite o blog: <https://www.nataliavidal.com.br/como-esta-a-sua-relacao-com-o-espelho/>

- Faça a leitura do Blog.
- Assista ao vídeo contido nele.
- Faça o desafio proposto no Blog:

*Faça três elogios a si, olhando no espelho.*

*Repita os elogios até que sejam genuínos. Permita-se emocionar.*

*Depois de tudo, conte como se sentiu.*

- Registre como se sentiu no mural da turma.  
<https://padlet.com/giselepessanha/p3wn9bdybt07uxtp>

## Atividade extra

l) Importante!



A importância do espelho na detecção do câncer de mama. Leia a explicação abaixo:

### Como fazer um autoexame da mama

1. Na frente de um espelho, olhe para as mamas. As mamas normalmente têm tamanhos ligeiramente diferentes. Veja se há alterações na diferença de tamanho entre as mamas e alterações no mamilo, por exemplo, estar voltado para dentro (um mamilo invertido) ou uma secreção. Veja se há rugas ou covinhas.



<https://www.msmanuals.com/pt-pt/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-feminina/dist%C3%BArbios-de-mama/c%C3%A2ncer-de-mama>

- a) Acesse o *link* acima para perceber o papel do espelho nos exames preventivos do câncer de mama.
- b) Após a leitura do *link*, grave um áudio no seu celular detalhando a importância do espelho nesse processo.
- c) Publique o áudio no mural da turma.
- d) Comente as postagens dos seus colegas de turma.

## **Avaliação e *Feedback***

Chegamos ao fim do nosso curso literário. A sua opinião é muito importante para que aprimoremos as nossas aulas. Peço, por gentileza, que preencha o formulário a seguir e contribua com críticas (construtivas) e sugestões.

Acesse: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C\\_Ji6b4JA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C_Ji6b4JA/viewform?usp=sf_link)

Foi um imenso prazer tê-los aqui!!

Até a próxima!!

## **Comentário à proposta**

O romance *Niketche*, uma história de Poligamia, escrito por Paulina Chiziane em 2002, retrata costumes da sociedade moçambicana alicerçados pelo patriarcado e submissão das mulheres. A poligamia é justificada pela ancestralidade e substanciada pelo contato com a cultura muçulmana. Na obra há um encontro entre a oralidade, resiliência e falas de resistência, tornando o romance um paradoxo fecundo e uma rica fonte de reflexão em aulas de português como língua não materna.

A escolha deste romance como ferramenta didática recai sobre a sua temática e implicações para a contemporaneidade. Possibilita atingir uma literatura pouco explorada em livros didáticos, contribuindo para uma formação mais completa e menos hierarquizada da língua portuguesa em seus múltiplos contextos.

Esta proposta didática alia-se ao Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas que preconiza a interculturalidade e a promoção ao debate. Além do mais, traz consigo atividades que visam às diversidades metodológicas e tipologias textuais, contribuindo vivamente e inclusivamente no processo de ensino-aprendizagem dos aprendentes.

## Referências

- CHIZIANE, P (2021). *Niketche: uma história de Poligamia*. (6ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.



#### **4.5. *Niketche, uma história de poligamia de Paulina Chiziane***

**Tema: Tradições culturais e suas consequências na vida da mulher moçambicana.**

##### **Introdução**

Esta ficha didática visa atender a alunos de PLNМ a partir do nível C1 de proficiência, conforme delineado pelo QECRL. Privilegiam-se tarefas em que todas as competências linguísticas possam ser trabalhadas, com enfoque na interculturalidade e empatia às demais culturas e dilemas sociais.

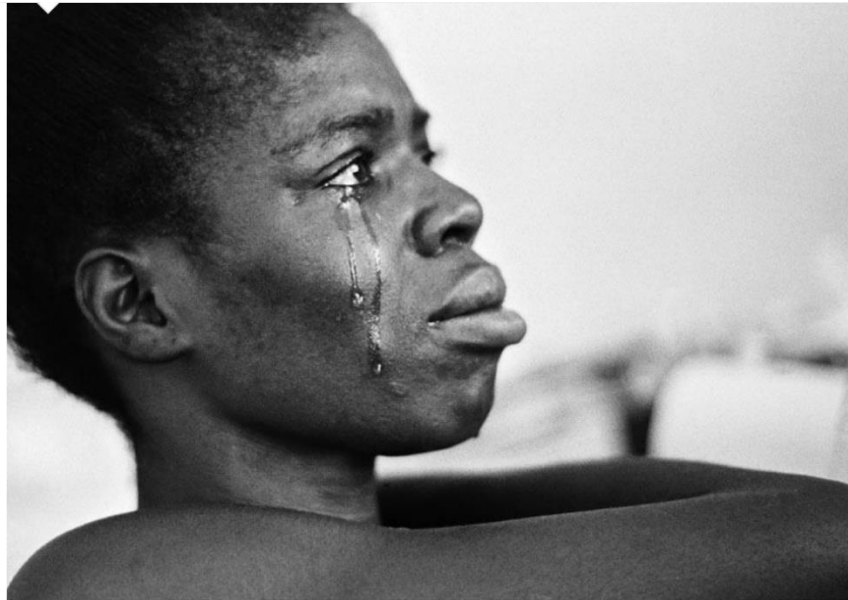
Essa proposta de didatização sugere seis encontros de uma hora e meia cada um, englobando atividades de pré-leitura, leitura, debate, pós-leitura e um plano de ação. O trabalho em equipe é potencializado, assim como o desejo de interagir frente aos problemas sociais de Moçambique. Tradições culturais, costumes, práticas locais e o papel da mulher nesta sociedade são fatores promotores de debate e conscientização, levando os aprendentes a se posicionarem criticamente e construtivamente. Configura-se, também, como um convite para conhecer a situação das mulheres moçambicanas sob olhares delas mesmas e sob os olhares históricos-sociais. A ficha também inclui atividades que demandam ferramentas digitais e colaborativas, proporcionando uma flexibilidade quanto à sua modalidade de aplicação.

Por fim, as atividades propostas não são rígidas, permitindo ao professor atuante a sua adaptação e conformidade, segundo o seu público-alvo.

## 1ª aula

### Atividades de Pré-leitura

I) Observe a imagem abaixo. A que ela remete? Use o espaço abaixo para as suas anotações:



<https://quilombocibernetico.home.blog/2019/05/08/precisamos-falar-sobre-violencia-domestica/>



---

---

---

- Em dupla, discuta a resposta e justifique a sua escolha.
- Apresentem à turma os pontos que tiveram em comum.

II) Leia atentamente a manchete abaixo:

### Violência contra mulher não é só física; conheça outros 10 tipos de abuso

- Em sua opinião, quais são os outros tipos de violência contra a mulher? (Resposta Oral)
- Acesse o *link* abaixo e registre os outros tipos de abusos contra a mulher.

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/violencia-contra-mulher-nao-e-so-fisica-conheca-outros-10-tipos->

[de-abuso](#)

---

---

---

---

---

---

c) No seu país há leis de proteção às mulheres? Qual?

---

---

---

III) Leia a reportagem no *link* abaixo e registre as violências sofridas por:

<https://www.pambazuka.org/pt/governance/cultura-do-machismo-destr%C3%B3i-o-sonho-das-mulheres>

- a) Mafalda: \_\_\_\_\_  
b) Vitória: \_\_\_\_\_  
c) Juliana: \_\_\_\_\_  
d) Lídia: \_\_\_\_\_

IV) Discuta em grupo as suas respostas. Depois, atentem as seguintes questões: (Atividade Oral)

- a) A que sociedade a reportagem se refere?  
b) Como essa sociedade se caracteriza?  
c) O que substancia as práticas referidas na reportagem?

V) Sessão cinema

Assista ao vídeo abaixo até o minuto 12:47 e escreva três palavras-chave referentes aos seguintes temas:

<https://www.youtube.com/watch?v=KocalYE-FvQ>

- a) Ritos de iniciação: \_\_\_\_\_  
b) Sociedade Matriarcal: \_\_\_\_\_  
c) Sociedade Patriarcal: \_\_\_\_\_  
d) Poligamia: \_\_\_\_\_

Em grupo discutam sobre os tópicos anteriores e de que forma as mulheres são atingidas nesses contextos. (Atividade Oral)

## **Tarefa de casa**

l) Escreva um texto a um amigo (200-220 palavras), relatando os desafios atuais enfrentados pelas mulheres moçambicanas.

## 2ª aula

### Atividades de leitura

l) Leia o trecho retirado do romance, “*Niketche*, uma história de poligamia”. (Paulina

— Como foi a preparação do teu casamento?  
— Comecei a fazer enxoval aos quinze anos — explico. — Bordar *naperons*. Fiz colchas e toalhas em croché. Toalhas bordadas, com o ponto pé de flor, ponto pé de galo, ponto de cruz, ponto jugoslavo, ponto grilhão. Fiz curso de cozinha e tricô.  
— Cresci no campo e não conheci nada dessas coisas de bordados e enxovais. Diz-me, como foi a preparação nas vésperas do casamento?  
— Tinha aulas na igreja, com os padres e as freiras. Acendi muitas velas e fiz muitas rezas.  
— E o que te ensinava a tua família?  
— Falava-me da obediência, da maternidade.  
— E do amor sexual?  
— Nunca ninguém me disse nada.  
— Então não és mulher — diz-me com desdém —, és ainda criança. Como queres tu ser feliz no casamento, se a vida a dois é feita de amor e sexo e nada te ensinaram sobre a matéria?  
Olhei-a com surpresa. De repente lembro-me de uma frase famosa — *ninguém nasce mulher, torna-se mulher*. Onde terei eu ouvido esta frase?  
— Eu tive os primeiros ritos de passagem da adolescência para a juventude. Tive os segundos de noiva para esposa. Nos ritos de adolescência, trataram-me a pele com *musiro*. Nos ritos de noivado trataram-me a pele com mel.  
— Mel na pele?  
— Sim, mel puro, sem misturas. Torna a pele mais lisa que a casca de um ovo. Besuntavam-me o corpo todo, dias antes do casamento.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, pp.37-38)

- Sublinhe a vermelho partes que ilustram os ritos de iniciação e a amarelo as que abordam uma educação baseada no cristianismo.
- Imagine que fosse entrevistador: que perguntas faria às mulheres que são criadas sob os ritos de iniciação? E quais faria às mulheres sob a educação cristã?

---

---

---

- “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Conhece essa frase? Quem é a autora dela? Por que a disse? (Uma pesquisa rápida na *internet* pode ajudá-lo a responder a estas questões).

II) Há tabus e imposições às mulheres moçambicanas de Norte a Sul. Leia o trecho abaixo:

Dedicámos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falámos dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser



(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.38)

a) De que forma completaria o trecho?

---

---

---

Confira todo o trecho abaixo.

Dedicámos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falámos dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres, para não terem filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o pescoço. Que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza.

b) Mulheres moçambicanas, tanto do norte quanto do sul, são submetidas a mitos, tabus e práticas culturais que as colocam em posição de subordinação em relação ao homem. Identifique-os no texto e resuma-os com suas próprias palavras.

c) Que aspectos chamaram mais a sua atenção neste texto? Por quê? (Resposta Oral)

d) Há tabus, mitos e práticas impostas às mulheres do seu país? (Resposta Oral)

e) Faça uma pesquisa e liste os 10 piores países do mundo para as mulheres.

f) Em dupla, confirmam a lista e explicitem o porquê desses países serem maus para as mulheres.

g) Acessem o *link* e confirmem suas respostas: <https://exame.com/mundo/estes-sao-os-piores-paises-do-mundo-para-mulheres/>

III) Observe os trechos abaixo:

<p>homem. Filhos nascidos de um casamento sem lobolo não têm pátria. Não podem herdar a terra do pai, muito menos da mãe. Filhos ficam com o apelido materno. Há homens que lobolaram as suas esposas depois de mortas, só para lhes poderem dar um funeral condigno. Há homens que lobolaram os filhos e os netos já crescidos, só para lhes poder deixar herança. Mulher não lobolada não tem pátria. É de tal maneira rejeitada que não pode pisar o chão paterno nem mesmo depois de morta.</p> <p>(Paulina Chiziane, <i>Niketche</i>, p.50)</p>	<p>O ciclo de lobolos começou com a Ju. Foi com dinheiro e não com gado. Lobolou-se a mãe, com muito dinheiro, num lobolo-casamento. As crianças foram legalmente reconhecidas, mas não tinham sido apresentadas aos espíritos da família. Era preciso trazê-las do tecto da mãe para a sombra do patriarcal num acto de lobolo-perfilha, uma forma de legitimá-las uma vez que nasceram fora das regras de jogo de uma família polígama. Depois fez-se lobolo da Lu e dos filhos. As nortenhas espantaram-se. Essa história de lobolo era nova para elas. Queria dizer não por ser contra os seus costumes</p> <p>(Paulina Chiziane, <i>Niketche</i>, p.131)</p>
<p>— O meu Tony ao lobolar cinco mulheres, subiu ao cimo do monte— diz a minha sogra.—Ele é a estrela que brilha no alto e como tal deve ser tratado. E tu. Rami, és a primeira. És o pilar desta família. Todas estas mulheres giram à tua volta e te devem obediência. Ordena-as. Castiga-as se for preciso. Tu és que deténs o trono e o cetro. Exerça o teu poder sobre elas, submeta-as ao teu comando. Tu és a rainha desta casa.</p> <p>(Paulina Chiziane, <i>Niketche</i>, p.133)</p>	<p>Ele vai-se desfazendo entre ofensas e galanteios, como um D.Juan. Não vê as feridas que abre. A ideia de ofensa nem existe, pois não corre nenhum perigo. Perigo de quê? As mulheres são suas. Loboladas. Compradas. Apaixoadas. Com filhos já paridos. Elas estão seguras, pescadas. Ao peixe pescado, amanha-se, tempera-se, coze-se e come-se. Ele pode dizer tudo o que lhe vai na alma sem correr qualquer perigo. A conversa assumia um trilhão doloroso e os nossos rostos contraíam-se de mágoa.</p> <p>(Paulina Chiziane, <i>Niketche</i>, pp.148-149)</p>

a) De acordo com a leitura feita, em sua opinião o que seria o lobolo? Retire frases dos trechos para justificar a sua ideia.

---

---

Confira sua resposta aqui: <https://www.dw.com/pt-002/lobolo-os-casamentos-em-mo%C3%A7ambique-ontem-e-hoje/a-3657678>

b) A prática do *lobolo* é bem-vista na sociedade moçambicana? Comprove a sua resposta com frases retiradas dos trechos.

---

---

---

---

---

## Tarefa de casa

l) Momento “Debate”. Leia o excerto abaixo. (Trabalho em grupo)

Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre. Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas há um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.50)

Pensem nas seguintes questões:

### Grupo A

- A importância das tradições culturais na identidade de Moçambique.
- A influência do colonialismo em Moçambique e sua péssima consequência.
- A imposição do cristianismo em detrimento às manifestações e costumes religiosos locais.

### Grupo B

- Quem são os maiores beneficiários dos costumes tradicionais em Moçambique.
- As tradições culturais em Moçambique e os seus danos à individualidade e direitos da mulher.
- A igreja e a promoção do bem-estar social em Moçambique.

Façam uma pesquisa mais aprofundada concernente às questões dadas, e defenda os tópicos apresentados com argumentos consistentes.



### 3ª aula

I) Debate (40 min)

II) Em quais países a poligamia é praticada e aceita legalmente? (Faça uma pesquisa no Google)

---

---

III) Leia o trecho abaixo:

Poligamia é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apoligamou-se por influência da religião. Islamiçou-se. Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou. A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não. Contradizem-se, mas é fácil de entender. A poligamia dá privilégios. Termordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão-de-obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelos simples factos de ter nascido homem.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.97)

Responda oralmente:

- Qual a relação entre o povo Macua, Islamismo e Poligamia?
- Por que a poligamia praticada no Norte é ilegal?
- De acordo com o trecho, por que a poligamia foi facilmente assimilada por todas as regiões de Moçambique?

## Funcionamento da língua

l) Observe a explicação abaixo sobre “Vozes do verbo”:

### **Vozes.**

O facto expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.  
Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.  
Não **se vêem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado e sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se**.  
**Dei-me** pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ACTIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

(Cunha & Cintra, Breve Gramática do Português Contemporâneo, p.267)

a) Retire do trecho sobre poligamia, frases cujos verbos estejam na voz reflexiva.

---

---

---

b) Imagine que tivesse a chance de aconselhar as mulheres que vivem sob a poligamia contra sua vontade. O que diria a elas? Use verbos na voz reflexiva.

---

---

---

## 4ª aula

### Atividades de leitura

l) Leia o trecho abaixo:

Agora falam do *kutebinga*, purificação sexual. Os olhos dos meus cunhados, candidatos ao sagrado acto, brilham como cristais. Cheira a erotismo no ar. A expectativa cresce. Sobre quem cairá a bendita sorte? Quem irá herdar todas as esposas do Tony? Fico assustada. Revoltada. Minha pele se encharca de suor e medo. Meu coração bate de surpresa infinda. *Kutebinga!* "Eu serei *tebingada* por qualquer um. E todos aguçam os dentes para me *tchingani* mim. A parede é firme e fria. Ampara-me. O dorso do chão é duro, é seguro. Suporta-me. É tão cruel e tão malvada esta gente... Peço a qualquer Deus qualquer socorra Ninguém me ajuda, nem Deus, nem santos.

*Kutebinga* é lavar o nojo com beijos de mel. É inaugurara viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. *Kutebinga* é carimbo, marca de propriedade. Mulher é lobilada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda. De repente me vem uma pergunta louca: existirá alguma mulher que, no acto de *kutebinga*, gemesse de prazer? Mas nem tudo é mau. No meio desta desgraça, há uma coisa boa. Com a falta de homens quedizem haver, é bom saber que a viuvez me reserva um outro alguém, mesmo que seja de vez em quando. É confortante saber que lenho onde encostar o meu ombro sem precisar de andar pelas ruas a vender os meus encantos diminuídos pelo tempo. Incesto? Incesto não. apenas levirato. Incesto só há quando corre o mesmo sangue nas veias.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, pp. 226-227)

- Discuta com o seu par o significado do “Kutchinga/kutebinga ou levirato”.  
(Após a discussão, confira a resposta neste [link https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/levirato](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/levirato))
- Segundo a personagem há pontos positivos e negativos no levirato. Quais são eles?
- Você conseguiria viver sob essas condições? Explique.
- “Eu serei tchingada por qualquer um”, “E todos aguçam os dentes para me tchingar a mim”.  
Reescreva essas frases de modo que o seu sentido seja preservado.

Glossário: *Tchingar: Praticar o levirato.*

---

---

---

---

- e) Com o conhecimento adquirido sobre Moçambique, suas tradições e cultura, escreva cinco frases, na voz passiva analítica, relatando a situação das mulheres nesse país.

---

---

---

---

---

II) Agora leia os excertos abaixo:

Retiramos a sua alma do inferno do céu para o paraíso da terra à volta da fogueira, e com ela serpenteamos nas ruas da cidade. Juntas celebramos o porvir e juramos: a partir de hoje, caminharemos na marcha de todas as mulheres desprotegidas pela sorte, multiplicaremos a força dos nossos braços e seremos heroínas tombando na batalha do pão de cada dia. A cantar e a dançar, construiremos escolas com alicerces de pedra, onde aprenderemos a escrever e a ler as linhas do nosso destino. Atravessaremos o mar com a nau dos nossos olhos porque saberemos navegar até ao além-mar e levaremos a mensagem de solidariedade e fraternidade às mulheres dos quatro cantos do mundo. Ensinaremos aos homens a beleza das coisas proibidas: o prazer do choro, o paladar das asas e patas de galinha, a beleza da paternidade, a magia do ritmo do pilão a moer o grão. Amanhã, o mundo será mais natural, e os nossos bebês, tanto meninas como rapazes, terão quatro anos de mamada. Na hora de nascer, as meninas serão também recebidas com cinco salvas de tambor, no tecto do lar paterno e na sombra da árvore dos seus antepassados. Marcharemos ao lado dos homens, como soldados fardados de suor e lama, na machamba, na mina, na fábrica, na construção, e levaremos um beijo de mel à boca de cada criança. Seremos mais ricas de pão e de paixão. Olharemos para os homens com amor verdadeiro e não para as cifras das notas de banco que pendem nos bolsos da calças. Ao lado dos nossos namorados, maridos e amantes, dançaremos de vitória em vitória no *niketche* da vida. Com as nossas impurezas menstruais, adubaremos o solo, onde germinará o arco-íris de perfume e flor.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p. 313)

Abandono a cozinha e saio de casa, deixando o Tony sucumbindo na memória de algo que podia ter sido construído e não foi. Respiro fundo. Quero sentir grãos de ar caindo sobre o meu peito e enterrar a minha dor no mais profundo do mar. Quero dormir nas margens do rio e deixar a melodia dos peixes embalar o meu pranto. Quero andar descalça sobre as areias soltas como uma gata selvagem. Amar um homem? Nunca mais! Hei-de arranjar um que me ame a mim. Hei-de ser segunda esposa de alguém, tal como dizia a Lu. Nunca mais a primeira. Quero ser tudo: vento, peixe, gota de água, nuvem branca, qualquer outra coisa menos mulher. Quero ser uma alma solta, encostar à janela e ver a chuva a cair. Ser fantasma e sentar-me invisível no alto do morro e ver o sol a nascer. Quero ser um grão de areia ao vento e dançar o meti *niketcheao* som das flautas de todas as brisas.

(Paulina Chiziane, *Niketche*, p.325)

- a) Em relação à situação das mulheres, de que forma esses trechos diferem dos lidos anteriormente? Comprove a sua resposta com frases retiradas destes dois últimos excertos.

---

---

---

- b) Marque três palavras que, na sua opinião, melhor definem esses dois trechos:

- ( ) Subversão
- ( ) Conscientização
- ( ) Desejo
- ( ) União
- ( ) Feminismo
- ( ) Liberdade
- ( ) Vitória
- ( ) Felicidade
- ( ) Solidariedade
- ( ) Empatia
- ( ) Fraternidade
- ( ) Luta
- ( ) Renascimento
- ( ) Alívio

- c) Em grupo, compartilhe as palavras escolhidas, justificando a escolha.
- d) Leia as frases abaixo retiradas dos excertos:

“Ao lado dos nossos namorados, maridos e amantes, dançaremos de vitória em vitória no *Niketche* da vida”.

“Quero ser um grão de areia ao vento e dançar o meu *Niketche* ao som das flautas de todas as brisas”.

Glossário:

*Niketche*: Uma dança tradicional de iniciação sexual do norte de Moçambique, das regiões da Zambézia e Nampula.

De que forma o conceito de “Niketche” foi subvertido pela narradora-personagem?

---

---

---

- e) Retire do trecho uma frase que caracterize:

União entre as mulheres: \_\_\_\_\_

Valorização das meninas: \_\_\_\_\_

Desejo feminino: \_\_\_\_\_

## 5ª e 6ª aulas

### Atividades de pós-leitura

I) Você conhece a palavra sororidade? Pesquise-a em um dicionário e anote o que achou.

---

---

II) Conhece algum projeto social desenvolvido por mulheres para ajudar outras mulheres? Faça uma pesquisa e exponha os resultados no mural da turma. <https://padlet.com/giselepessanha/oukpnpybfeqhnX3j>

III) A WLSA em Moçambique:

A WLSA (*Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust*) é uma organização não governamental regional (ONG), que faz pesquisa sobre a situação dos direitos das mulheres, em sete países da África Austral: Botswana, Lesotho, Malawi, Moçambique, Swazilândia, Zâmbia e Zimbábue.

A WLSA Moçambique define-se como uma organização feminista, o que significa que:

- Reconhece que existe presentemente na sociedade uma situação de injustiça, na qual as mulheres têm menos possibilidades de usufruir dos seus direitos de cidadania, menos acesso aos recursos e às instâncias de decisão.
- Explica essa situação de desigualdade através de uma teoria das relações sociais de género que toma em consideração a dimensão de poder nas relações entre mulheres e homens, estruturadas no âmbito de sistemas de dominação patriarcais.
- Procura agir em defesa da igualdade de género, tendo em conta que a mudança só pode ser efectiva se se abalarem as estruturas de poder patriarcais que garantem e reproduzem a subordinação das mulheres.

<https://www.wlsa.org.mz/visao-e-missao-da-wlsa/>

Imagine o seguinte cenário (Trabalho em dupla): você foi convidado (a) pela WLSA para criar uma campanha em favor das mulheres moçambicanas. Inspirados (as) pelo cartaz abaixo, crie o seu próprio destacando detalhadamente o propósito da campanha. Exponha-o na próxima aula.

## Cartaz da WLSA Moçambique

Mulheres e homens  
têm os mesmos direitos na família



<https://www.wlsa.org.mz/cartaz-da-wlsa-mocambique-mulheres-e-homens-tem-os-mesmos-direitos-na-familia/>

IV) Lei de prevenção e combate às uniões prematuras. (Trabalho em grupo)

Leia atentamente o artigo 4 da Lei n.º 19/2019 de 22 de outubro.



ARTIGO 4  
(Objectivos)

São objectivos da presente Lei:

- a) prevenir a ocorrência de uniões prematuras;
- b) proibir as uniões com ou entre crianças;
- c) adoptar medidas para fazer cessar uniões prematuras já existentes;
- d) definir critérios de protecção de direitos adquiridos pela criança em situação de união prematura e seus eventuais filhos;
- e) definir as responsabilidades do Governo na adopção de mecanismos para mitigar os efeitos negativos das uniões prematuras.

[https://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2019/11/Lei\\_Prevencao\\_Combate\\_Unioes\\_Prematuras.pdf](https://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2019/11/Lei_Prevencao_Combate_Unioes_Prematuras.pdf)

Imaginem que tivessem a incumbência de fazer com que esses objetivos fossem cumpridos. Que estratégias usariam para fazer com que a lei fosse executada. Pensem em um plano de ação frente à realidade moçambicana. (Propostas escritas apresentadas na aula seguinte)

Material extra para consulta:

<https://www.dw.com/pt-002/viol%C3%AAncia-sexual-ainda-faz-parte-da-vida-das-mulheres-em-mo%C3%A7ambique/a-17583369>

<https://www.dw.com/pt-002/secretismo-e-viola%C3%A7%C3%B5es-amea%C3%A7am-o-valor-de-ritos-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-em-mo%C3%A7ambique/a-17327495>

<https://zap.aeiou.pt/mulheres-abusadas-troco-comida-251699>

<https://news.un.org/pt/story/2019/07/1678932>

<https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2017/09/25/resistencia-marca-historia-de-mulheres-mocambicanas-durante-colonialismo-portugues/>

<https://www.youtube.com/watch?v=jc3qPP5dpuU>

O que é um plano de ação?

“Um plano de ação é uma maneira de planejar quais as ações necessárias que devem ser tomadas para alcançarmos um objetivo. É um planejamento metodológico no qual são definidas as metas da empresa ou pessoa, as etapas necessárias, os responsáveis por cada detalhe e o monitoramento do projeto.”

<https://zety.com/br/blog/plano-de-acao>

## **Avaliação e *Feedback***

Chegamos ao fim do nosso curso literário. A sua opinião é muito importante para que aprimoremos as nossas aulas. Peço, por gentileza, que preencha o formulário a seguir e contribua com críticas (construtivas) e sugestões.

Acesse: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d8Ox1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C\\_Jj6b4JA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d8Ox1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C_Jj6b4JA/viewform?usp=sf_link)

Foi um imenso prazer tê-los aqui!!

Até a próxima!!

## **Comentário à proposta**

O romance *Niketche, uma história de Poligamia*, publicado por Paulina Chiziane em 2002, revela o interior feminino, ressaltando sua intimidade e desejos não ditos, diante de uma sociedade hostil à individualidade de suas mulheres. É também uma denúncia à discriminação contra a mulher e a práticas machistas e misóginas contidas na tradição sociocultural de Moçambique. É por meio de suas personagens femininas que esta tradição patriarcal é subvertida, dando um novo sentido ao “Niketche”.

Uma gama de informação cultural moçambicana é adicionada ao universo dos seus leitores: ritos de iniciação, poligamia, levirato, *Niketche* etc. tornando esta proposta uma rica fonte de dados histórico-socioculturais, justificando a sua escolha como uma produtiva ferramenta didática. Além do mais, essa proposta visa despertar a nossa quietude com atividades concretas e dinâmicas, por meio de uma literatura marginalizada e pouco explorada em aulas de PLNM.

A temática abordada vai ao encontro de discussões atuais, munindo os aprendentes com instrumentos consistentes, “reforçando a independência de pensamento, de juízos críticos e de ação, associada a capacidades sociais e de responsabilidade. para o desenvolvimento de um pensamento crítico”. (QECRL, 2001)

## Referências

- CHIZIANE, P (2021). *Niketche: uma história de Poligamia*. (6ªed.) Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições Asa.
- CUNHA, C., & CINTRA, L. (2006). Breve Gramática do Português Contemporâneo. (20ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.

#### **4.6. Conto “Mutola, a ungida” em *Andorinhas* de Paulina Chiziane**

##### **Tema: A subversão ao patriarcado em Moçambique**

##### **Introdução**

As atividades propostas foram desenhadas a fim de atender a alunos de PLNM a partir do nível B2 de proficiência, conforme delineado pelo QECRL. Privilegiam-se tarefas em que todas as competências linguísticas possam ser trabalhadas através de atividades conectadas e contextualizadas. É mister também pontuar a preocupação em despertar nos aprendentes uma competência intercultural e pensamento crítico acerca de temas atuais que também, frequentemente, são fontes de inspiração para uma composição literária.

Nessa ficha didática são sugeridos três encontros de uma hora e meia cada um, com aulas em grupo: o primeiro, para atividades de pré-leitura; o segundo, para atividades de leitura e finalmente o terceiro para atividades de pós-leitura e “feedback” dos alunos. A ficha também foi pensada para se adequar às peculiaridades tanto da aula presencial quanto da aula online ou mista. Dessa forma, almejamos que mais alunos possam ter acesso a esse conteúdo promovendo uma educação mais inclusiva e participativa.

Por fim, e não menos importante, há um desejo intrínseco de partilhar esse material com os mais diversos professores de PLNM. As atividades, por mim idealizadas, estão longe de serem inflexíveis ou findas. Cada professor que aqui chegar poderá trabalhá-las pensando em seu contexto específico, fazendo com que a literatura de língua portuguesa possa também ser ferramenta para o estabelecimento da empatia, do reconhecimento identitário e da aproximação de diferentes culturas.

# 1ª aula

## Atividades de pré-leitura

I) Observe as manchetes abaixo:

- a) **Comente** o que há de comum entre elas.
- b) Clique sobre as imagens (ctrl + clique) e descubra a data das reportagens e seus países. Qual a relevância dessas informações? Escreva abaixo:

---

---

---

 UOL

"Sou copiloto de Airbus 380 e já me falaram que eu devia pilotar fogão"



 Observador

Leïla Slimani: "As mulheres percebem melhor do que os homens o que é uma colonização"

No seu romance, também esta violência é clara e os homens medem as mulheres consoante a sua capacidade de submissão absoluta..



**Moçambique busca combater a submissão das mulheres em zonas rurais**




 DW

Guiné-Bissau: Mulheres em campanha para denunciar violência doméstica

Durante sete dias da campanha, várias jovens mulheres postaram ... a menina é educada "dentro do princípio de submissão para apanhar, ...



- c) Converse com um amigo ao lado e elejam três palavras que definam a situação atual das mulheres nesses países. Anotem-nas abaixo:



---

---

---

II) E como é no seu país? Qual é o papel designado às mulheres? Escreva um pequeno texto (máximo de 150 caracteres) sobre essa temática e compartilhe a informação no mural da turma. Aproveite para comentar a resposta dos outros colegas.

<https://padlet.com/giselepessanha/yj0g2w6me6kvg4o7>

III) Que características/adjetivos atribuiria a uma galinha? E a uma águia? Escreva as suas ideias nos quadros abaixo.



## Águia ou Galinha?



Agora veja a comparação abaixo. Você acrescentaria mais alguma característica? Qual/Quais?

ÁGUIA X GALINHA	
	
TEM VISÃO, ENXERGA ANTECIPADO AS NECESSIDADES DAS PESSOAS É DESTEMIDA, CORAJOSA! VOA, PENSA E ALINHA-SE NO ALTO É CAÇADORA, BUSCA REFEIÇÃO	ENXERGA SOMENTE PARA OS LADOS, NÃO CONSEGUE TER FOCO É MEDROSA! FAZ SEU NINHO NO CHÃO, SEM PENSAR ALTO É CAÇA, A REFEIÇÃO
Quem é você?	
	

<https://empresa-azul-associacao.negocio.site/posts/5995155738640193076?hl=pt-BR>

a) E você? Tem sido águia ou galinha? Explique

---

---

b) Analisando tudo que conversamos até aqui e pensando metaforicamente, como as mulheres têm sido posicionadas na sociedade: como águia ou como galinha? Porquê?

---

---

## Atividades de Leitura

l) Leia abaixo a parábola introdutória do conto “Mutola, a ungida” de Paulina Chiziane e responda às reflexões que seguem:

### A Parábola da Águia e da Galinha

“Esta é uma história que vem de um pequeno país da África Ocidental, Gana, narrada por um educador popular, James Aggrey, nos inícios deste século, quando se davam os embates pela descolonização. Oxalá nos faça pensar sempre a respeito.”

<https://clareandoideias.com/artigos-metaforas/a-fabula-da-aguia-e-da-galinha/>

AS ANDORINHAS

( 1 )

O Chivambo contava muitas histórias, mas esta era a sua preferida. Contava-a sempre que podia. Contou-a uma vez, durante a pregação, na Igreja Presbiteriana em Chamanculo, lá para os anos 60. Muitos colegas ouviram-no no colégio da missão. Outros ainda o ouviram de armas nos ombros, durante a luta libertação.

Era uma vez...

Um homem que apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha.

Um biólogo passou por ali e exclamou:

– Uma águia na capoeira de galinhas?

– Era uma águia, mas transformei-a em galinha, apesar de todo o seu tamanho – respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

– Não. – responde o biólogo – uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus.

– Esta? Nunca mais voará!

Discutiram. O dono da capoeira teimava e, por isso, fizeram a aposta. O biólogo, erguendo a pesada ave, disse:

– Águia, águia, abre as tuas asas e voa.

A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão, e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou contente:

– Viu?

O biólogo teimou. Fizeram a mesma experiência mais três vezes e nada! A águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava:

– Águia, águia, abre as tuas asas e voa!

A ave real abriu as asas e lançou-se no voo, subiu, subiu até desaparecer no horizonte. As águias, à semelhança das andorinhas, são filhas da liberdade.

Glossário:

Parábola: “LITERATURA-narração alegórica que encerra algum preceito de moral ou verdade importante”.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/par%C3%A1bola>



## Prática oral

- A águia foi educada como uma galinha. O que aconteceu para a águia perceber a sua real condição?
- Na nossa sociedade, quem seria o homem que apanhou a galinha? E quem seria o biólogo?
- Qual a moral da história?
- Por que você acha que a autora escolheu essa parábola para introduzir o conto “Mutola, a unguida”?
- Você conhece a escritora Paulina Chiziane? Assista ao vídeo abaixo: ( até 1m 05s)



Preencha a tabela abaixo sobre a Paulina Chiziane:

Quem é Paulina Chiziane	Tema principal em suas obras	Algumas obras publicadas

## Tarefa de casa

l) Ler o conto “[Mutola, a unguida](#)” de Paulina Chiziane. Anote no quadro abaixo as informações pedidas:

Nome da personagem principal	Personagens secundários

Na sua opinião, onde a história acontece? Em qual época? Escreva essas informações abaixo e justifique a sua resposta.

---

---

---

---

## 2ª aula

### Atividades de Leitura (continuação)

I) Que sentimentos teve após ler o conto? Vá ao [link menti.com](https://www.menti.com) e use o código 1235 7154 para registrar suas impressões.



II) Mutola é a personagem principal do conto. Como definiria a sua personalidade? Num acróstico\* com seu nome, descreva-a.

#### Glossário:

*Acróstico: "Composição em verso cujas letras iniciais (às vezes as mediais ou as finais), lidas no sentido vertical, formam uma ou mais palavras, que são o tema, o nome do autor ou o da pessoa a quem foi dedicada a composição."*

<https://www.dicio.com.br/acróstico/>

**M** \_\_\_\_\_

**U** \_\_\_\_\_

**T** \_\_\_\_\_

**O** \_\_\_\_\_

**L** \_\_\_\_\_

**A** \_\_\_\_\_

III) Leia silenciosamente as duas primeiras páginas do conto abaixo:

( 2 )

As mulheres sempre se orgulharam dos seus dotes: fazer bonito  
croché, bordar e fazer enxoval. Embelezar-se e esperar o momento

da vitória que virá com príncipe encantado que as levará ao palácio de uma cozinha existente nas traseiras de uma casa, com muita pompa e circunstância. É a tradição.

Porque ela é copo de água – diz-se – tem que se manter fresca para ser servida a esse príncipe que virá, um dia. Porque é galinha o ilustre visitante – diz-se ainda – ela tem de manter a musculatura suave e tenra de um franguinho, para o tal príncipe. Desde séculos, as mulheres cumpriram sem questionar estes princípios que funcionam como leis invioláveis, inalteráveis.

Quando aquela menina nasceu, todos a aplaudiram. Criatura doce, igualzinha às outras. Cresceu obediente, inteligente, submissa como se querem as meninas bonitas. Até que um dia começou a andar... Descobriram que ela tinha passos de gazela. Velozes. Chegava com rapidez a toda a parte. Era vento e brisa. Era muito ágil e muito firme. Sinais de uma guerreira. Olhava sempre para o horizonte. Tinha sonhos. Alguns anos depois, começou a frequentar a escola. Enquanto as colegas jogavam ao ringue, ela corria atrás de uma bola.

– Maria rapaz – diziam as colegas.

– Sou Maria e sou menina – respondia ela divertida.

E continuava com as suas brincadeiras. Era bonito vê-la na frescura das ruas, pezinhos leves tangendo a bola, com a doçura de uma música suave.

Sonhos reveladores afloram como pirilampos no espelho do tempo. Uma voz saía-lhe da planta dos pés, segredando: chegarás. Chegarei? Aonde, se nem sei aonde vou? Um rio verde perto de ti. Bem debaixo do milheiral. Busca-o. Então pegava na bola e atrás dela corria.

– Maria rapaz!

– Eu? Ah! As andorinhas inspiram-me – confessava – quando corro atrás de uma bola, sinto-me a voar na conquista do mundo. Qualquer dia me inscrevo num clube de futebol.

– Futebol? Ah, essa não!

– Que mal há nisso?

– Vais ficar com os músculos rijos. Tens que te resguardar. Aguardar. Tens que ficar com a pele de tomate. Ou de caju. Posso ensinar-te...

Uma vozearia espessa se eleva sobre ela, como mosquitos zumbindo febres palúdicas. São as mulheres derramando discursos

torpes com anuência dos homens. Devias fazer um curso de bordados, de croché e de boas maneiras. Vem que te ensino a servir um bom café, vamos lá menina, deixa essa coisa de corridas e bolas que a cozinha é o nosso canto.

Teriam essas vozes, razão? Sim. Não. Talvez. O milho no pilão sofre um golpe e outro golpe. Fica limpo. Demolha-se. Depois sofre novos golpes. Peneira-se. No fim vem a farinha branca e a xima boa. É isso mesmo. A vozearia martela os sonhos, mas também forja.

Uma vez alguém disse:

– Menina, os teus pés têm uma missão importante, pelo povo não serás esquecida!

Filiou-se num clube de futebol masculino. Experimentou a força do corpo no rectângulo do jogo e deu passos na descoberta da nova vida. No dia da competição, jogou ao lado dos homens perante o assombro do mundo. O país ficou paralisado de espanto enquanto os pés dela avançavam, defendiam, fintavam. Fez uma jogada magistral e marcou.

– Golóóóó! – gritou o relator da televisão.

– Viram quem marcou o golo? – Comentavam os populares

Na marcação do golo, o embaraço da equipa. Como podiam os homens saborear a golada com abraços efusivos e saltos mortais, se ela era mulher? Como celebrar a vitória com a mesma loucura de sempre, se o corpo da mulher só pode ser tocado pelo seu homem? Os comentaristas da rádio relatam o facto com vozes sincopadas. Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. Para remediar a situação, o locutor da rádio diz algumas palavras tontas.

– O golo extraordinário foi marcado por uma mulher que nem parece mulher, aquilo parece golo de homem mesmo, é espantoso, as mulheres não percebem nada de futebol e nem sabem jogar! Foi extraordinário! Esta mulher vibrou, brilhou, mostrou o que valia, parecia até uma águia no meio de galinhas!...

O desconforto tomou conta da equipe. Apesar da feliz vitória, aqueles jogadores tiveram que engolir palavras jocosas que os adversários lançavam sobre eles. Desconforto sentiram também os treinadores e os adeptos. Ser superado por uma mulher é uma grave afronta! Inadmissível! Simplesmente inaceitável!

– Isto é nefasto para o estado psicológico da equipe – disseram muitos – uma mulher não pode jogar futebol no meio dos homens.

- a) A vozearia da comunidade reproduzia fortemente um discurso patriarcal\* e androcêntrico\*. Retire do texto trechos que comprovam essa ideia.

---



---



---

- b) Podemos dizer que Mutola é como uma águia? Por quê? Justifique a sua resposta com trechos do conto.

---

---

---

---

Glossário:

*Patriarcado: "ANTROP Tipo de organização social que se caracteriza pela sucessão patrilinear, pela autoridade paterna e pela subordinação das mulheres e dos filhos."*

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patriarcado/>

*Patriarcal: "Relativo a patriarca ou patriarcado."*

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patriarcal/>

*Androcêntrico: "[Antropologia] relativo ao androcentrismo, à tendência para assumir o masculino como único modelo de representação coletiva, sendo os comportamentos, pensamentos ou experiências, associados ao sexo masculinos, os que devem ser tidos como padrão."*

<https://www.dicio.com.br/androcentrico/>

- c) Mutola sempre tinha uma resposta adequada às indagações das outras mulheres. Imaginemos que Mutola tivesse se sucumbido às tradições patriarcais às quais era submetida. Como seriam esses diálogos? Reescreva abaixo uma nova versão destes.

– Maria rapaz – diziam as colegas.  
– Sou Maria e sou menina – respondia ela divertida.  
E continuava com as suas brincadeiras. Era bonito vê-la na  
frescura das ruas, pezinhos leves tangendo a bola, com a doçura de  
uma música suave.

– Futebol? Ah, essa não!  
– Que mal há nisso?

Diálogo 1

---

---

---

---

Diálogo 2

---

---

---

---

IV) Leia silenciosamente o restante do conto:

MUTOLA, a unguida

AS ANDORINHAS

– Os treinadores gastaram o melhor tempo e a melhor energia, a treinar uma equipa – comentavam outros – e eis que os jogadores se deixam rebaixar por uma mulher. Os homens é que devem superar as mulheres e não o contrário. Mas ela dá na bola com classe! Ela entende da coisa! Pena é ser mulher!

Os homens ultrajados decidiram defender o seu santuário por decreto: ela não pode jogar – diziam – nos clubes dos rapazes, as meninas não entram. Exibiram-se regulamentos, Artigos, Documentos. As mulheres, em clubes de croché e tardes de chá, revolviam memórias antigas. Um caso como o desta menina? Nunca houve! Se não aconteceu antes, não pode acontecer agora. Onde já se viu uma coisa destas? Não, isto não pode voltar a acontecer. Havia muita razão nisso: Na vitória da mulher reside, por vezes, a desonra dos homens. As falas espessas correm como um rio de águas negras. Ela não mergulha. Esquiva. Enrola-se sobre o milheiral aguardando que a maré negra passe. Mas as ondas crescem e o caso reúne homens de peso, que apresentam argumentos de peso e tomaram decisões de muito peso. Ninguém se recordou de que tudo o que é de peso fica em baixo. Ela, pequena e leve, flutua, navega no alto. Lógico! A gravidade é que manda, evidentemente!

No vóu sereno, a menina questiona a ordem das coisas. Porque é que as mulheres sempre esperam, se têm força para desafiar o destino? E se o príncipe esperado não chegar quem pagará a despesa da eterna frustração? Resistindo às falácias, abre os caminhos de glória. Depois das magnas reuniões foi-lhe comunicada solenemente a suprema decisão.

– Vamos, deixa o futebol menina, vai para o atletismo, vai!

Na saída do clube, alguém lhe segreda:

– Menina, tu és um monumento. Tu és uma águia e o teu lugar é entre os deuses! Pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa!

Ela partiu para a nova vida. Já não tem a equipa do clube para onde buscar reforço nos momentos de perigo. Persistiu. Os sonhos humanos só se quebram quando no espírito, a fragilidade existe. Começou a treinar, a reforçar os ossos, os músculos, os sonhos. Sozinha, olhou para todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas. Concentrou todas as energias vitais. Colocou um olhar fixo no dourado solar. Suspendeu a respiração até atingir a suavidade de uma pena. Abriu as asas. Venceu o peso e a gravidade.

Levitou. Subiu, subiu até atingir um ponto alto, altíssimo. Alcançou o Olimpo!

Ela era, afinal, uma águia de ouro. Águia era também o nome daquele clube dos seus tempos de futebol.

Pois é! Foi mesmo isso que aconteceu.

Afastaram a Águia d'Ouro e ficaram com os restantes membros da capoeira! Águia mulher, águia menina, ela detém a ciência da água. Gota a gota. Passo a passo. Suavidade. Vôo. Levitação. Conquista do mundo. A perseverança que lhe fez brava! Voou entre os deuses do Olimpo, mas regressou modesta ao seu ninho de pássaro, cativando, nesse gesto, o coração do seu povo. Tornou-se líder.

Ensinou pela prática a lição da disciplina: concentração no fim e no princípio. Nenhuma dificuldade deste mundo a vence. A vitória prepara-se.

Mulher de muitos actos e poucas palavras, aprendeu cedo a lição da vitória: “quem muito fala pouco acerta”.

Águia-real, percorreu caminhos de água, de fogo, de neve. Em cada passo içando a nossa bandeira. Transportou, no bico, medalhas douradas que iluminaram o nosso país sedento de alegrias.

Por isso, em cada águia que cruza os céus, a imagem dela é que se projecta. Nesse instante as andorinhas bailam e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio:

Maria de Lurdes, senhora da sorte e das boas marés, obrigado! O teu sobrenome Mutola, denomina os que “tolam” os unguídos, consagrados, e purificados com o *m’tona*, a magna loção da mafurra! Das tuas asas de águia, teceste o dzovo celeste que nos elevou ao mais alto do *Zulwine*, onde a morte não existe.

Ungiste o corpo e a alma do nosso povo com o *m’tona*, essência divina dos Deuses do Olimpo.

Águia menina, materializaste na íntegra as profecias do criador, o Chitlango, o Chivambo, o Dzovo, o Maundlane!

Obrigado Mutola, de N’wanati, de Kambana, de Dzovo, de Maundana, de Maxele, de Ngomati, de Nyathe, o grande Zambeze! Longa vida, Mutola, águia dos deuses!

- a) Mutola faz o seguinte questionamento: “Porque é que as mulheres sempre esperam, se têm força para desafiar o destino?” Qual é a sua opinião sobre essa indagação? **Diga-a à turma.**
- b) **Converse em grupo** sobre as seguintes frases retiradas do conto. Quem as diz?

“Ela entende da coisa. Pena é ser mulher!”.

“Os homens é que devem superar as mulheres e não o contrário”.

“Um caso como o desta menina? Nunca houve! Se não aconteceu antes, não pode acontecer agora”.

Logo depois, pense em formas menos machistas de dizê-las e **exponha** suas ideias no grupo.

- c) Mutola trocou o futebol pelo atletismo. A seu ver, isso foi uma derrota ou uma vitória? Como termina o conto? **Partilhe sua opinião com a turma.**
- d) **Pesquisa:** Qual trecho melhor define o desfecho de “Mutola, a unguida”? Clique [aqui](#) para votar.

## A Língua Portuguesa no conto

I) Português é uma língua policêntrica falada por diversos povos, quer como língua primeira, quer como segunda e estrangeira. *Mutola, a ungiada* é escrito por uma Moçambicana cuja forma de dar vida às palavras é enriquecida pela língua portuguesa e pelas línguas locais. Identifique no conto palavras pertencentes às línguas autóctones moçambicanas e escreva-as abaixo:



\*Clique [aqui](#) para ver o significado de algumas palavras

II) Palavras como “croché”, “equipa”, “golo”, “facto”, “acto”, “projecta” (encontradas no conto ) são escritas em português, porém suas grafias não são comuns a todos os países lusófonos. Pesquise rapidamente no Google e veja como são escritas no Brasil.

III) “No vôo sereno, a menina questiona a ordem das coisas”. Reescreva a frase para que a palavra em destaque fique em consonância com o “Acordo ortográfico da Língua Portuguesa.”

---

### 3ª aula

#### Atividades de Pós-leitura

##### Curiosidades

I) Mutola é a representação de uma heroína Moçambicana. Quem é ela? Por que ela é tão importante para Moçambique? Veja o vídeo e recolha essas informações. (2m48s até 3m46s)



---

---

---

---

II) Há alguma heroína em seu país? Quem? Por que ela é tão importante?

Após responder a essas perguntas, registre [aqui](#) (nesse documento compartilhado), “sites” onde podemos encontrar mais informações sobre essa heroína.

##### “Mão na massa”

III) Inspirados por “Mutola, a ungida” façam manchetes (exercício 1) concernentes à mensagem do conto. Apresente-as à turma como se fosse apresentador (a) de um telejornal.

Com consentimento dos alunos, essa atividade será gravada e divulgada no Youtube como forma de promover a luta por igualdade de gênero na nossa sociedade.





IV) “Paulina vive e trabalha na Zambézia. Em 2016, anunciou que decidiu abandonar a escrita porque está cansada das lutas travadas ao longo da sua carreira.”

<https://pgl.gal/pauina-chiziane-escritora-feminista-mocambicana/>

Vamos ajudar Paulina Chiziane a voltar a sua atividade como escritora?!!!

Proponho a seguinte ação:

Em sua rede social (Facebook, Twitter, Instagram etc.) poste um trecho de “Mutola, a ungida” de que mais gostou, acrescentando as seguintes “hashtags”: #euleiopaulinachiziane #mutola #literaturamoçambicana #literaturalusofona. Veja os exemplos:



**Gisele Pessanha**

12 de junho às 17:40 · 🌐



“As falas espessas correm como um rio de águas negras. Ela não mergulha. Esquiva. Enrola-se sobre o milheiral aguardando que a maré negra passe. Mas as ondas crescem e o caso reúne homens de peso, que apresentam argumentos de peso e tomaram decisões de muito peso.”

[#euleiopaulinachiziane](#) [#Mutola](#) [#literaturamoçambicana](#)  
[#literaturalusofona](#)



**Gisele Pessanha**

12 de junho às 19:06 · 🌐



“Os sonhos humanos só se quebram, quando no espírito a fragilidade existe”.

[#euleiopaulinachiziane](#) [#mutola](#) [#LiteraturaMoçambicana](#)  
[#literaturalusofona](#)

**Atenção: A postagem deve ser PÚBLICA.**

## **Avaliação e *Feedback***

Chegamos ao fim do nosso curso literário. A sua opinião é muito importante para que aprimoremos as nossas aulas. Peço, por gentileza, que preencha o formulário a seguir e contribua com críticas (construtivas) e sugestões.

Acesse: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C\\_Ji6b4JA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfrelZfmQYWcn0d80x1I-LE4sibfUsJFB5p3HV-6C_Ji6b4JA/viewform?usp=sf_link)

Foi um imenso prazer tê-los aqui!!

Até a próxima!!

## **Comentário à proposta**

Esta proposta didática, por meio do conto “Mutola, a ungida” da escritora Paulina Chiziane, obedeceu a alguns critérios de seleção. O primeiro que cito tem a ver com a promoção da Língua Portuguesa como “pluricontinental e policêntrica”. Esta é falada e escrita de maneiras múltiplas revelando referências culturais e aplicações sociais distintas (Novo Atlas da Língua Portuguesa, 2018, p. 14). Portanto, não há hierarquia entre as variedades da língua. O português de Moçambique desponta, dessa forma, como um espaço lusófono ainda não muito explorado pelos materiais didáticos. Há em Moçambique uma oralidade literária bem característica da sociedade e que muito pode contribuir para as aulas de português como língua não materna.

A escolha pela Paulina Chiziane nasceu primeiramente após a divulgação do resultado do Censo 2017 em Moçambique, cujo resultado mostrou que 49.4 % das mulheres moçambicanas eram analfabetas. Sob esse cenário, Paulina Chiziane escreve sobre as injustiças cometidas por uma sociedade patriarcal e as denuncia através dos seus textos literários. Em suas obras, ela retrata temas cujo cerne se encontra na figura da mulher e na constante ameaça ao seu protagonismo. O conto “Mutola” foi o escolhido por ser uma representação de uma mulher que muito significa para a autoestima de Moçambique: Maria de Lurdes Mutola. Além do mais, a temática do conto é atual e permite um debate crítico, um aprimoramento de competências comunicativas e interculturais.

Tipologias textuais diversas foram utilizadas promovendo a aprendizagem de forma receptiva e produtiva: notícias de jornal, redes sociais, aplicações educativas, escritas criativas e debate entre os alunos.

Em suma, as abordagens propostas objetivaram fornecer aos alunos uma aproximação a uma escrita literária feita por uma mulher negra moçambicana, que carrega em suas palavras a língua portuguesa embebida pelos seus dizeres locais. O estudo da diversidade cultural e linguística enfraquece estereótipos e estimula o senso crítico. Possibilita, portanto, o conhecimento da identidade do outro e o entendimento próprio como sujeito atuante em múltiplas realidades sociais.

## Referências

- CHIZIANE, P. (2016). *As Andorinhas* (2ª ed.). Maputo: Matiko & Arte, LDA.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.
- RETO, L., Machado, F., & Esperança, J. (2018). *Novo Atlas da Língua Portuguesa* (Imprensa Nacional- Casa da Moeda ed.).

## Conclusão

A presente dissertação propôs-se apresentar propostas didáticas concernentes ao QERCL, primando por um aprendizado voltado para a interculturalidade. Ademais, preocupou-se em evidenciar a essencialidade de textos literários em aulas de português como língua não materna, como forma de alargamento de competências histórico socioculturais entre os aprendentes dessa língua. Os TL's selecionados estão à margem do ensino, fazendo com que sua didatização seja uma ferramenta necessária para a democratização do saber. A escolha de Moçambique e de sua literatura de escrita feminina representou o despertar para aulas mais diversas e inclusivas, além de oportunizar conhecimentos novos e fecundos.

Entretanto, ainda há barreiras a serem transpostas no trilhar desse caminho pedagógico: preconceitos, estereótipos, ignorância etc. Estas atravancam a possibilidade de um ensino mais plural. Os professores são peça-chave de uma mudança que se faz premente no ensino de português como língua não materna. A eles cabe o papel agregativo entre diferentes culturas, na promoção de um aprendizado integral. Todavia, a existência de cursos de formação docente de PLNM, que abranjam esta diversidade, é ínfima dado a demanda necessária para um efetivo aprimoramento. Neste cenário, são percebidos alguns curtos passos galgados rumo a melhorias: já há materiais didáticos que contemplam literaturas marginalizadas, porém em insuficiente ocorrência. Textos literários de autoria feminina africana ficam ainda mais à margem nas seleções didáticas.

Portanto, esta proposta ansiou subverter ao já praticado e trazer à luz escritos pouco ou nunca usados em aulas de PLNM. Outrossim, almejou propiciar o ajuntamento de mais ideias, no confluir para uma prática docente mais zelosa e abrangente. Por fim, configura-se como um diversificado material de consulta a todos os docentes que atuam no ensino do português como língua não materna.

## Bibliografia

- Adão, D. (2006). Novos espaços do feminino: uma leitura de ventos do apocalipse de Paulina Chiziane. Em I. Mata, & L. Padilha, *A mulher em África- vozes de uma margem sempre presente* (pp. 199-207). Lisboa: Colibri.
- Adedeji, E. (2006). A problemática do amor e casamento na literatura africana escrita pela mulher. Em I. Mata, & L. Padilha, *A mulher em África- vozes de uma margem sempre presente* (2ª ed., pp. 409-420). Lisboa: Colibri.
- Alfieri, N. (2023). Noémia de Sousa, ou ser "África da cabeça aos pés" em tempos de colonização. Lisboa: Universidade de Lisboa/CHAM.
- Arnfred, S. (2015). Notas sobre gênero e modernização em Moçambique. *Corpos, trajetórias e valores: perspectiva de gênero, famílias e reprodução social em contextos africanos*, 45, pp. 181-223.
- Baldus, H., & Willems, E. (1939). *Dicionário de etnologia e sociologia*. São Paulo: Companhia editorial nacional.
- Barradas, A. (1991). *Ministros da noite- Livro negro da Expansão portuguesa* (4ª ed.). Lisboa: Antígona.
- Batoso, A. (2018). A literatura africana de autoria feminina: vozes moçambicanas. *Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli*, 7(1), 156-182.
- Cabaço, J. (2007). *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. São paulo: Universidade de São Paulo.
- Casimiro, I. (Dezembro de 1986). *Transformação na relação homem/mulher em Moçambique 1960-74*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Casimiro, I. (2014). *Paz na Terra, guerra em casa- Feminismos e organizações de mulheres em Moçambique*. Pernambuco: UFPE.
- Censo. (2017). *IV Recenseamento geral da população e habitação*. Maputo.
- Chiziane, P. (2003). *Ventos do Apocalipse* (3ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Chiziane, P. (2016). *As Andorinhas* (2ª ed.). Maputo: Matiko & Arte, LDA.
- Chiziane, P. (2021). *Niketche, uma história de poligamia* (6ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Constituição da República popular de Moçambique. (25 de junho de 1975). *Boletim da República*. Moçambique.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2006). *Breve Gramática do Português Contemporâneo* (20ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- De Sousa, N. (2001). *Sangue Negro*. Associação dos escritores moçambicanos.
- Decreto-lei nº 39.666. (1954). *Estatuto dos indígenas portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique*.

- Dutra, R. (2006). Niketche e os vários passos de uma dança. Em I. Mata, & L. Padilha, *A mulher em África- vozes de uma margem sempre presente* (2ª ed., pp. 309-315). Lisboa: Colibri.
- Eagleton, T. (2000). *The Idea of Culture*. Oxford: Blackwell.
- Europa, C. d. (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições Asa.
- Fonseca, M. N. (2002). Corpo e voz em poemas brasileiros e africanos escritos por mulheres. Em C. Duarte, & M. Scarpelli, *Gênero e Representação nas literaturas de Portugal e África* (Vol. III, pp. 36-47). Belo Horizonte: Coleção Mulher & Literatura.
- Franco, G. (2019). A interculturalidade no ensino de PLE: metodologias ativas e políticas linguísticas. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, 48, pp. 1386-1399.
- Hamilton, R. (2006). Niketche- A dança de amor, erotismo e vida: uma recriação novelística de tradições e linguagem por Paulina Chiziane. Em I. Mata, & L. Padilha, *A mulher em África- Vozes de uma margem sempre presente* (pp. 317-330). Lisboa: Colibri.
- Iglésias, O. (2006). Na entrada do novo milénio em África, que perspectivas para a mulher moçambicana? Em I. Mata, & L. Padilha, *A mulher em África- Vozes de uma margem sempre presente* (2ª ed., pp. 136-154). Lisboa: Colibri.
- Macedo, T. (2014). "O difícil ofício de lavar a paciência": Achegas sobre a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa. Em A. Neuschäfer, & F. Quintale, *Sprachen literaturen kulturen- Vozes femininas de África ( poesia e prosa )* (pp. 15-27). Frankfurt: Peter Lang.
- Masseko, F. (2019). A guerra dos 16 anos em Moçambique: causas nacionais e internacionais. *Revista Nordestina de História do Brasil*, 2, pp. 120-136.
- Mello, G. D. (2014). Balada. Em A. Freudenthal, P. H. Magalhães, & C. Pereira, *Antologias de poesia da casa dos estudantes do Império- 1951-1963* (Vol. II, p. 204). Moçambique: União das cidades capitais de língua portuguesa ( UCCLA ).
- Momplé, L. (1988). *Ninguém matou Suhura*. Associação dos escritores moçambicanos.
- Momplé, L. (2012). *Neighbours* (1ª ed.). Porto Editora.
- Muianga, A. (2019). *O domador de burros e outros contos*. São Paulo: Kapulana.
- Mutzenberg, R., & Veras, E. (2019). *Literatura, pensamento social e movimento de mulheres: um mosaico moçambicano*. Recife: UFPE.
- Ngwembe. (1974). Guerrilheiro guia do povo. Em FRELIMO, *Poesia de combate I* (p. 13). Maputo: Departamento de Trabalho Ideológico.
- Noa, F. (2019). *Perto do fragmento, a totalidade- olhares sobre a literatura e o mundo*. São Paulo: Kapulana.
- Noa, F. (2019). *Uns e Outros na Literatura Moçambicana- Ensaios*. São Paulo: Kapulana.

- Osório, C. (2002). Poder político e protagonismo feminino em Moçambique. Em B. Santos, *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa* (pp. 419-451). Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Padilha, L. (2006). Bordejando a margem. Em I. Mata, & L. Padilha, *A mulher em África- vozes de uma margem sempre presente* (2ª ed., pp. 469-487). Lisboa: Colibri.
- Ramon, M. (2017). O binómio língua-cultura no processo de ensino: aprendizagem de português. *Português como língua estrangeira, de herança e materna;*, pp. 23-32.
- Ramon, M. (2022). O texto literário como recurso didático para o ensino-aprendizagem de PLE: pressupostos, desafios e propostas. *Revista de centro de estudos humanísticos-diacrítica*, 36, pp. 267-276.
- Reto, L., Machado, F., & Esperança, J. (2018). *Novo Atlas da língua portuguesa* (2ª ed.). Portugal: Imprensa nacional.
- Salgado, M. (2011). Neighbours: de violências, mulheres, mudanças... e homens. *Revista Diadorim/Revista de estudos linguísticos e literários do Programa de Pós-Graduação*, 9.
- Santos, A. (2015). A literatura no ensino de línguas estrangeiras. *Revista Línguas & Ensino*, pp. 40-57.
- Sieber, C. (2014). Lília Momplé: Ninguém matou Suhura ( 1998 )- Desconstrução narrativa dos mitos coloniais. Em A. Neuschäfer, & F. Quintale, *Sprachen literaturen kulturen- vozes femininas de África ( Poesia e prosa )* (pp. 127-139). Frankfurt: Peter Lang.
- Silva, T., & Casimiro, I. (2 de Junho de 2015). Movimentos Sociais e Movimentos de Mulheres em Moçambique. *A ciência ao serviço do desenvolvimento? Experiências de Países Africanos Falantes de Língua Oficial Portuguesa*, pp. 55-74.
- Xavier, L. (2007). A Língua como elemento de cultura: (in) traduzibilidade das variantes do português. *Colóquios da Lusofonia*, pp. 79-83.